

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOL. 3 ANO 2013- SEM CORTES (CRÓNICAS 124 A 136 - 2013)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE

O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS. (HECTOR BERLIOZ)

Ficha técnica – Outras obras do autor:

LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS
2018 FOTOEMAS foto book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas ISBN: 9781388351083
2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas
2018. CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf
2018. CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores.-uma-circum-navegacao-vol.1--3%C2%AA-ed-2018.pdf
2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada
2'17, revisão, compilação e Tradução de "O mundo perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta ed. LIDEL
2017. Poema "Maria Nobody" IN VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED.
2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Universidade da Beira Interior, org. Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório
2017. "Três poemas açorianos" in Antologia ed. Artelogy dezº 2016
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", in "Povos e Culturas - A ilha em nós", Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", capítulo do livro "A condição de ilhéu", Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2016, compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor "Um missionário açoriano em Timor" vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café
2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/
2015. Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. 2015
2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016
2013. Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais
2012. Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0
2012, Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras 2012 - ISBN 9789728985646 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf
2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf
2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf
2012, Tradução "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.
2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD – 1ª ed. 2005-2012 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol.-2-Historia-de-Timor.pdf https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992 http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf
2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras
2011, CrónicasAçores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras http://www.calendario.pt/index.php?id=246&cat=203&pid=55
2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor
2009, CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, online https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-cores/oclc/357576846&referer=brief_results
2009, CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009
2008, Tradução para inglês de "S. Miguel uma ilha esculpida" Daniel de Sá, Ed. VerAçor.
2008, Tradução de "Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel" Victor Rui Dóres, prelo, ed. VerAçor.
2008, Prefácio e Revisão "A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada
2007, Tradução para inglês "E das pedras se fez vinho" de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal
2007, Tradução para inglês, "Santa Maria Ilha Mãe" Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal
2005, coautor tradução para português "The Lost painting" Jonathan Harr, ed. Presença
2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf - http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005).pdf
2004, tradução para português "A People's War" de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal
2004, tradução para português, "Dien Bien Phu" de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal
2002, tradução de "La familia: el desafío de la diversidad" Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal
2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) (1ª ed.) http://www.ebooksbrasil.org/microrader/cronicasCA.lit http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor0.pdf
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&referer=brief_results http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-
1999, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758 https://www.worldcat.org/search?q=chrystelllo&fq=&dblist=638&fc=ap:25&at=show_more_ap%3A&cookie
1991-2011 Yawuji Barra e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baia, ed. 1991-2011 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf
1985 crónica X Aborígenes na Austrália https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf
1981, Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf , http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqi-Volume-3-4#scribd
1974, Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf
1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQL.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf

Contacto do autor: (+351) 919287816 drchryschrystelllo@yahoo.com.au / chryschrystelllo@journalist.com

Crónica 0

Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) que foi poeta, escritor, conferencista, professor, tradutor, criador de jornais e revistas, disse certa vez de Platão e Aristóteles que colocaram "dois sistemas opostos diante da mente do mundo". E disse mais: "Todo homem nasce aristotélico ou platónico. São duas classes de homens, ao lado das quais é praticamente impossível conceber uma terceira". Platão ambicionava a sabedoria do além, do mundo das ideias, do qual o nosso mundo é apenas uma sombra pálida. Idealista. Aristóteles procura a sabedoria aqui, com os dois pés no chão. Foi Aristóteles um dos primeiros a procurar uma verdade objetiva sem a necessidade de "mágica". Aristóteles aconselhava a não discutir com qualquer um, uma recomendação que confirma a famosa Lei de Murphy, segundo a qual quando a gente discute com um idiota poderia ocorrer que outros não percebessem a diferença. A conduta, os artigos, a forma cétrica e irreverente de JC falar, sempre obcecado por ser "politicamente incorreto" já há muito denotavam aquilo que o velho Aristóteles categorizava como um "idiota".

Nesta fase adiantada da minha vida, era mais um *homo domesticus* que ficava em casa, incapaz ou sem querer interferir de forma ativa nos assuntos da "civitas". Não aceitava como minha a responsabilidade de lutar sozinho contra déspotas, tiranos, corruptos, medíocres, ao contrário do que fizera já, sem grandes resultados, durante várias décadas. Um autor açoriano, de seu nome Daniel de Sá, já o havia intuído:

Existe um "castelo" na Lomba da Maia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono. Foi assim batizado por aquele escritor, por lá se avistar (dia e noite) um castelão, agarrado ininterruptamente ao seu computador, organizando os Colóquios da Lusofonia.

De facto, dali do topo da sua "falsa" (o nome micaelense para o sótão) a minha janela abria-se sobre todo o mundo: podia observar os mares e os montes, as vacas, as eternas brumas que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era a chuva inclemente e impiedosa que vinha ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, ela abatia-se sobre o seu "castelo" e as grossas gotas corriam pela sua janela e toldavam-lhe o juízo, arrefecendo a sua paciência oriental. Mas não foram essas chuvas quem apagaram o fogo da minha paixão pela verdade, equidade, justiça e liberdade, extinto há muito pela sublimação do hábito que torna os quotidianos em tarefas cada vez mais pesadas, quando o desespero se apossa subitamente, sem premeditação. Martelava ferozmente o teclado em frente ao qual gastei a última grossa de anos (não eram doze dúzias, mas assim lhe pareciam) da sua vida, deixava que a vida lá fora corresse sem pressas. Devagarosamente debitava palavras que a gaveta iria consumir com a humidade que, aliás, era muita naquela ilha sempre verde. Sempre a gaveta para onde desde miúdo atirava tudo o que produzia na esperança de um dia lhe vir a ser útil.

Felizmente sempre tive a mania de escrever e guardar o que escrevia. Assim cheguei a ler tudo o que escrevi ao longo de mais de meio século. Eram notas, pequenos apontamentos, escritos e manuscritos de caligrafia variável como os estados de alma, de vários tamanhos, formatos e estilos, que se haviam acumulado em pastas não catalogadas nem sequer ordenadas de qualquer forma específica. Outros ocupavam o lado outro de folhas A4, recicladas de traduções, notícias e outras. Foi um trabalho longo. Ler e rever tudo o que me aparecia escrito e descortinar o que era real, inventado ou meramente sonhado. Alguns faziam parte de escritos e reescritos já publicados, outros nem por isso, e havia os mais recentes publicados já sob o pomposo e deshumble título de *Crônicas: uma circum-navegação*. Uma vez na posse daqueles arquivos preciosos (e muito ficara por ler e desvendar, para memória futura) a minha tarefa fora interpretar e colocar geograficamente os eventos nos locais por onde passara, que nem um caixeiro-viajante do mundo, sempre impaciente e insatisfeito em busca de uma pátria, uma mãe, um lar.

E é sobre essa fluente e vasta escrita que este livro versa. Já aprendera isso com o meu pai e repetia-o até à exaustão pois a experiência ditava-me de que poderiam ser úteis tais anotações. Já o tinham sido por várias vezes. Era difícil aos que me rodeavam compreenderem aquele frenesim, aquela angústia de escrever e por muito que lhes explicasse (o que já deixara de fazer havia tempo) recusavam-se a ver a minha irrepreensível lógica. Sabia que tinha uma missão diferente de todas as outras e teria de a levar a cabo, embora sem ter cartas de marear nem rotas nem itinerários. Era quase um eremita rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de se deixar contagiar pelos clamores externos. Não havia ambiguidades na minha postura, optara por ser aquilo que atualmente era. Já não tinha nem ressentimentos nem ilusões. Já passara o tempo da dor, limitava-me a sorrir pouco e rir qb. A vida passada só fazia sentido para o ego que fora meu, mas já não era. Não poderia repeti-la agora. Tê-la-ia vivido da mesma forma se confrontado com idênticas circunstâncias. O presente devia ser aproveitado sem os hedonismos do passado, com a frugalidade que o meu padrão de vida me permitia, sempre otimista quanto aos melhores dias que podem sempre vir, quando menos se espera, sem nunca desesperar.

Considerava-me um privilegiado, vivi três vidas numa só. Criei três carreiras distintas que prossegui em paralelo e nada de material tinha para mostrar, mas trazia comigo uma pesada bagagem de conhecimentos e cultura que teimava em acarretar sempre que mudava de residência. Tal como George Steiner em "Os livros que não escrevi" não se definia politicamente, eu nunca declarava abertamente as minhas ideias políticas, nem a minha verdadeira posição. Afirmei sempre nunca pertencer a nenhum partido ou clube, e dessa forma reneguei qualquer afiliação que pudesse ter existido nos meus anos formativos. Mesmo quando visualizava os espetáculos desportivos não me deixava levar pelas emoções ou por simpatias, via friamente o que o pequeno ecrã me proporcionava e chamava àquilo o meu entretenimento gratuito. Evitava a todo o custo pronunciar banalidades e raramente subscrevia manifestos. Pelo contrário ridicularizava a impreparação dos jornalistas que debitavam decibéis em telejornais vazios de conteúdo, incitava-os a fazerem as perguntas corretas sem medo de perderem os seus empregos. Raramente via uma coluna vertical e proba naqueles escribas atuais, meus colegas de profissão, sempre de costas vergadas à censura económica dos seus patrões. Raros os editoriais ou artigos de opinião que subscrevi, pois poucos podiam escrever livremente e menos ainda os que os queria ler. Muitas vezes no meu blogue e nas minhas crônicas, fazia análises da conjuntura mundial ou nacional usando meramente o senso comum e interrogava-me porque é que o povo à minha volta não podia ver as coisas com a mesma clareza e transparência com que eu as via.

Escolhi esta forma de isolamento, quiçá aprendido da obra de Nietzsche que fora bandeira da minha juventude revolucionária, de aprendizagens várias. Afirmei sempre prezar imensamente a incomensurável liberdade de expressão e de discussão que a revolução de abril (1974) nos trouxera. Tinha esse desprendimento próprio de quem nunca perdoava ter tido o meu primeiro livro de poesia, quase juvenil e inóspita, cortado pelo lápis azul da censura e reduzido a um terço da sua dimensão. O meu retiro no "castelo" aparentava uma passividade que não me era inerente, mas era assim que eu reagia ao desapontamento da democracia conjugado com uma utópica visão do mundo que herdei dos muitos livros

que li, sobretudo na infância e juventude. Temia todos os totalitarismos e fundamentalismos, e já não receava ser acusado de elitista. Nauseavam-me os espetáculos de voyeurismo que as televisões colocavam no ar, sem intimidades, nem privacidades, como se fosse a transposição de tudo aquilo que os malfadados formulários burocráticos haviam conservado de cada um e os resolvesse expor na praça pública para deleite geral. Uma espécie de Maria Antonieta no cadafalso para todos verem e vilipendiarem. Era similar às ações encenadas dos políticos para todos verem o que pretendiam que vissem, como se as decisões sobre o presente e o futuro do país se definissem através desse jogo de sombras chinesas ou de marionetas indonésias.

Teologicamente definia-me como ateu e não como agnóstico, mas lamentava-me de ter perdido a fé com que cresci, embora ainda hoje me limitasse a aplicar na prática todos esses bons ensinamentos. Ironizava ser mais católico do que muitos praticantes do rito romano, e de ter feito mais bem sem olhar a quem, do que muitos daqueles que se continuavam a benzer, e a ir comungar num espetáculo de voyeurismo público que me repugnava. Ao decidir ficar em casa, no meu "castelo" era uma espécie de observador neutral do mundo que se desenrolava a meus pés, ainda, e sempre, convicto de que os seres humanos podem ser iguais, independentemente do seu género ou sexo, da sua nacionalidade ou cor de pele. Estava, porém, lucidamente consciente, desta utopia, pois haveria sempre os favorecidos pela "sorte", os ricos (e quem enriquece à custa de trabalho honesto?) e todos aqueles cuja única missão no mundo era contrariar os meus arreigados princípios de probidade e dedicação a causas perdidas. Estava consciente de que a lei, qualquer que ela seja, qualquer que seja o país, está cheia de iniquidades e favorece obviamente os ricos e os corruptos e quem se "lixo é sempre o mexilhão", pois são sempre os pequenos e os incómodos que servem para dar exemplo da luta contra o nepotismo e corrupção.

Bastava nascer-se no Congo ex-belga, em Kiribati (no Pacífico Sul) ou na Terra do Fogo para as hipóteses de futuro serem radicalmente distintas daquele que nasceu no palácio de Buckingham, só para dar um exemplo dum "rapaz da sua idade". Embora não tivesse nascido com deformações ou deficiências genéticas viria a adquirir uma perigosíssima estirpe viral: a do conhecimento e da insaciável sede pelo mesmo. Aí, congratulava-me por não ter nascido cego, pobre de espírito, ou delinquente. Outra deficiência que adquirira em novo, por influência paterna, tinha a ver com a sôfrega sede do direito inalienável à liberdade de expressão e de pensamento, uma malformação congénita que me valera muitos dissabores pessoais e profissionais ao longo da vida.

Viera um dia, descendo das nuvens que pairavam sempre sobre estas ilhas, como quem não quer poisos certos e acabei por ceder ao peso das dúvidas e das dívidas. O meu andar não era tão ereto nem certo como fora em tempos, a cabeça baixa, os olhos baços e encovados do cansaço e desespero. Arrastava-me penosamente pelo calendário dos dias, sem deixar grandes marcas além das baforadas dos cigarros sorvidos sofregamente. Tinha ainda uma missão a cumprir na vida, das duas ou três que guardara para estes anos finais quando as chamas se apagavam e os sonhos esmorecidos não passavam já de memórias. Atribuía o facto à idade, embora me gabasse de envelhecer suavemente, sem pressas nem negações, mas finalmente deixei de lutar e de sonhar com as áreas vastas e os horizontes sem fim, mais típicas do meu australiano continente-ilha. Aliás, sabia que estava a ficar caduco desde aquele dia em que ao espirrar me saltara a dentadura postiça com estrondo para cima da secretária. Aqui e agora, estava tolhido pelas colinas verdes, as tais vacas alpinistas, as brutais variações climatéricas diurnas, a neblina de mar que vislumbra pela sua janela. O verde afetava-me quase tanto como a frequente falta de sol de que carecia para a função clorofilina. Obrigara-me a nunca me queixar, a estar sempre contentado sem nunca me contentar. Resignado deveria ser o termo, mas fingia que nada me afetava nem inquietava. Isto passava-se enquanto as dúvidas e os temores me assolavam, cada vez mais frequentemente, se bem que numa escala metafísica pouco consentânea com as preocupações mais comezinhas daqueles que me rodeavam.

Tomara-me taciturno, quase monossilábico, não tinha com quem dialogar, eram todos surdos em volta e falavam uma língua diferente com sotaques estranhos e quiçá incompreensíveis. Sentia-me estrangeiro. Duas vezes ao ano partilhava palavras com os meus pares ideológicos nos Colóquios da Lusofonia, mas para isso precisava de organizar esse tipo de reuniões intelectuais à custa de muita labuta e sem proveito qualquer. Perguntava a mim mesmo se era este o preço a pagar para poder falar. Sempre falara, e muito, e agora via-me calado e ensimesmado. Deixara de viajar frequentemente, como fizera toda a vida, e os locais estranhos eram visitados apenas no pequeno ecrã com que entretinha as horas que não passava a teclar.

Politicamente incorreto até à medula, sem ser libertário, raramente deixava perceber quais os meus ideários, mas nunca me cansava de falar em liberdade, em especial, a de expressão e de opinião. Falava da liberdade individual como se ela fosse mais vital do que o pão para a boca ou o dinheiro para pagar as contas. Era de opinião de que todos deviam ter a liberdade que eu (e nós próprios) temos e por isso não me coibia de dizer **não** quando o entendia, em vez de cortesmente dizer sim quando a mente me dizia não. Não pactuava com falsas noções. Era por isso socialmente incorreto quando dizia que não tinha aparecido porque não lhe tinha apetecido ir, ou quando afirmava que preferia ficar em casa, no meu "castelo" a juntar-se às proles.

Aliás, sem cerimónia dizia que me custava estar no meio de multidões, e havia já escrito em 1972 no meu primeiro poema que abria o volume de poesia [Crónica do Quotidiano Inútil] "

-- 11 h.

A correr do café com leite para o elétrico torrado.

Palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.

-- Quinze tostões.

Direito a empurrões, pisadelas.

O pó é grátis

por vezes, o cheiro da democracia custa a engolir...".

Devia ser uma ideia premonitória, dado que quando o escrevera ainda não vivera a democracia, pois decorria então a dita primavera marcelista estiolada que foi o estertor do Estado Novo salazarista. Mas é sempre difícil os outros aceitarem estas declarações verdadeiras e honestas, ninguém gosta de saber que alguém não quer estar connosco e prefere ficar sozinho. Não aceitam que seja preferível uma pessoa ficar em paz e sossego consigo mesmo, essa coisa banal que se resume a estar consigo mesmo e não com os outros.

Há momentos para tudo, para estarmos connosco e momentos para estarmos com os outros. Era dessa liberdade que falava e que procurava, quando não estava bem com algo, não deixava que isso me atormentasse e punha termo ao mal-estar. Mesmo que isso implicasse os outros sentirem-se aparentemente ofendidos e tristes por se preterir a companhia deles ao silêncio dum teclado a ser martelado suavemente com ideias. Era dessa liberdade que falava e era essa liberdade individual que prezava mais do que tudo. Era avesso a todas as formas de dirigismo ou de manipulação, queria decidir por mim mesmo, ainda que inconscientemente estivesse a ser manipulado ou influenciado pelo que lia e ouvia.

Já tinha sido assim quando me proibiram de fumar em locais públicos australianos no fim da década de 80 e depois quando em Portugal a mesma cegueira protecionista da saúde se abateu sobre cafés e outros locais em janeiro de 2008. Para mim tratava-se de mais um fundamentalismo que não estava disposto a aceitar. Se as minhas idas ao café já eram pautadas por períodos limitados a mero conjunto de segundos, frações minúsculas de minutos, estes passaram a ser mais curtos ainda, pois embora habitualmente não acendesse um cigarro após o café, passei a acendê-lo apenas para provar que o podia fazer quando queria e não quando os outros deixassem. A minha relação com os outros era sempre problemática e resumia-se à minha aversão pelos ditames alheios. Fora assim com a autoridade paternal, com as autoridades militares no decurso da minha vida como oficial do exército e no decurso da minha vida profissional. Era avesso aos “carneiros” e talvez por isso mesmo acabaria por casar com uma pessoa desse signo.

Despeitava a inveja alheia, noção que me era alienígena, pois invejava nada ou ninguém. Criticava os outros pela fachada que mantinham, pelos estereótipos com que se regiam: conversas balofas e mesquinhas, sem profundidade. Ansiava por conversas profundas, preferia argumentos “intelectuais” ou até mesmo “pseudointelectuais” em que se esgrimissem argumentos, ideias e propostas concretas de melhorar o mundo, pois isso nem a sociedade, em si, nem os políticos, em especial, se encarregariam jamais de fazer. Acreditava que podia marcar a diferença e começava as revoluções em casa.

Deixei sempre aos filhos a liberdade de escolherem a sua vocação religiosa quando tivessem idade, nunca ia à missa só porque sim, como o meu pai fizera sempre, acompanhando religiosamente a minha mãe, essa sim praticante dessas coisas do culto da missa. Os tempos eram outros e não havia já aquele estigma forte de se ser um não-praticante ou um não frequentador de missas. De qualquer modo acreditava ser coerente. Ao contrário dos meus pais, que raramente me deixavam usar o telefone, cedo coloquei telefones nos compartimentos todos da casa para que o filho mais novo pudesse falar ao telefone ou usar a internet, com moderação. Lembrava-me ainda do tempo em que o telefone tinha apenas trinta centímetros de fio e uma pessoa tinha de ficar ali agarrada aquele pedaço de baquelite preto a falar por monossílabos, com o resto da família perscrutando as ondas e o éter a conjeturarem toda uma conversa que se queria privada. Mais tarde, inventei um sistema com um fio de extensão do telefone que se ligava na tomada e dava para esticar o aparelho pelo resto da casa. Fosse onde fosse que me fechasse: no quarto, na casa de banho, na varanda, já podia falar com privacidade, mas só o fazia de noite quando os pais já dormiam para poder falar longamente... infelizmente o filho tinha um desprezo para com o telefone igual ao que ele agora sentia por esse meio de comunicação retrógrado e que raramente utilizava por prazer. Mais voltado para as novas tecnologias e um típico autoensinado, o filho desfazia-se em digressões e divagações tecnológicas cibernéticas sempre em busca de descoberta do Santo Graal mesmo que não o soubesse nem sabendo bem o que procurava.

Nasci em 1949, fruto dum pós-guerra que abalou profundamente os alicerces da minha família. De abastada em 1906 e possuidora de três carros durante a 1ª Grande Guerra, pouco se via da velha família com laivos de nobreza. A família sobreviveu mal à Grande Depressão de 1929 com grandes perdas financeiras e a sua redução a uma mera burguesia “cheia de pergaminhos nobres, mas sem cheta” como soía dizer-se então. Embora crescessem a falar francês, inglês, italiano ou castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza. Tinha, também, muito orgulho no apelido Meira, cuja origem descobri ser muito antiga.

Família que tomou o apelido de Meira no bispado de Tui (Galiza) o mais antigo que se conhece é Rodrigo Afonso de Meira, senhor do solar de Meira. Mais tarde Gonçalo Pais de Meira, alcaide de Guimarães que, com seus filhos, organizou a defesa da praça, ao serviço da Corte de Espanha, livrou do cerco a cidade de Guimarães no ano de 1369.

Dizia a lenda que saíra da nossa posse um Palácio na Galiza, por um tio-bisavô do lado Meira, que se recusava a tornar espanhol e por isso perdeu todas as propriedades em Espanha dado que os não-Espanhóis estavam então proibidos de possuir terras e bens. Mas a sua verdadeira identidade nunca descobri nem encontrei ligação nossa do lado Meira (radicado em Afife, mas originário de Lugo, Santa Maria de Meira) nem desse antepassado que alegadamente havia sido o dono do Pazo de Meirás em El Ferrol, que é um Palácio de Verão pertença da Coroa espanhola, mas só muito mais tarde vim a descobrir que parecia nunca ter havido ligação nenhuma a esse Palácio de Verão que o ditador Francisco Franco “anexara” na década de 1930 e do qual usufruía por 36 verões consecutivos e que hoje recusam devolver ao estado.

Embora crescêssemos com a capacidade de falar castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza.

As origens de outro ramo da família datam de 960 d.C., anteriores a Afonso Henriques, a cujo aio judeu estavam ligadas pelo casamento da filha de Egas Moniz, ou seja, anterior à formação do próprio Condado Portucalense e de Portugal.

No que diz respeito ao apelido este originou-se com D. Sancho Nunes Barboza, senhor da Quinta de Barboza, na terra do mesmo nome. Era seu solar a Quinta de Barbosa, no termo do Porto, donde tomaram o nome, no lugar de Barbosa, na freguesia de S. Miguel de Rãs (Penafiel, Norte de Portugal). Segundo Miguel de Sousa (in “As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas”, SporPress, 2001), os Barbosas foram uma importante família nobre portuguesa no século XII, mas que entrou em decadência nos séculos XIII e XIV. D. Sancho Nunes Barboza era descendente de D. Nuno Guterres, aliás Conde D. Nuno de Cela Nova, filho do Conde D. Teobaldo Nunes, um dos mais ilustres e valorosos cavaleiros do tempo do rei D. Bermudo II de Leão. D. Nuno era irmão de S. Rosendo, famoso bispo de Dume no ano de 925. Este nome pode ter sido documentado muito antes da data mencionada acima. Apelido português toponímico, indica um lugar onde há muitas barbas de bode ou barbas de velho (espécie de planta). Como topónimo, José Pedro Machado (in Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa) considera que Barbosa é originalmente um adjetivo na expressão «(terra) barbosa», isto é, «(terra) onde haja abundância de plantas chamadas barba» (ver barba no Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, de António de Morais Silva, 2.ª edição).

A ligação ao título de Conde de Celanova permaneceu na família durante gerações, mas por razões que não vêm ao caso já não estão atuais. Havia também uns primos diretos, mais velhos do que eu, nascidos no Brasil e lá residentes, que queriam o título, a que legitimamente tinham direito por consanguinidade e hierarquia. Passados os dias difíceis da Grande Depressão quando o meu avô morreu (1930) em que terrenos, casas, propriedades e fábricas foram sucessivamente roubados por outros membros da família ou perdidos na voragem da bancarrota, a família sobreviveu à Segunda Grande Guerra.

A Quinta do Cabeço em Afife foi uma das perdas mais sentidas pelo meu pai. Cheguei a conhecer as suas casas de infância, uma na Rua Visconde de Setúbal e Rua da Regeneração (atual Rua João das Regras, onde está um tribunal

agora), mas as casas de verão na Foz e Matosinhos onde passavam o Verão já não as conheci. Consta que alguns membros da família (em especial um cunhado que era contabilista do meu avô) a quem dera apoio com trabalho e benesses foram os que mais se aproveitaram dele estar em maus lençóis.

Ainda viríamos a herdar algo que eles deixaram por não terem descendentes). Com a derrocada financeira e subsequente morte do patriarca viria a impossibilidade de o meu pai acabar o liceu e ter de se resignar a acabar os estudos numa Escola Comercial, tendo cedo começado a trabalhar nos escalões inferiores duma multinacional norte-americana¹. Entretanto, de tenra idade o meu tio, irmão mais velho do pai, emigrou para o Brasil (teria uns 7 ou 8 anos, por volta de 1918) com um tio-avô que ali fez fortuna e deixou descendentes que ainda hoje continuo a descobrir.

Segundo consta, e era tradição oral, o meu pai escandalizou o resto da família e teve de arcar com um certo e duradouro ostracismo. Casara em 1948, segundo o culto católico romano, com uma mulher trabalhadora, noção de todo herege aos olhos do conservadorismo familiar, cheio de pergaminhos, de manias de aristocracia (falida) e sangue azul. Dir-se-ia que nascera, assim, no seio duma atmosfera hostil. A minha mãe era professora primária numa altura em que mais nenhuma mulher (na família do meu pai) trabalhava ou sequer pensava nessa hipótese. Eram, então, todas as restantes mulheres da família de seu pai respeitáveis donas de casa, com tradições a venerar e manter, enquanto tocavam piano e falavam francês, segundo o provérbio popular. Era às criadas que competiam as tarefas de cuidar das crianças, educá-las, ensiná-las, enquanto outras colegas mais qualificadas se encarregavam dos trabalhos domésticos divididos por tarefas como limpezas e cozinha. Aos pais do sexo masculino (nessa altura, os pais eram ainda apenas um de cada sexo) competia trabalhar, manter o bom nome da família, e prover a todas as necessidades (expressas ou não) desta

Do meu lado materno viriam os apelidos Menezes, Madureira, Rodrigues, Magalhães, Moraes e Alves todos consignados ao distrito de Bragança.

Ali teriam toda a sua ancestralidade, ligada entre outros a Dom Nuno Álvares Pereira (1360-1431) descendente de Desidério, último rei dos lombardos, que tentou invadir Portugal e tomar a Galiza em 740 (D. Afonso I). Os Pereira estabeleceram-se em Trastâmara antes da chegada dos mouros. Eram senhores do Castelo de Lanhoso. Aos 16 anos casou com D. Leonor de Alvim, um casamento de conveniência. Deixou descendência a quem D. Duarte deu o título de Duques de Bragança.

Nunca vi a clarificação dessa ligação genealógica à família da minha mãe e mantinha-me cético em relação à mesma. Já não havia dúvidas quanto ao resto da família embora me intrigassem alguns relatos de que um meu bisavô materno teria sido cônego, casado e pai de filhos, mas também aí nunca descobri a confirmação do sacerdócio desse antepassado, embora houvesse muitas dúvidas matrimoniais não-consubstanciadas em documentos.

Como poucos na família se interessavam pelo assunto e como havia uma política de silêncio profunda, os poucos dados de que dispunha fui-os arranjando na fase monárquica da juventude quando passava as férias nas aldeias transmontanas em busca de histórias e lendas de família. Parecia não restar dúvida, quer pelas imagens quer pelo resto, de que se tratava de uma família (pelo lado materno) com inúmeras ligações a judeus novos ou marranos. Renegados por todas as gerações até aos meus dias, havia os nomes típicos de cristãos-novos como Ester (hebraico: estrela) e Jesuína (latim: aquela que crê em Jesus) que não deixavam grandes dúvidas, a menos que se ignorasse a etimologia dos mesmos. Seriam um peso grande a acarretar durante a vida estas heranças genealógicas das quais só viria a libertar-se muito mais tarde.

Rompendo com a tradição iria ajustar a minha identidade à persona que aceitei como meu alter-ego e com a qual teria de coabitar para o resto dos dias. A minha mulher jocosamente comentara um dia que o meu grande problema existencial era saber qual dos dois venceria o duelo, eu ou o meu alter-ego. Fora importante esta dicotomia para definir a minha personalidade, independentemente das heranças genéticas e outras. Sempre quisera construir o meu rumo sem transportar o peso morto das expectativas, e uma albarda cheia de nomes como alguns membros da família chamados – por exemplo – Alberto Eduardo Miguel Carlos Manuel Filipe José Pedro Arcanjo Francisco e seus respetivos apelidos. Cingir-me-ia, por exemplo, às iniciais JC ou JCC tomadas no seu sentido mais lato como as do filho do deus dos cristãos. Não seria isto mais uma demonstração da minha não-aceitação de destino marrano, e a necessidade de reafirmação da minha cristandade?

Em minha casa no Amial, viviam os meus pais, a minha avó paterna, duas irmãs de meu pai ainda solteiras e a tia-avó Orbela (então separada ou já viúva) que faleceria dois anos depois. Os meus pais levantavam-se muito cedo para irem trabalhar e eu ficava a cargo da empregada e da minha avó, que eu sempre considerei uma pessoa adorável e terna, mas que nunca trabalhara um dia em toda a sua vida e jamais se capacitara de que a família não era rica como dantes.

Vivia num mundo seu, encapsulada num vórtice temporal que nunca transcendeu. Os primeiros quatro anos da minha vida eram preenchidos por longos passeios pela Estrada da Circunvalação Interna no Porto, pois vivíamos no Bairro Garantia, Vivenda Estremadura, na Rua do Amial, mesmo junto a essa saída de portas, antiga barreira fiscal que impedia a entrada e saída de pessoas desse burgo que era o Porto. A casa ainda existe e aparte uma pintura exterior não parece ter mudado nada desde que de lá saímos. No entanto absteve-me de ir bater à porta e pedir para visitar o sítio onde passei os primeiros anos de vida, como quem parte em busca de soluções para problemas que desconhece, ou em busca de pistas para a minha maneira de ser conturbada.

As lembranças dessa época são mais decorrentes das fotos que vi e das quais retive ou recriei uma memória dos eventos por via fotográfica. O que mais persiste na lembrança, e disso não vi fotos, é o enorme fogão a lenha que havia na cozinha e o hábito de a minha avó tomar ao lanche um chá com leite, o chá inglês como ela lhe chamava e que por vezes me convidava a acompanhá-la. A casa tinha dois quartos para a frente, dois laterais, além da sala de jantar e cozinha. Se bem que tenha uma vaga recordação da maior parte dos quartos e da sala e cozinha, há dias interrogava-me onde estava localizada a mobília de escritório do meu avô, que o meu pai herdou.

A minha avó tinha no quarto de dormir uma pianola onde se entretinha a tocar e que mais tarde deixou de fazer parte da nossa mobília quando mudámos. Foi para casa da minha tia (irmã mais velha do meu pai) porque a minha mãe achava que era um "mono" demasiado grande para um apartamento e como não era dada às músicas viu-se livre da pianola e mandou a minha avó tocar em casa dos outros. Ainda está em casa deles.

Na casa do Amial havia uma criada ou "sopeira" como era vulgo conhecida em calão da época (nome usual na época, antes de se passarem a denominar empregadas domésticas, ou auxiliares de serviços domiciliários) que nos acompanhou na mudança e, mais tarde, casou de nossa casa para emigrar para França. Quando regressou de férias, tinha eu sete anos servi de padrinho ao filho dela, meu único afilhado o José Alberto Cortez que nunca mais vi e deve ter cinquenta anos... e a única coisa que o padrinho lhe deu foram os dois nomes...pequena herança.

¹ (Mobil Oil, então chamada Socony Vacuum pela junção em 1931 da Standard Oil Co. de Nova Iorque (Socony) e a Vacuum Oil Co. Em 1955 tornou-se Socony Mobil Oil Co., e em 1963 Mobilgas, ou Mobil Oil, que finalmente em 1999, foi adquirida pela Exxon)

Rudyard Kipling está celebrizado pelo «lf» («Se») que é exatamente o oposto daquilo que rege os Colóquios «Não prometemos, fazemos». Só que, desta vez, saboreamos o verdadeiro significado da insularidade, ou seja, o acre travo das provações climatéricas que quase iam comprometendo de forma terminal o 20º Colóquio marcado para 14 a 17 de março na Maia, Ilha de São Miguel, Açores. Uma depressão cavada e estacionária por cima do arquipélago trouxe chuvas torrenciais, ventos ciclónicos, desabamentos de terras, naufrágios e um total de seis mortes a estas ilhas tão fustigadas e impediu a aterragem de aviões de Lisboa e Porto a partir do dia 12....

Os nossos oradores e presenciais que iriam chegar a partir daquela data começaram a ver os seus voos adiados, cancelados e mais de 1120 pessoas esperavam nos aeroportos de Lisboa e Porto um voo para a Ilha do Arcozelo. Todos os planos foram literalmente por água abaixo. Recorreu-se ao plano «B», mas novos cancelamentos e adiamentos, horas desesperantes de espera no aeroporto Papa João Paulo II, na Nordela em PDL, fizeram gorar novas esperanças.

De volta ao computador se elaboraram planos alternativos enquanto os telemóveis se agitavam com mensagens, telefonemas e adiamentos ou cancelamentos. Os planos que se seguiram ao "B" quase esgotavam o alfabeto disponível e decidimos cancelar tudo o que se estava previsto para o primeiro e segundo dias do evento.

No jantar de boas vindas, em vez de 25 pessoas éramos seis ou sete. Na manhã do primeiro dia estava anunciada uma palestra na escola da Maia, sobre a paz, por Dom Ximenes Belo, Prémio Nobel da Paz 1996 e a apresentação da Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos em dois volumes. O lançamento tinha sido anunciado em toda a ilha por todas as escolas e não podia ser alterado, mas o resto da programação desse dia incluindo a abertura formal do Colóquio, Livraria Solmar e um jantar oferecido pela Associação Agrícola de São Miguel tudo foi alterado. Cancelaram-se recitais, atuações de grupos musicais e passeio para incluir as sessões formais do Colóquio no sábado dia 16. Finalmente pelas 11 e meia da manhã de dia 15 começaram a chegar oradores e presenciais...em três aviões consecutivos de Lisboa. Remarcou-se o almoço na Maia onde acabamos por ter mais de 20 pessoas e logo a seguir a este almoço improvisou-se uma audiência na escola para a palestra de Dom Ximenes Belo.

Depois recolheram todos ao Hotel onde nos reunimos para jantar ainda sob intensa chuva que iria persistir com intensos e cerrados nevoeiros.

O 19º Colóquio começou assim no sábado e prolongou-se apenas até domingo, um dos mais curtos eventos desde o seu dealbar em 2001-2002, caracterizado pela presença de personalidades ilustres que, pela primeira vez, estavam presentes como a representação do Camões agora denominado Instituto da Cooperação e Língua, e o Diretor Executivo do ILLP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa) da CPLP, entre outras personalidades.

Tudo correu dentro do apertado horário com a precisão de um relógio suíço, sem mais percalços ou incidentes, e uma boa integração dos elementos que – anteriormente – nunca estiveram nos nossos convívios. Depois das boas vindas pelo Presidente da Junta de Freguesia da Maia (esta foi a primeira vez que os Colóquios se realizaram numa freguesia), Jaime Rita fez a apresentação da mostra de Artesanato local e de fotografias da Maia, havendo igualmente a abertura da mostra de livros da editora Calendário de Letras. Depois, dois vídeos, a história e as belezas e riqueza da Maia e outro da AICL; recapitulando em imagens os 18 Colóquios anteriores.

Seguiram-se os discursos oficiais começando com o do Presidente da AICL

Senhor representante do Presidente do Governo Regional Dos Açores, Subsecretário Regional da Presidência para as Relações Externas, Dr Rodrigo Oliveira

Senhor Presidente Da Câmara Municipal Da Ribeira Grande, Dr Ricardo Silva

Senhor Presidente Da Junta De Freguesia Da Maia, Jaime Rita

Demais Entidades Regionais,

Monsenhor Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, nosso convidado de honra neste Colóquio

Álamo Oliveira, nosso escritor convidado e homenageado neste Colóquio

Caros/as académicos/as, caras e caros associados/as, Minhas senhoras e meus senhores

A todos agradeço a participação nesta cerimónia formal de abertura do 19º Colóquio da Lusofonia da AICL. Agradeço em especial o patrocínio da Junta de Freguesia da Maia sem o qual não seria possível termos reunidos aqui académicos e lusófilos de tantos países e regiões. A todos dou as boas vindas a esta costa norte da Ilha de São Miguel, tantas vezes esquecida ao longo dos séculos, e mesmo mais recentemente quando fica afastada das rotas de visitantes e turistas. Estamos em pleno coração da zoina histórica da Maia, ativa freguesia do concelho da Ribeira Grande, situada entre as suas congéneres de S. Brás, a ocidente; a Lomba da Maia, a nascente; e os concelhos de Vila Franca do Campo e Povoação, a sul. A sede da freguesia, inclui os lugares da Lombinha da Maia e da Gorreana, ocupando grande parte de uma fajã vulcânica geologicamente muito jovem, com apenas dez mil anos.

Segundo a Enciclopédia Açoriana, a Maia terá sido fundada nos finais do séc. XV, por Inês da Maia, nativa de terras do Lidoador perto do Porto. Na ilha havia então dois municípios, os de Vila Franca do Campo e de Ponta Delgada. O primeiro historiador, o douto Gaspar Frutuoso² fala das curiosidades da freguesia, dos moinhos, do dia-a-dia e dos primeiros povoadores que tiveram intenção de a fazer vila sem o conseguirem.

Em termos eclesiais, a paróquia cedo ganhou alguma relevância fazendo parte da Ouvidoria de Vila Franca, a única em S. Miguel. Só em 1698 foram criadas as Ouvidorias de S. Sebastião em Ponta Delgada e N. Sra. da Estrela na Ribeira Grande. Por razões geográficas, a paróquia do Divino Espírito Santo da Maia foi incluída na de N. Sra. da Estrela. Entretanto, as obrigações fiscais passaram a ser cumpridas na Ribeira Grande, mas só em 1820 a Maia ficou a fazer parte deste concelho. No entanto, em 1916 esta paróquia foi integrada como limite ocidental da Ouvidoria dos Fenais da Vera Cruz (Fenais da Ajuda) aquando da criação de novas Ouvidorias. A sua malha urbana apresenta um desenho de ruas paralelas orientadas na direção norte-sul, unidas por travessas de orientação leste-oeste, situação muito rara nos Açores. Dadas estas características, foi classificado como património regional o centro urbano ao redor da Igreja paroquial, dedicada ao Espírito Santo, e construída de 1796 a 1825. Entre os seus edifícios notáveis, encontra-se o Solar de Lalém, do séc. XVIII e XIX, e onde foi incorporada a ermida de S. Sebastião de 1687. Ali se realizaram em 87 e 89 dois Encontros de escritores açorianos, e onde João de Melo recebeu o seu primeiro prémio literário³, pelo livro Entre Pássaro e Anjo.⁴

Diz Vamberto Freitas em 2011 no artigo Do Bar Jade ao Grupo Balada⁵ abril 9, 2011

"O movimento e o debate de ideias nos bastidores levaram ao primeiro encontro da Maia organizado por Daniel de Sá, Afonso Quental, Carlos Cordeiro e, mais tarde, Urbano Bettencourt, Silva Melo e José Bettencourt da Câmara, que dinamizariam no Solar de Lalém essa convivência que, durante alguns dias, juntava escritores e estudiosos residentes no arquipélago, no Continente e na Diáspora, inclusive Brasil. ... A açorianidade tomava agora várias formas, era vivida e escrita nas mais longínquas geografias marcadas pela nossa presença histórica. ... A escrita açoriana entrava numa outra fase de universalidade que naturalmente se revia nas mais variadas formas, nos mais originais e por vezes inesperados temas., para além do isolamento e subdesenvolvimento, emigração e guerra colonial. Quem não queria ser identificado como «escritor açoriano» ou ser incluído num corpo literário definido como «literatura açoriana» estava mais do que livre para seguir o seu caminho sem nunca ser hostilizado, muito menos «excluído» do grupo. "Tentamos, em memória desses Encontros, que a comitiva ficasse alojada no mítico, e ora privado, Solar de Lalém, mas preços exorbitantes, exigências e alterações ao previamente definido e acordado levaram-nos a buscar outras paragens e daí estarmos alojados no paradisíaco coração da ilha em pleno Vale das Furnas.

No lugar da Gorreana aqui na Maia, produz-se o famoso chá do mesmo nome, sendo este laborado na única fábrica que se manteve ativa, sem interrupções, desde o terceiro quartel do século XIX. A situação geográfica da Maia, numa zona do concelho em que há uma acentuada descontinuidade em relação ao conjunto formado pela cidade da Ribeira Grande e freguesias mais ocidentais, e o seu relevo geográfico, fizeram da Maia uma alternativa para as populações da zona na busca de bens e serviços que normalmente só são acessíveis nas sedes de concelho, daqui derivando as suas legítimas aspirações ao longo dos últimos 500 anos para ser vila mas cremos que será apenas uma mera questão temporal até que isso aconteça. A zona costeira da Maia dispõe de excelentes condições para a natação e mergulho, sendo os fundos marinhos circundantes dos melhores da ilha, quer no que respeita à paisagem subaquática quer no que se refere às espécies e quantidade de peixes observáveis. Encontra-se referida como «O Reduto do logar da Maya» na relação «Fortificações nos Açores existentes em 1710»⁶ A Capitania Geral dos Açores reportava o seu estado em 1767: «§20.º — No logar da Maya se conservam alguns vestígios de que houve alli um Forte chamado do Espírito Santo, e se deve novamente edificar, pela necessidade que tem aquelle sitio de ser defendido.»[2] Esta estrutura não chegou até aos nossos dias.

Nos últimos dois anos tem-se assistido a uma rica panóplia de eventos destinados a celebrar os 5 séculos da Maia cuja data exata não consta dos arquivos, o que vem provar a vitalidade desta freguesia que tem sob a liderança de Jaime Rita, a visão e a coragem de se abalançar a ser a primeira freguesia a receber um Colóquio da Lusofonia o que, decerto, ficará na história e servirá de exemplo nestes dias conturbados em que por mor da crise, a cultura é das primeiras rubricas a serem penalizadas nos cortes de apoios governamentais a todos os níveis. Ao apostar neste apoio incondicional aos Colóquios, quando alguns municípios o declinaram, a Junta de Freguesia da Maia deu um exemplo de que os cidadãos não precisam só de obras de construção civil, ou da solidariedade social autárquica, nem apenas das hortas comunitárias, nem só dos festivais pagãos e religiosos como também se lhes deve dar a hipótese de poderem receber uma tão nobre audiência como esta, onde a Lusofonia está aqui representada por gente de vários países e regiões como Açores, Alemanha, Austrália, Bélgica, Brasil, EUA, Galiza, Macau, Portugal, Roménia, Timor-Leste. A cultura e a educação são a maior riqueza de um povo que não se contabiliza na fria natureza dos números da economia e finanças.

2 No Livro IV, de Saudades da Terra (1591),

3 Da Associação de Cultura e Recreio a Balada

4 <https://www.facebook.com/photo.php?pid=643314&l=6050921c0b&id=197544470350413>

5 http://vambertofreitas.files.wordpress.com/2011/04/maia_foto1.jpg

6 <https://vambertofreitas.wordpress.com/2011/04/09/do-bar-jade-ao-grupo-balada/>

6 No contexto da Guerra da Sucessão Espanhola (1702-1714)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Reduto_da_Maia_%28Ribeira_Grande%29#cite_note-1

Um povo culto está ao lado dos governantes na busca de soluções para as crises, um povo orgulhoso da sua língua não se deixa silenciar para pagar as dívidas da banca mundial. É esse povo que visamos conquistar nos Colóquios da Lusofonia.

Todos sabemos que a história sempre se fez de guerras e de casamentos entre as tribos, hoje faz-se pela globalização económica que desconhece as fronteiras marcadas em tempos imemoriais pelos homens e é aí que a língua comum assume um papel vital de moeda de troca entre os povos. Mesmo muitos daqueles que sempre se insurgiram contra a Lusofonia surgem agora como vocais e aparentes paladinos da mesma, como instrumento de captação de um mercado de mais de 240 milhões de almas.

Se a guerra dos afetos entre povos irmãos parecia exclusiva da coutada dos poetas, eis que agora - timidamente - desponta o interesse económico nessa cruzada da língua comum, como motor capaz de inverter políticas centralistas e nacionalistas de séculos.

Nisso reside a grande arma que devemos utilizar, neste longo caminho de sobreviver através da língua e cultura comuns, em vez de ficarmos marginalizados em variantes e dialetos, redutores da enorme identidade global que é a Lusofonia sem distinção de nações, credos ou etnias. Advogamos sempre que um povo que lê não se deixa esmagar pela fria ditadura dos impostos, não se deixa dominar e toma decisões conscientes, necessidades bem prementes nestes dias de globalização neoliberal desenfreada, guiada pelo paradigma único do lucro a qualquer custo. Sem desmerecer os méritos do sistema capitalista, apostamos mais na Humanidade feita de homens e mulheres com princípios sãos.

Sustentamos a igualdade, a justiça e o mérito irmanados por um poderoso elo comum: a língua de todos nós - seja ela de origem ou adquirida -, mas a língua em que comunicamos, trabalhamos e vivemos. Esse laço comum não distingue nem discrimina. Podemos fazer a diferença, congregados em torno dessa ideia abstrata e utópica de irmanação pela Língua numa escrita unificada. Podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência. Esta a verdadeira Lusofonia que propugnamos. Não somos donos da língua apenas meros amantes e utilizadores da mesma, e nela queremos congregar não só os países de língua oficial portuguesa como todas as comunidades onde existam lusofalantes independentemente da sua matriz de origem. Não queremos um Quinto Império para reviver falsas glórias de outrora, pretendemos apenas dar voz a todos os que se expressam e trabalham nessa mesma língua, queremos partilhar a enorme riqueza da língua comum, com enorme valor no PIB, como elo motriz que a catapulte da sua eterna semiobscuridade para a ribalta dos fóruns mundiais onde já é a quinta mais falada ou no seio da internet onde surge como terceiro idioma mais usado.

Dito isto, somos - como organizadores deste 19º Colóquio, a AICL - associação internacional dos Colóquios da Lusofonia, um exemplo da sociedade civil atuante em torno de um projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais. Depois de termos ido ao Brasil, Macau e Galiza queremos voltar ao Brasil, ir aos EUA e Canadá, a Cabo Verde, Roménia, Timor-Leste e a outros países. A nossa ação, desde 2006, na divulgação da açorianidade literária é o exemplo vivo de como concretizar utopias com esse esforço coletivo que é o contagioso espírito de grupo que nos irmana e nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos desde que em 2001 iniciámos os Colóquios, para patentear que era possível ser-se organizacionalmente INDEPENDENTE e descentralizar estes eventos sem subsidi dependências. Estabeleceram-se nestes anos várias parcerias e 21 protocolos com universidades, politécnicos e outras entidades que possibilitam embarcar em projetos mais ambiciosos com a necessária validação científica. Nos Açores, agregamos académicos, estudiosos e escritores em torno da identidade açoriana, escrita e tradições, na perspetiva de enriquecimento da Lusofonia, sempre com as suas diversidades culturais que, com a nossa podem coabitar.

Pretendemos divulgar a identidade açoriana não só nas comunidades lusofalantes, mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, onde lentamente estão a ser feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos. Por isso, em todos os Colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução, importante forma de divulgação da língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores estrangeiros. A este propósito, um dos mais usados projetos destes Colóquios a Antologia Bilingue para as comunidades da diáspora, lançada em 2011, tem esta tarde o lançamento da sua versão monolíngue, trata-se da Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos em 2 volumes e edição da Calendário de Letras.

Em linha desde janeiro 2012 disponibilizamos gratuitamente no nosso portal, www.lusofonias.net, os CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS⁷ que trimestralmente publicámos, estando já disponíveis dezena e meia de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Serviram de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades da Universidade do Minho e que ambicionámos levar, um dia, numa plataforma em linha para todo o mundo, além de servir de iniciação para os que querem ler excertos de obras de reconhecidos autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram no mercado livreiro. Há marcas indeléveis de insularidade que acompanham os autores açorianos nas suas peregrinações, um elo comum que abarca os autores compilados nos Cadernos Açorianos, entre tantos que escrevem tendo por pano de fundo os Açores como espaço cultural de forte marca identitária. Gostava de chamar a vossa atenção para os dois últimos Cadernos Açorianos, um dedicado a Victor Rui Dóres e o outro ao dramaturgo Norberto Ávila que hoje se junta a nós pela primeira vez, acompanhando o escritor homenageado ÁLAMO OLIVEIRA. Em outubro 2012, levámos os Colóquios a Ourense na Galiza, parcela esquecida da Lusofonia que foi o berço da língua de todos nós, e ora tenta reunir-se com as demais comunidades lusofalantes. Ali lançámos o MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico, um contributo para a política da língua no Brasil e Portugal. Vivemos hoje uma encruzilhada semelhante à da Geração de 1870 e das Conferências do Casino. Embora maioritariamente preocupados com os aspetos mais vastos da linguística, literatura e história, somos um grupo heterogéneo unido pela Língua comum a todos nós e que configura o mundo, sem esquecer como Wittgenstein disse que o limite da nacionalidade é o limite do alcance linguístico. Resta apenas que mais e mais gente se junte à AICL - Colóquios da Lusofonia - para irmos mais longe e levar o nosso MANIFESTO a todos, incluindo os países de expressão oficial portuguesa e que sirva de ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a ajuda e dedicação de todos muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil para que juntos possamos fortalecer o que nos une e que é património imaterial de tantos.

Fala-se hoje mais Português em Angola e Moçambique do que no tempo da presença portuguesa apesar da forte competição das línguas nativas. Em Goa existem mais de 15 mil falantes e há um recrudescimento do interesse pela língua portuguesa com novos livros publicados mais de 50 anos após a extinção da presença lusófona. Em Macau, a língua portuguesa é mais falada e estudada hoje do que quando os portugueses lá estavam. Lembro a importância da língua portuguesa em contextos hostis como no caso de Timor-Leste onde sob a ocupação neocolonial indonésia, as novas gerações impedidas de falar Português começaram a usar esta língua como língua de resistência. Como segunda língua oficial há dez anos o número de falantes nem a 5% chegava e hoje já há mais de 25%. Vários idiomas da Tailândia, Malásia, Índia e Indonésia têm centenas de palavras portuguesas bem como a língua japonesa: álcool, veludo, jaqueta, bolo, bola, botão, frasco, irmão, jarro, capa, capitão, candeia, castela (bolo de pão-de-ló), copo, vidro, tempero, tabaco, sabão, sábado, choro, tasca, biombo etc. Há ainda um idioma próprio Papiá Kristang (língua cristã) ou português de Malaca falado na Malásia, Singapura, Tailândia, Ceilão e Indonésia constituído por palavras portuguesas com formas gramaticais diferentes. Existe ainda o Patuá de Macau, mas em vias de extinção.

Por último gostava de lembrar a honra que temos neste biénio 2013-2014 de homenagear Álamo Oliveira, um autor que como tantos outros não tem a projeção que merece pela sua vasta e rica obra. Nos Colóquios tentamos seguir as indicações que recebemos e uma das questões colocadas aquando da antologia bilingue foi a de termos deixado de fora as mulheres na escrita açoriana (excetuando Maria de Fátima Borges). Sempre abertos a sugestões e críticas adotou-se para este 19º Colóquio o tema 1, AS MULHERES NAS LETRAS AÇORIANAS. Curiosamente, apesar da extensíssima divulgação que este 19º Colóquio teve, a maioria das escritoras açorianas contemporâneas ignorou esta oportunidade. Mesmo assim, posso anunciar aqui em primeira mão que iremos prosseguir como estava programado com uma nova Antologia no feminino, sob o tema Açores 9 ilhas 9 escritoras.

A língua não é só um meio de comunicação nem uma arma económica, ela expressa o sentimento dos povos, permite a preservação das lendas e narrativas, recria as baladas dos bardos, favorece a leitura dos clássicos, aproxima povos e perpetua o ADN nacional. Vamos continuar a criar intercâmbios entre os Açores e o resto do mundo para incrementarmos relações culturais entre as regiões e comunidades onde se fala a mesma língua. Dou agora a palavra ao convidado de honra Dom Ximenes Belo, seguido do nosso escritor homenageado Álamo Oliveira, da representante da Presidente do Camões, Dra. Ana Isabel Soares, do Presidente da edilidade Dr Ricardo Silva a que se seguirá o representante do Presidente do Governo Regional, senhor Subsecretário Regional da Presidência para as Relações Externas Dr Rodrigo Oliveira. Seguiu-se depois a primeira sessão dedicada inteiramente à homenagem a Álamo Oliveira, começando por um produzido pela AICL com apoio técnico do nosso associado Instituto Politécnico da Guarda⁸, e a surpresa de um trio de professores da escola da Maia a interpretarem O rimance de Dona Baleia em versão musicada por eles. Depois, era a grande surpresa, dois poemas de Álamo «ganga azul» e «eu fui ao Pico e piquei-me» traduzidos em várias línguas e apresentados ao vivo ou em gravação nessas línguas. Um projeto colocado no portal com as traduções noutras línguas.

Seguiu-se uma apresentação da colega Rosário Girão e Manuel J Silva da Universidade do Minho sob o título «o poeta do banco verde», a tradutora norte-americana Katharine Baker apresentou «traduzir os poemas Berkeley e São Francisco» de Álamo Oliveira e Chrys Chrystello fez uma resenha genérica das obras do autor terminando com a excecional obra «A Traceira de Jasus»

O almoço, oferecido pela Junta de Freguesia, foi de Sopas do Divino e carne do mesmo, servidas no salão da Fábrica de Chá da Gorreana (devido ao mau tempo) com apoio de alunos da escola profissional das Capelas. Depois passou-se aos trabalhos da parte de tarde com uma sessão de poemas escolhidos e ditos pelo autor Álamo Oliveira. Nessa sessão Rolf Kemmler da UTAD, continuou a sua saga de estudos de trabalhos feitos por estrangeiros sobre os Açores no fim do séc. XIX e início do séc. XX. Vilca Merízio do Estado de Santa Catarina, falou de dois autores desconhecidos dos seus tempos na Universidade dos Açores e Rolf apresentou outro trabalho sobre Luiz Mascarenhas Gaivão e a sua obra, antes da Concha Rousia da Academia Galega da Língua Portuguesa debater a influência da Galiza na poesia de Chrys Chrystello.

A dupla Augusto Rodrigues (Universidade de Brasília) e Simona Vermeire da Roménia (Universidade do Minho) acabou por ser notícia sendo os únicos que não conseguiram voar tempo de chegarem aos Açores para o 19º Colóquio, deixando apenas Luís Gaivão no último painel do dia a debater a literatura angolana contemporânea na obra de Manuel Rui, acompanhado de Perpétua Santos Silva na Racionalidade e afetos na relação com a língua portuguesa em Macau.

Entretanto na RTP Açores, no mais divulgado e popular programa Atlântida, havia um especial dedicado ao Colóquio com reportagens sobre Álamo Oliveira e painéis onde entrevistaram Norberto Ávila, Helena Chrystello, Ana Isabel Soares (do Camões e ainda Laura Areias que todos disseram ter corrido muito bem. <http://www.rtp.pt/programa/tv/p29930/e6>

Apressadamente, digiram-se todos para Ponta Delgada onde, na Livraria Solmar (Avenida) ao bater das 19.00 se fariam as apresentações literárias deste Colóquio.

Chrys começou por falar de Timor e do fardo que transportou ao longo de 24 anos em que foi uma das poucas vozes no jornalismo mundial dedicado ao problema da independência de Timor-Leste, servindo isto de prelúdio para a apresentação da sua trilogia da História de Timor em CD, composta pelo livro 1 Timor-Leste o dossiê secreto (1973-1975), livro 2 Historiografia de um repórter (1982-1993) e livro 3 Guerras tribais, a história repete-se (1984-2006).

7 <http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-videohomenagens-bibliografia/2015-08-07-21-29-07.html>

8 <http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-videohomenagens-bibliografia/video-homenagens/2027-2015-08-08-07-49-03.html>

Crónica Açores: uma circum-navegação, volume 3

Depois Concha apresentou o livro dos 40 anos de vida literária CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL uma compilação das Obras Completas do autor incluindo a reimpressão do primeiro volume publicado em 1972, o volume dois (1967-1975), volumes 3 e 4 (1970-1982) e o novo volume 5 após um hiato de 20 anos que reúne poesia escrita entre 2010 e 2012.

A seguir, Helena Chrystello em nome dela e da outra coautora Rosário Girão falou desse extraordinário projeto dos Colóquios a Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos (17 autores em dois volumes) que embora anterior no tempo, sucede à Antologia bilingue de 15 autores lançada em 2011 e que faz parte do Plano Regional de Leitura e vai ser submetida para consideração para o Plano Nacional de Leitura.

Por último Concha Rousia apresentou a sua mais recente obra Nântia e a cabrita d'ouro, um romance infantojuvenil efabulado na própria história da Galiza.

Seguiram depois os conferencistas para o jantar que lhes era graciosamente oferecido pela AASM, Associação Agrícola de São Miguel, em Santana na Ribeira Grande, onde se degustou o excelente bife da ilha acompanhado só de produtos açorianos, do pão ao queijo, ao vinho, ao ananás....

Tivemos o privilégio de tomar a ter no nosso seio o excelente tocador de Viola da Terra, Rafael Carvalho que já estivera no nosso Colóquio na Lagoa em 2008. Foram momentos bem expressivos que antecederam o jantar e – apesar de ter outros compromissos – e de esta sessão ter sido adiada 24 horas, o jovem Rafael não quis deixar de se associar e estar presente. Tal como na sessão de abertura em que já falara da paz, Dom Ximenes Belo mostrou-se jovial, bem-disposto e falador, contrastando com anteriores ocasiões em que sempre muito formal e mais sisudo. Dir-se-ia que estava mais à vontade e se sentiu bem enquanto os Colóquios cumpriam a sua parte e o isolavam da comunicação social como ele expressamente solicitara.

Autorizara apenas fotos nos locais por onde passou e nas intervenções formais quer nos Colóquios quer nas suas perambulações pastorais pela Igreja a Maia e outros locais de culto onde foi prestar homenagem à memória de açorianos célebres como o túmulo de Dom Jaime Goulart.

A sessão correu tão bem que a Assembleia-Geral da AICL foi adiada 24 horas...entretanto a chuva e o nevoeiro não davam tréguas e permaneceram connosco até à data em que escrevo salvo raras exceções muito curtas...

Este Colóquio estava assim resumido a dois dias bem intensos.

Era para se ter realizado em quatro dias (três dias e meio) bem preenchidos e tivemos de o comprimir em dois, mas felizmente os dois dias decorreram sem atrasos em relação aos horários previstos, nem nos almoços (dois dos quais realizados no Sagitário da Maia com mais de vinte e tal pessoas e sem demoras).

Domingo começaria com a poesia interventiva da Galiza pela voz da autora Concha Rousia antes da sessão 5 em que iriam intervir André Crim Valente da UERJ, criatividade lexical na mídia e na literatura: neologismos inusitados, seguido de EDLEISE MENDES da Universidade da Bahia desafios e perspetivas contemporâneas para o ensino de português LE/L2 como língua de cultura(s), Luciano Pereira da ESE, Instituto Politécnico de Setúbal a valorização do trabalho no contexto do ensino da língua e cultura portuguesa num virulento ataque ao mundo contemporâneo desumanizado e Ana Isabel Soares do Camões tradução para língua portuguesa da epopeia finlandesa kalevala. Depois de um aceso debate seguiu-se o Recital de Ana Paula Andrade do Conservatório de Ponta Delgada acompanhada por Henrique Constância ao violoncelo e a estreia da já famosa soprano Helena Ferreira que a todos encantaram. Houve a apresentação pública de inéditos do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro, nativo do Pico e radicado durante décadas em Macau, algumas peças do cancionário Açoriano e por último a surpresa de duas estreias musicadas por Ana Paula Andrade do poema «A Religiosa» de Álamo Oliveira e de «Maria NOBODY» de Chrys Chrystello em trabalhos de qualidade excepcional, a ouvir em <http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/musica%20poemas.htm>

Antes do almoço ainda deu para uma excelente sessão dos mestres, a sessão das Academias em que intervieram Evanildo Bechara ABL, Brasil; João Malaca Casteleiro, ACL, Lisboa, ambos com achegas ao Acordo Ortográfico: serão possíveis alterações na dupla grafia para uma unificação mais completa da ortografia?; Concha Rousia AGLP, Galiza E O AO 1990; e outra estreia neste Colóquio Gilvan Müller De Oliveira, Diretor do ILLP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa em Cabo Verde) da CPLP, do Acordo Ortográfico à geopolítica internacional da língua portuguesa no séc. XXI. Mais outro curto e intenso debate. De tarde era a vez do tema de honra «a mulher nas letras açorianas» com intervenções de Helena Anacleto-Matias, ISCAP, Porto, sobrevoando a ilha-mátria de Natália Correia, uma panorâmica; Laura Areias, CLEPUL, U. LISBOA, os anseios das insulanas; e Álamo Oliveira, escritor, Terceira, Açores, recordar Adelaide Freitas. Faltou sem aviso a escritora local Ângela de Almeida para faltar de Natália Correia.

A última sessão de palestras era ocupada com o tema Açorianos em Macau e Timor com Raul Leal Gaião, Lisboa, Açorianos Em Macau, D Jaime Goulart - Do Pico A Macau, De Macau A Timor e, Dom Carlos Ximenes Belo, Timor-Leste, Bispos Açorianos Em Macau E Missionários Açorianos Em Timor.

Houve tempo para interessante debate embora a comunicação social se tenha queixada por não poder intervir no mesmo. Entregaram-se os Certificados com a fotografia de família dos presentes, apresentaram-se conclusões e projetos novos. É nosso costume agradecer depois de cada Colóquio desta vez, porém, os agradecimentos têm um sabor especial pois ninguém desistiu de estar presente apesar dos contratempos de voo e ajudaram todos com a sua presença a fazer deste Colóquio um evento memorável apesar de ter sido dos mais curtos da sua já longa história...

Aos patronos das 3 Academias agradeço a vossa continuada presença desde 2007 que constitui um incentivo triplicado (Bem Hajam MALACA CASTELEIRO, EVANILDO BECHARA E CONCHA ROUSIA). Uma palavra de apreço muito especial a Dom Ximenes Belo pela sua alegria, jovialidade e excelente entrosamento no seio desta nossa família lusófona. Tentámos dar-lhe o máximo de espaço ao longo destes dias sem o constranger apesar das 1001 solicitações e esperamos que volte um dia mais tarde. As crianças na escola adoraram a sua presença e todos nos sentimos mais ricos com a sua bonomia e esperança em dias melhores. Foi assim que Timor ficou independente por haver gente que acreditou. Um agradecimento muito sentido ao Jaime Rita, ao Filipe Braga, Alina, Marina e Daniela e aos incansáveis e sempre solícitos condutores da Junta de Freguesia da Maia e Casa do Povo pela sua dedicação enorme que nos permitiu resolver problemas com os quais nem nós conseguíamos imaginar e que foram causados pelos cancelamentos e adiamentos sucessivos de voos. Agradecemos que divulguem pelos que aqui são nomeados.

Aos nossos outros convidados «especiais» - apesar de sermos todos iguais - a nossa gratidão por se terem integrado tão bem e tão depressa nesta nossa «família lusófona» com especial apreço pelos esforços efetuados pelo Álamo Oliveira e pelos Professores André Crim Valente, Gilvan Oliveira e Ana Isabel Soares que muito vieram enriquecer o conteúdo das comunicações. Foi graças a todos vós que creio termos conseguido atingir os nossos objetivos saindo deste encontro com tantos novos projetos que iremos construir nos próximos 2 a 3 anos.

Um último agradecimento público à sempre incansável Dona Beatriz do Rego do Hotel na Vista do Vale (hoje cheio de sol) e ao Sr. Augusto do restaurante Sagitário que conseguiram a curto prazo satisfazer todas as nossas necessidades e que nos deleitaram com uma boa culinária para encher os estômagos já que a mente a enchemos nós. Obrigado ao Jorge Rita da Associação Agrícola de São Miguel, pela oferta de 37 bifés que perdurarão na nossa memória; bem como ao Eng.º Mota da Fábrica de Chá da Gorreana por nos receber assim como ao Zé Carlos Frias da Livraria Solmar pois ambos nos fizeram sentir em casa.

A todos os que não puderam, não quiseram ou não tiveram a oportunidade de estar presentes, apenas vos posso dizer NÃO SABEM O QUE PERDERAM! Obrigado a todos pela vossa amizade e incentivos, bem hajam e até ao 20º Colóquio.

CONCLUSÕES

Incluir A Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, dois volumes, no Plano Nacional De Leitura
Projeto De Antologia No Feminino 9 Ilhas 9 Escritoras Nos Próximos Dois Anos
Projeto De Musicar (Versão Música Clássica) Poemas De Autores Açorianos
Projeto De Musicar (Versão Pop E Rock) Poemas De Autores Açorianos E Dos Colóquios
Projeto Da Junta De Freguesia Criar Um Cancioneiro Da Maia
Publicação de uma compilação de textos dramáticos a incluir no plano curricular do ensino e mais tarde no plano regional de leitura

CRÓNICA 125 PENSAMENTOS AVULSOS, ABRIL 10, 2013

O tempo amanheceu mal-amanhado, caramónico até, antes de o sol despontar e nos lembrar por que é o astro-rei que domina e ilumina os nossos dias. Nada disto faria diferença e seria mais um dia normal se eu não tivesse parado para pensar no que me rodeia, nesta nova ditadura encapotada de democracia musculada, quando o ministro das finanças resolveu parar o país e proibir despesas.

Foi então que revii a situação do país onde me encontro, da Europa onde estou inserido e do resto do mundo ocidental para dar conta de que não fui eu quem mudou, mas sim o que me rodeia.

Cresci num pós-guerra espartilhado por princípios sólidos e fortes que duravam desde antes da primeira guerra mundial, onde a palavra do homem tinha valor, bem como a sua família, honra e outras noções que hoje são alienígenas para a maior parte dos habitantes. Foram esses princípios que me trouxeram a sexagenário, sem bens materiais, mas uma enorme riqueza cultural e pessoal que não se mede em Euros ou dólares.

Não mudei, apenas o mundo circundante resolveu inverter as regras a meio do percurso e deixar-nos, a todos os que cresceram e atuaram como eu, perdidos na nova selva sem instrumentos que nos capacitem para reagir e integrar nesta nova ordem mundial da mentira, do roubo descarado, das farmacêuticas que fazem vacinas para matar gente e venderem mais vacinas, dos construtores de países em ruínas que vão para enriquecer e não reconstruir (vulgo Dick Cheney e Halliburton), de firmas que se aproveitam da crise para contratarem ao salário mínimo ou contratam como voluntários jovens estagiários desempregados ou de como a Europa [e ando a dizê-lo há meses] deixa que os novos campos de concentração sejam as ruas pejudicadas de sem-abrigo, as casas sem água nem luz ocupadas por despedidos, e os suicídios que se sucedem de gente sem casa nem dinheiro.

Esta é a nova versão da guerra, sanitizada e pura, sem disparar um só tiro. Os velhos a morrerem longe dos hospitais, que não servem já para atender aos doentes; as escolas destroçadas, sem ensinarem nem formarem novas gerações; as

universidades a produzirem licenciados, mestres e doutores do desemprego, sem dinheiro para pagar bolsas a quem merece; os pais a inscreverem os filhos nos dois principais partidos pois estes tornaram-se no principal empregador de talentos jovens...por toda a parte o que em tempos se chamava escandaloso, ministros corruptos sem irem para a prisão e a serem reeleitos, compadrios, nepotismos, favorecimentos e um sem fim de mordomias para os «eleitos».

Que mundo é este e como posso preparar o meu filho? Dizendo-lhe "vai roubar ou vai para a política para ficares rico"?

Interrogo-me como sobreviver a esta avalanche de casos que diariamente recolho sem que muitos deles cheguem à televisão, anestesiante e anquilosante, que só dá conta de tragédias, de ameaças governamentais, instilando o medo como arma principal de controlo de massas. Escrever já não basta e tem quase o mesmo efeito das manifestações públicas, mal dão para preencher intervalos nos telejornais e ninguém as vê nem se interessa.

Para se ser ministro é indispensável não ver manifs nem ver TV, além do mais os carros de alta cilindrada importados da Alemanha têm vidros fumados para esconderem a realidade.

Que nessas coisas caras não cortam eles coitadinhos que têm de se deslocar a alta velocidade, com todo o conforto em nome da nação que espoliam a cada minuto.

Interrompo para ler o que acabei de escrever num fórum a um camarada jornalista acabado de ser dispensado da RDP por telefonema «oficial» (teve sorte podia ter sido por SMS ou gravação no «voice-mail» (caixa de mensagens).

Há muito que deixei de escrever ensaios e crónicas depois do Crónicas volumes 1 e 2, 2005-2011, pois adivinhei o que estava para vir....

Agora voltei ao início, aos meus começos literários, escrevendo poesia pois, como sabes meu caro leitor ou leitora, a poesia é uma arma carregada que ninguém pode silenciar...se a minha mulher não fosse portuguesa já tinha regressado a Sydney, mas ela não tem cidadania nem idade para mais uma mudança.

Hoje mesmo foi anunciado que Deslocações dos deputados ficam fora dos cortes orçamentais da Assembleia. O Orçamento da Assembleia da República para 2013 prevê cortar 10% nos contratos de aquisição de serviços. Mas a rubrica que representa a maior despesa, 3,5 milhões de euros, não entra para as contas. Claro que tinham de ficar fora, então os desgraçados têm de fazer viagens para os seus distritos de origem, que nem conhecem e só visitam em véspera de eleições ...e têm de ir ao estrangeiro aprender como se faz... e visitar quem votou neles antes das próximas eleições para serem votados outra vez ...também há gente implicativa agora a meter-se com o custo das viagens...qualquer dia também protestam contra o champanhe francês que eles bebem no refeitório da AR a 1.50€... Nessa data alguém questionava

Help (a pergunta, 64 million dollar question, eu sei...) mas como é que se arranjam viagens em conta para os Açores (Horta) sem restrições de data? Alguém consegue comprar as tarifas promocionais?

Apressei-me a responder:

entrando na SATA ou no governo...tendo um amigo deputado, como se vê é fácil arranjar a tal viagem...claro que havia outras opções.

Tem várias hipóteses.

Conhece algum dos secretários regionais?

Conhece algum dos administradores da SATA? Se sim poderá seguir essa via.

Caso contrário pode tentar arranjar emprego na SATA que viaja de graça.

Pode sempre casar com alguém que trabalhe na SATA.

Hipóteses legais serão só estas.

Existem outras, tipo barricar-se num dos balcões da SATA ou raptar um filho de um administrador, mas que apesar de atingirem o objetivo não recomendo.

Fora estas, é pagar os 400 Euros.

Afinal de contas os Açores são um paraíso.

Vive-se num país de faz-de-conta. Como Roberto Y Carreiro escreve nesta data:

Há muito sustento a seguinte ideia: «quanto mais impostos, mais miséria». Uma sociedade só é livre e independente quando o nível de impostos é suportável e quando estes são direcionados exclusivamente para as funções básicas relacionadas com os serviços públicos ou universais e não para sustentar aristocracias de funcionalismo público e utopias ou novas experiências sociais, como de resto tem acontecido nestas últimas décadas, onde se foram criando «necessidades» para dar empregabilidade a alguns profissionais ou para beneficiar alguns setores empresariais, «fornecedores» da «res publica»... Liberdade de produzir, usufruir, poupar, gastar e - ou investir deve ser o lema para qualquer sociedade que se quer livre e próspera, tendo como balizas a Lei como mecanismo do Interesse Público e Geral e não para proteger determinados setores sociais e económicos, muito privilegiados em relação à maioria dos cidadãos, como aliás acontece na República Portuguesa, cujos efeitos e consequências têm sido aprofundados por este atual Governo de Lisboa de inspiração confiscatória e neocomunista... Conclusão: menos impostos, mais Liberdade e mais Prosperidade.

Com a promessa nesta data de se legislar a favor da idade de reforma aos 67 anos devem dar-se graças aos santinhos por ninguém se ter lembrado de que o cineasta Manoel de Oliveira trabalha aos 104 anos e podiam ter imposto a idade mínima de reforma aos cem anos! Claro que não me canso de dizer - há já alguns anos - que se entrou numa nova era, idêntica à da Revolução Industrial em que as pessoas são meros números na máquina produtiva e de enriquecimento (não das nações - desta vez - mas da banca internacional) bem reminiscente das condições que regiam os servos da gleba em tempos idos. Reafirmei-o no discurso de abertura do 19º Colóquio:

A cultura e a educação são a maior riqueza de um povo que não se contabiliza na fria natureza dos números da economia e finanças. Um povo culto está ao lado dos governantes na busca de soluções para as crises, um povo orgulhoso da sua língua não se deixa silenciar para pagar as dívidas da banca mundial. É esse povo que visamos conquistar nos Colóquios da Lusofonia.

Advogamos sempre que um povo que lê não se deixa esmagar pela fria ditadura dos impostos, não se deixa dominar e toma decisões conscientes, necessidades bem prementes nestes dias de globalização neoliberal desenfreada, guiada pelo paradigma único do lucro a qualquer custo. Sem desmerecer os méritos do sistema capitalista, apostamos mais na Humanidade feita de homens e mulheres com princípios são.

Sustentamos a igualdade, a justiça e o mérito irmanados por um poderoso elo comum: a língua de todos nós, seja de origem ou adquirida, a língua em que comunicamos, trabalhamos e vivemos. Esse laço comum não distingue nem discrimina. Podemos fazer a diferença, congregados em torno da ideia abstrata e utópica de irmanação pela Língua numa escrita unificada.

E, de volta à realidade teremos de continuar a assistir ao fim desta civilização dita ocidental que se esvai lentamente no seu próprio vómito como aconteceu ao Império Romano e a tantas outras civilizações "superiores" que dominaram o mundo em vários períodos da existência humana...

A notícia no jornal intitulava-se: Alemanha oferece ensino e emprego aos Portugueses, que mereceria este meu comentário: primeiro roubam-lhes o futuro e depois aliciam-nos a irem enriquecer quem lhes roubou o futuro. Mas, do outro lado do Atlântico a amiga Susana Antunes insurgia-se exclamando:

"... Quem é que roubou o quê a quem? Ainda bem que existem os alemães para lhe impingirem todas as culpas dos nossos males. Assim ilibamos os nossos queridos portugueses que nos governam há 40 anos e que coitadinhos têm sido atrofiados pelos alemães que NUNCA os deixaram governar! É tão bom sacudir sempre a areia de cima do nosso capote e acusar o OUTRO dos nossos males, das nossas podridões, dos nossos nojos.

Enquanto não formos capazes de olhar para os NOSSOS erros que já duram quase há tantos anos como a ditadura de Salazar, não seremos capazes NUNCA de criticar seja quem for. É preciso coragem para SER e nós ainda não temos essa coragem."

Noutras ocasiões, ou sobre outros temas, até concordaria com ela pois de facto, há erros estruturais na mente, na economia e na governação de Portugal, que datam de há quase mil anos, e se têm vindo a compor como um belo ramalhete de erros criando um permanente estado de crise, de bancarrota, de falência das instituições, da governação, das elites... Já Eça de Queiroz e Antero de Quental definiam este país (há mais de 120 anos) com uma descrição similar à atual situação. Trata-se de uma permanente crise endémica interna que se propaga de geração para geração, sem nunca melhorar e a qual, embora responsável por uma parcela da dívida portuguesa, nada tem a ver com a minha reação ao título e subtítulo desta crónica.

Aquilo a que me refiro é esta guerra global, sem cartel que os grandes bancos que dominam a economia encetaram contra todos os países e povos. Esta guerra global vem na sequência do falhanço em 2008 do Lehman Bros Bank nos EUA, do caso Madoff, e tantas outras crises bancárias que foram abafadas com a pronta intervenção do governo norte-americano para que esses bancos não falissem e continuassem impunemente a cobrar pelos seus erros aos que deles dependiam em negócios de especulação, de chantagem e de manipulação das economias mundiais. Em consequência disto, os EUA limitam-se a imprimir mais papel-moeda. Usando muitos funcionários e ex-funcionários da Goldman Sachs, esse consórcio mundial, sem cara nem nome, acabaria por colocar os seus testas-de-ferro, ou cabeças-de-turco na chefia da maioria das democracias da Europa, jogando com a solidez da economia alemã, com as ambições da sua chanceler Merkel e dando origem a uma nova Revolução Industrial em termos de relacionamento entre patrões e escravos.

O proletariado desaparece, os trabalhadores também, agora pomposamente designados como colaboradores (melhora-se a designação e baixa-se o vencimento), a quem retiram salários e regalias e depois despedem como se de um trapo usado se tratasse. A desumanização a que assistimos nos últimos anos, vai muito para além das políticas conservadoras da recentemente falecida baronesa Thatcher e do seu amigo Ronald Reagan; em muito ultrapassa já o nepotismo da clique que se escondia por detrás de George Bush, cujo rosto mais visível era Dick Cheney e a sua firma Halliburton.

Os meios de comunicação social foram, entretanto, consolidados e expressam a voz do dono e dos seus interesses - velados ou não - encarregando-se de produzir notícias catastróficas, lançando balões de ensaio sobre o pior que ainda está para vir, adormecendo, anestesiando a população com medo e entretendo-as com telenovelas, Casas dos Segredos, Big Brother e outras manifestações de atraso mental que vai surtindo efeito em populações cada vez menos educadas, mas mais diplomadas. De há muitos anos a esta parte a tática tem sido branquear a história, a cultura, o conhecimento científico tradicional, a filosofia e outras disciplinas capazes de levar os alunos a pensar. O resultado é uma massa de professores malformados, pouco conhecedores de tudo e dotados de conhecimentos mínimos que irão passar em pequena percentagem a uma população cada vez mais iletrada e incapaz de raciocinar ou formar juízos de valor. Como escrevia hoje (28/4/13) Ana Almeida em diálogo com Luiz Fagundes Duarte:

"A questão das aprendizagens fragmentadas, em monólogo, é, mais que pertinente contrariar, urgente combater, pois, sinto, que, não só ao nível da educação básica e secundária, mas sobretudo ao nível superior, este modo se instituiu e ganhou raiz, determinando métodos, pensamentos, ser e estar, veja-se, por exemplo, as dezenas de cursos que se abriram no superior de carácter muito específico e, desculpem o palavrão, afunilador do conhecimento e, conseqüentemente, do pensamento. Ouso afirmar que esta questão é, neste momento, civilizacional, tudo é tópico e fragmentado, perdeu-se o Diálogo, a multiplicidade na unidade. Voltando à questão objetiva apresentada no artigo:

Por que não sentarem-se à mesa, onde estivessem todos os programas, um professor de cada disciplina e, em vez da tradicional planificação por disciplina (objetivos, atividades, estratégias, avaliação, calendarização...) uma planificação do Ano de escolaridade, uma planificação, portanto, de todas as disciplinas?"

Olho em volta, tento dialogar e as pessoas não se apercebem destas realidades, poucos se interessam e menos ainda estão interessados em ouvir-me. Falta-lhes, por um lado, o conhecimento histórico - e, por outro -, a formação generalista que lhes permita obter uma visão global e desfragmentada de todas estas manobras de bastidores, do embrutecimento das pessoas, do ensino, da manipulação total de notícias, rumo a uma cultura do medo (sugerindo sempre que amanhã ainda será pior!), da visão repetida até à exaustão de cenas de violência (quantas séries televisivas ou filmes não estão recheados de violência gratuita, entorpecente?).

De tanto repetirem estas patranhas o povo iletrado e inculto acaba por acreditar no que lhe inculcam diariamente, nesta enorme lavagem ao cérebro a nível mundial, e é esse povo que vota sempre nos mesmos que lhes prometem mundos e fundos até serem eleitos e depois fazem exatamente o contrário do que prometeram culpando os seus antecessores.

Entretanto arranjam-se uns bodes expiatórios, umas ameaças de terrorismo como se fossem todas originárias do estrangeiro, quando muitas das vezes ele é concebido pelos próprios membros da comunidade, nativos ou não, a fim de causarem mais medo e terror e aceitarem a progressiva redução das liberdades individuais em nome da luta contra o inimigo, o terrorista.

Temos o 9/11, os recentes atentados em Boston na maratona e todo um complô de teias intrincadas que desafiam a própria credulidade.

Quem iria acreditar que os americanos eram capazes de matar cidadãos seus para aterrorizarem os restantes e os subjugar? Isso só o inimigo, o outro pode fazer... Como quase ninguém acredita (atribui-se tudo a Teorias da Conspiração) eles podem ir continuando a preparar terreno para novas guerras, novas invasões, novas expansões dos seus interesses, tudo em nome do sagrado deus do lucro a qualquer preço.

Dito isto, não me admira que os alemães que cooperam ativamente nesta manipulação das economias europeias queiram agora beneficiar do desemprego dos melhores jovens dos países aniquilados economicamente, para os indoutrinarem e beneficiarem do seu trabalho oferecendo-lhes formação e emprego a preços que nenhum alemão iria aceitar. Como os países de origem irão ficar durante décadas insolventes e sem perspectivas de futuro esses jovens não regressarão à origem indo enriquecer a Alemanha. Era esta a imagem global que queria transmitir e demorei duas páginas a explicar. O futuro está cheio de milhões de desempregados eternos, de pessoas sem-abrigo rodeadas por apartamentos vazios sem comprador, de pessoas com fome e sede no meio de boutiques da última moda, de campos por cultivar enquanto se importam comidas de outras paragens (normalmente da Monsanto e geneticamente modificadas), enquanto ao longe se vão travando velhas e novas guerras, com novas e velhas armas e táticas, ricos cada vez mais ricos, podres de ricos, tão ricos que nem sabem o que fazer ao dinheiro e pobres tão pobres que terão de pagar o ar que respiram e a água que não têm nem bebem.

Tem sido uma semana complicada, aliás diria mesmo, um mês espinhoso. Tudo começou com o nosso 19º Colóquio que quase ia sendo anulado pela chuva e falta de voos para cá. Depois, a chuva aliviou até ao rali da SATA e esta companhia aérea em permanente estado de falência, começou uma longa greve que hoje ainda se mantém para coincidir com o Santo Cristo neste fim de semana.

No rali o mau tempo manteve-se, depois vieram dias de sol até uma manhã de 30 de abril em que veio o susto. Foi um sismo muito forte (o maior desde que cheguei há 8 anos, durou perto de 1 minuto na Lomba da Maia) abanou vivamente, a nossa cama batia contra a parede, o candeeiro no hall de entrada ficou cerca de dez minutos a pendular...nada caiu ao chão, nem se partiu...exceto um passepartout...a cadela não ladrou, mas entrou em pânico... e eu, que durmo com a consciência tranquila dos justos, estava a dormir e continuei até me acordarem já a meio do sismo.

Não há danos em S Miguel, Sta Maria ou Terceira..., mas assustou mesmo quem como eu acordou a meio...pensei que tinha voltado a Timor onde isto era vulgar...pelas minhas contas depois de Díli foi o mais violento que senti até hoje...e só vem provar a fragilidade do ser humano nestas ilhas onde o culto ao Santo Cristo dos Milagres se iniciou por factos idênticos há centenas de anos.

Tem piada que não era nada disto que vos queria dizer...queria falar do tema único e perverso da crise que nos impingem todos os dias com noticiários de medo. Não vos posso dizer para saírem à rua e pegarem em armas pois pode ser considerado um ato de incitamento ou de terrorismo. Não vos posso dizer que há solução e ela não é pacífica, pessoas com medo nem pensam nem sonham.

Também não quero acreditar nas teorias do oculto que dizem que estamos a ser governados por extraterrestres, estes que nos comandam são bem humanos sem intervenção alienígena...trata-se, isso sim, de pessoas sem moral, nem princípios, volúveis, corruptas e com um preço acessível para todos os que pensam que podem dominar o mundo em nome do vil metal.

Apesar de todas as estatísticas afirmarem que os cortes impiedosos nos vencimentos, nos feriados, na função pública, nos benefícios sociais, no Estado Social em geral, acoplados a aumentos brutais nos impostos, seja no IVA, IRS ou outros, só se limitam a aumentar o desemprego, a pobreza, a miséria humana sem reduzirem a dívida. Ninguém ainda parou para dizer àquelas bestas que governam Portugal que, ou, saem a bem e já, ou saem a mal. Ninguém fez contas ou quando as fizeram ninguém ouviu que a dívida que Portugal está a pagar é na sua maior parte a dívida dos investimentos tóxicos da banca nacional e internacional e apenas uma pequena parte é - na realidade - a dívida da nação acumulada em especial nos últimos 3 ou 4 anos.

Assim, quando o triunvirato a que chamam troica por ser mais fino, aqui chegou com 83 biliões de Euros prometidos, esse dinheiro emprestado foi para a banca e não para Portugal...depois, a dívida portuguesa aumentou ainda mais. Nunca mais parará de aumentar pois congregam-se juros e mais juros, e juros sobre juros (os chamados juros compostos), e se daqui a vinte anos ainda andarem a fazer cortes (nessa época já toda a gente deve ter de pagar para poder trabalhar e morrer à fome) a dívida lá estará como uma monstruosa hidra à espera de mais um e mais outro resgate... Senhores, eu sei que nas vossas infâncias gostavam de jogar ao monopólio e comprar o Rossio e Rua Augusta mas agora que já venderam tudo que era riqueza no país, pouco ou nada mais resta para darem de mão beijada aos privados.

O país que ainda era já não existe sem uma única marca nas mãos de portugueses, apenas o nome se mantém a fingir. Os emigrantes que saíram depois de 2000 não são como os dos anos 1960 e 1970, mandam menos remessas de dinheiro e não regressam. Entretanto no interior profundo do país, abandonados e sem serviços, os poucos resistentes começaram a morrer e as suas terras ficaram ao abandono, mantendo-se, porém, o envelhecimento do país, assoberbado pela sobrepopulação das zonas costeiras onde se concentram os poucos serviços de Estado que sobraram.

O remanescente país é uma enorme manta de retalhos, sem gente nem serviços, envelhecendo a um ritmo acelerado sem que haja trabalhadores suficientes para lhes sustentarem uma pensão de miséria sequer. Sem esperança, dominados pelo medo, inseguros sobre quais os cortes que se sucedem mês após mês, os idosos temem o amanhã como se este inferno ainda pudesse ser pior. Os que ainda trabalham veem continuamente os seus salários serem reduzidos e os seus impostos aumentados, cumulativamente com enormes cortes na saúde, educação, justiça.

São todos eles, e nós, vítimas da chantagem atual de que é uma "sorte" terem um emprego enquanto se esquecem já de que o direito ao trabalho é um dever de qualquer nação civilizada, e como dizia o Caetano Veloso "O Haiti não é aqui" (ver e ouvir em <https://www.youtube.com/watch?v=TzIFn-Eq15w> / <https://www.youtube.com/watch?v=nSJHrHrBkPI>). Os pobres vão morrendo nas esquinas, nos vãos de escada, sob as pontes, sós e abandonados em casa própria ou em lares, e onde calha, sem dinheiro para pagarem as taxas moderadoras nos hospitais, sem dinheiro para ajudarem os filhos e sem comida para darem aos netos que não podem ter educação porque famintos.

Os horários de trabalho aumentaram para níveis que se aproximam dos da Revolução Industrial com salários mais miseráveis do que os que existiam no tempo do fascismo. O pior ainda está para vir, todos sabem que Portugal copia a Grécia com dois anos de atraso...

Claro que o país está a saque e à venda por tuta e meia...os que se meteram na política juntaram o pecúlio dos seus roubos descarados e legais, baseados em legislação que eles mesmos aprovaram numa Assembleia da República que mais parecia uma confraria de amigos ... continuam a desfrutar de férias no estrangeiro e brutas mansões até ao dia em que o povo se revolte e lhes ataque as mansões, lhes roube o dinheiro e as posses...Mas o tempo urge o povo ainda não saiu armado para a rua onde o esperam as polícias de choque com gás lacrimogéneo ou gás mostarda para lhes ensinar quem manda.

Continuam a votar acreditando que votam...ditaduras transvestidas de laivos de democracia sem direitos nem voz nem livre expressão, as democraduras! Manifestam-se nas ruas pensando que alguém está atento a esses resquícios das velhas repúblicas do século XX. Cada dia em que se manifestem, menos ganham e mais o Estado amealha. Zeca Afonso, mesmo depois de morto, ainda canta para os saudosistas, mas já não há homens nem mulheres capazes de levar a revolta à rua, amolecidos que ficaram das mordomias burguesas conquistadas após o 25 de abril de 1974.

Estão anestesiados pelo flúor que lhe deitam na água, pelo espetáculo circense do futebol, pelas novelas e pelo voyeurismo da Casa dos Segredos ou dos degredos uma nova versão do Big Brother. Estão incapazes de pensar, pois foram educados a não o fazerem e são intelectualmente iletrados ou funcionalmente analfabetos, incapazes de compreenderem ou analisarem qualquer texto mais complexo que um resumo de um jogo de futebol. Como escreveu Alexandre Paes in Revista Sábado: Epitáfio do mês:

"... Portugal surgia como uma terra magnífica até o Criador ter tomado a decisão, generosa mas errada, de cá meter os portugueses." Há muita gente com influência nos meios de comunicação social, fazedores de opinião, construtores de falsos paradigmas, que optam por repetir que não há alternativa e que, se houver, tudo será pior! E há muita gente que vai na conversa! É preciso agitar as consciências e contribuir para que as pessoas pensem.

Como hoje escrevia Daniel de Oliveira no Expresso XL:

“Não podemos permitir que aqueles que conduzem aos maus resultados andem sempre de espinha direita como se nada fosse com eles. Não podemos permitir que todos aqueles que estão nas empresas privadas ou que estão no Estado fixem objetivos e não os cumpram. Sempre que se falham os objetivos, sempre que a execução do Orçamento derrapa, sempre que arranjamos buracos financeiros onde devíamos estar a criar excedentes de poupança, aquilo que se passa é que há mais pessoas que vão para o desemprego e a economia afunda-se. Quem impõe tantos sacrifícios às pessoas e não cumpre, merece ou não merece ser responsabilizado civil e criminalmente pelos seus atos?”

Não se assustem. Não estou a defender que Pedro Passos Coelho e Vítor Gaspar vão para choça depois de, ao longo de dois anos, terem falhado todas as suas previsões e compromissos orçamentais e a única coisa que hoje nos têm para dizer é "ou esta desgraça ou desgraça maior". Não estou a dizer que a continuação de mais sacrifícios, cortes e impostos que nunca cumprem os objetivos devem colocar o primeiro-ministro perante um juiz. Não estou a defender que o aumento brutal do desemprego e das falências ou a catástrofe que se abateu sobre a nossa economia devem ser resolvidos nos tribunais. Sou dos que pensa que o tribunal da política são as eleições. Dos que não aceitam que juizes substituam os cidadãos. Estou a falar da forma como se faz política. Das coisas inacreditáveis que se dizem para ganhar eleições e das coisas tão diferentes que se fazem depois de as ganhar. É que, ficam as minhas desculpas pela ausência de aspas, todo o primeiro parágrafo deste texto não é de minha autoria.

São palavras de Pedro Passos Coelho a 6 de novembro de 2010. Sem uma vírgula a mais.

Olhamos para o défice e para a execução orçamental, não com derrapagens, mas com autênticos despistes.

Olhamos para os impostos criados para compensar o desastre dos dois últimos anos.

Olhamos para o desemprego e para a economia.

Olhamos para os sacrifícios, que, muito para lá dos limites que Passos dizia que deviam ter, fizeram com que Portugal fosse um dos países do mundo que mais caiu, entre 2011 e 2012, no Índice de Desenvolvimento Humano.

Olhamos para a dívida pública que, apesar disto, aumenta 131 milhões por mês, estando em 126% do PIB, quando segundo o memorando de entendimento deveria estar nos 113%.

Comparemos tudo isto com os compromissos, metas e promessas deste governo, e percebemos que as incendiárias palavras de Passos lhe assentariam como uma luva.

Dirão que foi a herança.

Mas se a culpa fosse dela teríamos de recordar que grande parte das previsões para a economia e para os seus resultados orçamentais foram feitas no pleno conhecimento da dita herança, já Passos estava no governo. E saíram todas furadas.

Dirão que é a crise europeia e internacional.

Mas em novembro de 2010 ela já existia e poderia servir de argumento tão válido como hoje.

O que choca não é que Passos tenha dito uma coisa e feito outra. Isso já se sabe e está longe de ser o primeiro.

O que choca é recordar a violência verbal que naquele tempo o líder do maior partido da oposição usava. Até onde ia na sua excitação política, ao ponto de, implicitamente, exigir a prisão do primeiro-ministro.

Até onde foi a direita no seu discurso supostamente moralizador.

E comparar a retórica populista que usava com os resultados práticos da sua governação.

Há quem se queixe da oposição e diga que ela está radical.

Apenas porque não quer consensos com um governo onde manda Gaspar e pede a sua queda e eleições, perante a agonia do País.

Há até quem se queixe da "crispação".

Mas se Seguro, Semedo ou Jerónimo proferissem, hoje, quando a situação é muitíssimo mais grave do que naqueles tempos, declarações deste género, o que seria dito por comentadores, jornalistas e políticos?

E por Passos Coelho?

Na realidade, a oposição a este governo e o comportamento da comunicação social perante o primeiro-ministro são de uma extraordinária suavidade.

Os negócios e a vida de Passos Coelho não foram espiolhados até ao último pormenor.

Não foram lançados boatos sobre a sua vida sexual.

Não foi verificada cada compra de casa que fez, cada negócio em que se envolveu.

A Presidência da República não inventou conspirações e escutas para o incriminar.

Ninguém pede que enfrente a justiça pelo desastre que significaram os dois anos em que governou.

Apenas se pedem responsabilidades políticas por opções políticas.

Que um dos mais impopulares governos de sempre seja julgado pelos eleitores.

Que seja respeitada a Constituição e que não se massacrem mais os desempregados e os reformados.

Tudo, nos argumentos e nas consequências que se defendem, no estrito plano da política.

Pode agradecer Passos Coelho por ter uma oposição tão civilizada.

Tão diferente do que foi o seu comportamento e o das suas hostes nos seis anos anteriores a ter chegado a São Bento.

Ler: <http://expresso.sapo.pt/passos-coelho-merece-ser-responsabilizado-criminalmente=f803911#ixzz2S8Uo5De6>

Dito isto, na Somália morreram de fome 250 mil pessoas nos últimos dois anos e nem um pio se ouviu. Quem vai ouvir os portugueses a morrerem?

À minha volta aqui nos Açores tudo continua na sua modorra habitual sem que as pessoas se apercebam sequer da crise, embora a citem no seu quotidiano linguajar, até porque depois há sempre um Santo Cristo a quem rezar, uma romaria anual para fazer, e umas tantas oferendas em nome de isto ou de aquilo. Mesmo assim, os mesmos que vão ao Santo Cristo e compungidos cantam orações nas romarias são aqueles que, ao domingo, ficam à porta das igrejas ou vão para a taberna passar o tempo do santo sacrifício da missa.

Atavismos de séculos que o medo dos tremores e dos vulcões nos últimos quinhentos anos perpetuaram no ADN destas gentes, acostumadas a aceitarem todos os fados como desígnio divino. Nada fazem para mudarem o que podem e aceitam tudo aquilo que não podem mudar, mas ao contrário dos Alcoólicos Anónimos não sabem a diferença. Pelo contrário, continuam a dar seguimento ao bom ditado de Salazar "dar a beber vinho é alimentar um milhão de portugueses" ...e se batem na mulher e filhos não é por causa do álcool, mas por herança genética.

Curiosa terra em que nada parece passar-se centrada nas nove ilhas diferentes e separadas como sempre estiveram, separadas por bairrismos ancestrais. Aqui viveram muitos revolucionários e grande parte da história de Portugal passou por aqui ou aconteceu aqui (embora quase ninguém o saiba), desde a oposição ao reino dos Filipes às guerras liberais e ao 25 de abril tudo se passou aqui, mas hoje com esta pretensa autonomia não vislumbro homens capazes de libertarem Portugal do jugo do triunvirato, que em nome do grande capital, administra Portugal como qualquer outra colónia do dinheiro mundial.

Ao lado, na vizinha Espanha, a guerra civil que muitos anteciparam também tarda em acontecer, apenas com a ameaça independentista da Catalunha. Em França e noutros países europeus tudo se passa sem grandes conflitos, mais atentado menos atentado islâmico o país virará totalmente islamizado em 2050 segundo as estatísticas... A Grécia silenciada e exangue já não é país, nem colónia nem protetorado...é um território estrangeiro sob domínio alemão, mais indefesa que a vizinha Chipre e a ingovernável Itália. Portugal que tem a (injusta) fama de brandos costumes e a prática de muitas aleivosias, alevantes populares, revoltas e revoluções, apaga-se lentamente da lista das civilizações tal como os Maias, Astecas e tantas outras civilizações que um dia dominavam grandes partes do universo habitado e conhecido ... e eu aqui sem nada poder fazer a não ser cronicar o fim desta morte há muito anunciada.

CRÓNICA 128, FUI LOURO E CONTINUO BURRO 4/5/2013

Por favor expliquem-me bem, pois fui louro, mas continuo burro, como é que se pode manter um governo destes em Portugal?

O Presidente da República não o demite, obviamente, ele (primeiro-ministro) não se demite, as moções de não-confiança não passam porque o PS continua a votar com a direita e não com a esquerda para manter o seu status quo,

e tudo continua na mesma. As ilegalidades sucedem-se, não há tribunal constitucional que lhes valha. As reformas são cortadas, recortadas e tornadas a cortar... Os funcionários públicos continuam a ser o bode expiatório juntamente com os trabalhadores e todos eles são responsáveis por 70% dos cortes de despesa. A saúde esvai-se em cortes, junto com a educação e a justiça que estão prestes a ser privatizadas com os CTT, as Águas e que virá a seguir. A dívida nacional não é dos portugueses que gastaram demais, mas sim do Estado e dos seus corruptos que desde há décadas andam em jogatinas e esquemas para roubar, defraudar, alienar e enriquecer a todo o custo.

Na tropa só há generais e faltam soldados para uma sublevação militar.

As eleições estão para 2015 e até lá ninguém faz nada a não ser queixar-se em artigos no Facebook.

Dizem-me que é assim que funciona a democracia e que o povo está sedado com as telenovelas, futebol e quejandos.

Assim, se o PR não demite o governo, se este não se demite, se a tropa não toma conta do poder porque é antidemocrático, se o PS não vota moções contra o governo para que ele caia, podem dizer-me o que resta aos portugueses se não continuarem a ser espoliados de tudo quanto amealharam de conquistas pós 25 de abril, a serem roubados, defraudados, vendidos, hipotecados. Se eu por acaso me propusesse deitar abaixo o governo por outros meios, era considerado terrorista por não respeitar a democracia, mas digam-me qual foi a parte que não entendi.

Este governo foi eleito para fazer o oposto do que está a fazer, logo, em meu entender, perdeu o direito aos votos que obteve nas urnas e se não sai a bem, tem de sair a mal. Trata-se de um abuso de poder, de uma ditadura encapotada de democracia, a defesa intransigente dos ditames da troica são anti-portugueses e lesam a pátria e a Constituição que este governo jurou defender. Como jurou falso merece ser apeado por todos os meios. Não se pode servir de argumentos democráticos para destruir a democracia e o Estado Social em que a Constituição assenta. Digam-me lá se existe algum argumento válido para não apear este governo já. Nem mais um dia!

CRÓNICA 129, DA MINHA JANELA, 13 MAIO 2013

Das ameias do meu castelo, desta janela aberta sobre o mundo vi muita coisa e continuo a ver um planeta em permanente mudança. São os vaqueiros que passam a cavalo, em carroça ou em carrinha, rumo às suas vacas e aos depósitos de leite, logo pelas cinco e meia ou seis da manhã em rotinas que se repetem – duas ou três vezes ao longo do dia - até ao anoitecer quando regressam dos pastos pela última vez.

Vejo tratores mais apropriados ao celeiro do Oeste norte-americano, às pradarias, à amplitude dos campos australianos ou aos vastos terrenos da Extremadura espanhola do que ao minifúndio micaelense, depois há uns que são menos gigantescos, mas – mesmo assim - demasiado grandes para estas terras minúsculas, ..., mas todos grandes, enormes para as pequenas parcelas de terra aqui na Lomba da Maia. Vejo as crianças barulhentas que voltam da escola primária ou da catequese, a correr, aos berros, à pancada umas com as outras, desobedecendo a mães e avós, a atirarem papéis para a rua, a comportarem-se como pequenas bestinhas que irão ser quando crescerem, saltando para o meio da rua impérvias ao trânsito e à vida que lhe podem roubar a cada momento.

Vejo anciãs de xaile ou lenço na cabeça lenta, mais parecem daguerreótipos do séc. XIX, enquanto vagarosamente sobem a rua rumo aos deveres eclesiásticos da fé, sejam missas, novenas, enterros ou procissões. Parecem viúvas a viver num mundo que já não existe e elas não compreendem a realidade em que estão inseridas... Imagens tiradas doutras eras falando de um passado ancestral imutável durante séculos e que ora deu um pulo para o espaço sideral. Vejo pela janela entreaberta da casa em frente, uma televisão sempre a debitar telenovelas e quejandos, entretendo os anos de vida que faltam à moradora cidadina que aqui se desloca em feriados, férias e fins de semana...

Desta janela não vejo, na casa ao lado, o marido que bate na mulher, mas observo a mulher que bate nos filhos, (bem casada ou mal casada?) que não cessa de entrar e sair para falar com todos os homens da aldeia, mais os fornecedores do pão, da fruta, da carne, das roupas e todos os restantes fornecedores das carrinhas que aqui aportam diariamente para venderem os seus produtos. Ela aguarda, aperaltada, que o marido siga para as vacas e vai lampeira em busca de um homem que a ouça e à sua língua viperina, vivendo no quotidiano os sonhos imaginados das telenovelas que lhe encham as noites. Há mais homens e mulheres assim, rua abaixo e em outras ruas, em freguesias perto e longe.

Da janela vejo aos domingos os homens com fatiotas melhoradas encostados à porta da Igreja ou a beberem uns copos na taberna mais próxima. São os mesmos que não entram na Igreja o ano todo, mas depois se fazem à estrada como romeiros, arrostando com frio, chuva e outras privações.

Há ainda os que escapam sempre, sobre quem não impendem acusações de violência doméstica, de pedofilia, de abusos, de alcoolismo, mas que cumprem religiosamente tradições ancestrais que nem sabem explicar nem compreender. Vejo enterros, procissões, casamentos, crismas e batismos (cada vez menos), vendedores (avulso) de cracas e lapas, vendedores de tudo e mais alguma coisa em carrinhas barulhentas na sua distribuição e aliciamento de clientes em tempo de crise. Vejo os montes ora verdes, ora verdes, ou, então verdes, consoante a estação do ano, e as culturas do que lá se planta, ora vazios, ora com vacas alpinistas todo o ano. Mas o que nunca vi desta janela foi alguém a ler um livro...

CRÓNICA 130 - DUAS MORTES E UM PAÍS EM SUICÍDIO LENTO, 16 JUNHO 2013

Como bem disse Mariano Larra, escritor e jornalista espanhol dos inícios do século dezanove:

"Um povo emudecido é um povo de atordoados e medrosos, a quem um prolongado costume de calar entorpeceu a própria língua."

A isto assisto também eu, pouco mais do que mudo e calado - enquanto digerindo lentamente as vicissitudes da vida e da morte com a minha perspetiva orientada de que a morte não passa senão de uma fase da vida. Assim como à infância se sucede a juventude e a adolescência, a vida adulta, a madura e a terceira idade, a estas normalmente, segue-se a morte que é um estádio diferente apenas porque o eu se desliga das suas vestes terrenas, o corpo.

Sem lágrimas, nem culto dos mortos, esse novo estádio pode ser encarado de várias óticas que normalmente são estigmas na vida das gentes do mundo ocidental. Também se não professam aqui crenças de 72 virgens nos céus para os mártires do islamismo. Aceito apenas como uma etapa natural e não um fim, em si.

No último mês morreu o Zé Bé (Alberto) de Sousa, jornalista da RTP (de quem profissionalmente fui amigo) em Macau quando da tomada do controlo da ERM (emissora de radiodifusão de Macau) pela RTP e que recentemente tentava que eu levasse os Colóquios da Lusofonia a Timor. Era do tempo em que a Judite de Sousa e Fátima Torres eram meninas dos seus 18 anos a fazerem estágio para locutoras, juntas com o José Rodrigues dos Santos que lá estudara no Liceu. Tanta

memória e recordação que borbulharam à tona dos sentimentos. Morreu um jornalista e um amigo trazendo-me, de volta, à realidade da nossa efémera passagem por esta vida.

As recordações desses tempos foram sintetizadas nos meus livros Crónicas (volumes 1 e 2) e o resto não se escreve, sente-se e partilha-se com o ego enquanto a memória o permitir. O Zé Bé era um bom colega e impecável amigo.

Não refeito de mais esta perda, faleceu o vizinho maiato Daniel de Sá que foi o primeiro escritor açoriano que conheci, o primeiro que traduzi, e o homem que prefaciou o primeiro Crónicas e a quem os Colóquios da Lusofonia tanto relevo deram entre 2008 e 2012.

Pelo menos fizemos nesses Colóquios várias homenagens em vida do escritor e agora, depois de morto, todos o irão lembrar. Melhor fora lutar para que a sua obra fosse lida e os seus livros não ficassem esquecidos na pequenez das ilhas e do Continente português. Nada ficou por dizer e o que foi dito e escrito não importa aqui realçar, mas o sentimento de perda foi profundo, apesar das inúmeras diferenças que nos uniam na história, na política e no demais. Passadas estas semanas todas ainda me custa abordar o assunto. Conhecia-o bem melhor do que muitos que o rodeavam e fazia parte do meu quotidiano, com a sua agorafobia que o impedia de se deslocar muito para além da área de conforto da Maia. Se ele acreditava que os portugueses haviam sido os primeiros nas ilhas e eu discordava, se ele era dogmático por formação e convicção e eu era mais tolerante, se ele era unicamente português e contra a independência e autonomia ao contrário de mim que sonho pela independência dos Açores, nada disso obstava a que se tivessem criado laços de amizade da minha parte que ficaram irremediavelmente afetados por esta partida.

Faz-nos pensar, hoje ele, amanhã eu....

Tem sido uma fase difícil pois já nem putativos candidatos a emigrantes me enviam os seus processos para emigrarem. Andam todos tão depauperados que nem dinheiro têm para iniciar o processo de emigrar para a Austrália... Por outro lado, o filho adolescente continua a impor-nos as suas dores de crescimento de uma forma brutalmente injusta e com a qual nos debatemos para aprendermos a lidar com ela.

Embora continue a assistir incrédulo ao governo e Presidente da República que impunes vendem o país ao desbarato enquanto a dívida interna passa os 120% e várias gerações futuras estão já irremediavelmente comprometidas e endividadas, o certo é que o povo continua manso. Fazem-se umas manifes, umas greves, e tudo continua na mesma.

O país continua ocupado por uma troica do BCE, FMI e quejandos a qual dirige o país com uma nobreza e defesa de interesses do povo português que fariam sentir-se mal os Miguéis de Vasconcelos e Duquesas de Mântua da dominação filipina. Pouco mais haverá ainda por vender, e tudo não serviu senão para pagar os juros agiotes enquanto a dívida continua a aumentar e (cada vez mais) há menos joias da coroa para vender... Entretanto a sanha devastadora de fundamentalismo neoliberal destrói a educação, a saúde, a justiça e lança mais de milhão e meio no desemprego, 3 milhões na miséria e nenhuma luz ao fundo do túnel....

Creio mesmo que o túnel não tem fim nem luz...ou então, se calhar, nem sequer existe: esqueceram-se de construir o túnel.

Sabemos todos da orquestração da banca mundial em dominar os países mais fracos acabando com a democracia que ainda resta e estender esse domínio, que a guerra não permitiu, a toda a Europa. A escravatura aumenta, as pessoas matam-se umas às outras para sobreviverem sem tempo para viverem, sem dinheiro para comerem, estudarem ou sonharem.

Os novos gulagues e campos de concentração não precisam de gás nem de câmaras de extermínio basta o desemprego sem direito a subsídio e eles morrem-se lentamente fora dos olhares atentos da TV, sem deixarem marcas.

Os velhos sem hospitais, médicos ou dinheiro para se transportarem, ou para pagarem os fármacos, irão morrer silenciosamente pelas aldeias já quase desertas do país, enquanto nas cidades as crianças irão para a escola pública com fome, enquanto os pais se suicidam por não terem comida para dar aos filhos, enquanto as polícias atacam quem se manifesta, enquanto o governo ignora tudo e todos, na sua agenda cega de cumprir a destruição do Estado Social que demorou décadas a erguer. Que pode um homem da cultura fazer enquanto isto acontece?

CRÓNICA 131. IMPUNIDADE, JUNHO, 20, 2013

Adoro este país em que vivo, não só pelo sol abundante que na maior parte dos anos nos chega de borla, como pela riqueza das suas paisagens variadas de norte a sul, e pelo mar adentro até aos arquipélagos da Madeira e Açores. No entanto há umas pequeninas coisas que podiam ser melhoradas, uma delas é a IMPUNIDADE, ninguém é condenado (e se for é com pena suspensa, que as cadeias estão cheias e a abarrotar e não convém meter lá gente fina que teve um deslize ou outro, mesmo que seja de uns milhões.)

Outras das coisas de que gosto neste país é a capacidade de mobilização contra um Acordo Ortográfico datado de 1990 e do qual se lembraram tardiamente. É capaz de animar um morto e ressuscitá-lo do seu letárgico torpor contra esse crime de lesa língua que entendem matar todas as tradições históricas e a alma do povo português.

No entanto é esse mesmo povo que se reveste de uma total incapacidade, insensibilidade e inépcia de mobilização para o roubo descarado feito pelo governo na saúde, educação, justiça, nos vencimentos, nos subsídios de férias e de natal, e nas regalias que ao longo de décadas foram penosamente conquistadas. Queixam-se muito nos cafés, que mal frequentam já pois nem dinheiro têm para a bica, nos fóruns cibernéticos, em manifs de rua que para nada servem, em greves a que não aderem para não perderem mais dinheiro, mas quanto a fazer uma manif que faça tremer o governo, lá isso não sabem fazer, mandam umas vaias e assobios em público, umas bocas foleiras que podem dar cadeia ou indemnização, cantam a Grândola, Vila Morena, apesar de mal saberem a letra. Um povo de mansos e vacas chocas, sem espinha vertebral que vai continuar sempre a votar nos mesmos que o defraudaram e roubaram ao longo de 38 anos da dita democracia, enquanto se diz saudoso de líderes salazarentos que eram honestos e mantiveram o país num feudalismo medieval, de analfabetismo, fome, futebol, Fátima e Fado.

O mundo agita-se em vários países e continentes, mas em Portugal "no pasa nada", tudo calmo e tranquilo apesar de haver 402 políticos com pensões vitalícias custando 6,4 milhões de Euros, e inúmeras pessoas reformadas a ganharem fortunas noutras posições executivas. Crê-se que Portugal é dos que mais reformados ativos tem, mesmo os que se aposentaram por baixa médica de incapacidade, mas que saltaram para uma empresa ou outra a auferir milhões mensalmente....

Portanto aparte aquele problema da impunidade, que me incomoda, e facto de os portugueses serem um povo pacífico que todos os dias lê (imensos jornais desportivos e magazines cor de rosa), vê todas as telenovelas possíveis até se deitar exausto, não perde um jogo de futebol, não vejo por que razão não deveria eu gostar deste país. Só se for por ser contra as touradas....

A troica quer baixar salários mínimos outra vez (1/7/2013) e reduzir indemnizações por cada ano de trabalho (1 dia por ano). Creio verdadeiramente que sim, como já me disseram o chefe da Sonae e o do Pingo Doce, que era a única solução. Os portugueses não entendem que enquanto o salário mínimo não baixar até aos cem Euros brutos a economia não cresce... E se esta medida não chegar creio que deviam obrigar as pessoas assim escravizadas a pagarem para trabalhar como se faz nos países civilizados...

(mamã, já chegamos à Idade Média ou ainda falta muito? continua a remar José...)

Manuel Augusto adianta que

"o trabalho dá saúde; portanto podemos e devemos pagar para trabalhar, pois essa é a única saída para Portugal e este governo misericordioso do Passos Coelho, Gaspar e seus capangas sabe-o e tem tentado tudo para evitar esse momento, mas como todos sabemos os portugueses são uns piegas ingratos."

Acresço que será assim com salários a cem Euros que a economia cresce, claro que cresce, sim ela cresce para os magnatas pois para o povo será mais do mesmo, miséria.

Victor N Pereira adianta que

"estamos quase a ser os chineses da Europa."

Da Austrália, Nuno Pinto do Souto interroga-se

"Quase?"

Da Madeira (J. Gomes Bulhão) diz-me que sim,

Sim, a grande solução está no empobrecimento, levá-lo a níveis de miséria, o problema é que já temos tanta e boa concorrência com o sistema da escravização que chegamos tarde, mas vale a pena tentar...

Salário mínimo igual ao de certos países da África ou Ásia, sim, é isso, 1 dólar por dia e seremos um grande país, competitivo, onde vale a pena investir, com pleno emprego...

Da Galiza (António Gil H) aventa:

Vale a pena a UE? Não será ótimo para Portugal, Grécia, Itália, Espanha e mesmo França sair do Euro, pelo menos, como está o Reino Unido?

Respondo:

SIM E MIL VEZES SIM. Os islandeses bem o entenderam e estão livres do Euro.

E por fim dos Açores (Graça Castanho encerra o diálogo desta forma)

Já ninguém aguenta tanto corte!

Penso que o melhor é fechar tudo, acabar com todo o tipo de emprego, começando pela Assembleia da República, representantes da República, ministérios, secretarias de Estado, institutos, fundações, empresas privadas. Fechar tudo, mas tudo...sem exceção. Neste contexto, penso que deveria ficar a funcionar apenas o Ministério da Morte, gerido por almas do outro mundo que teriam a responsabilidade de fazer embarcar para o inferno, em primeira mão, todos os corruptos, aldrabões, e malfeitores deste país. Quem tem coragem de apresentar esta estratégia à Troica? E depois o diálogo continuou em discurso direto:

Victor N Pereira

Nem tanto ao Mar, nem tanto à Terra. Maria Castanho.

Portugal já viveu crises iguais ou maiores que esta e arranjou maneira de manter a cabeça fora de água.

O que Portugal precisa e não tem é de um Plano Estratégico para criar riqueza e, acredito, existem Portugueses à altura de criarem tal objetivo.

Navegamos à bolina desde 1974 e sem Comandantes clarividentes que ponham a mão no leme e saibam rumar a um porto de abrigo.

A Nau ou Caravela está a adornar e os tripulantes - que somos nós - a entrarem em pânico.

Há que serenar os ânimos e ter esperança em melhores dias...a verdade é que os tempos que correm são preocupantes mas não podemos atirar a toalha ao chão.

Luna Telles Ribeiro

Amigos, enquanto não houver comandantes capazes, competentes e defensores desta pátria continuaremos à deriva. Precisamos de comandantes ou almirantes que levem este barquinho a bom porto!

João Oliveira

Isto só vai parar quando os trabalhadores começarem a perguntar ao patrão no final do mês: "Ó Chefe! Quanto é que lhe devo este mês pelo meu trabalho?"

Nuno Pinto Do Souto

Amigos, deixem-se de Sebastianismos.

Não há "salvadores da Pátria" e esperar que um apareça é simplesmente deixar a porta aberta ao descalabro.

Prova?

Olhem para o país desde 1974.

Têm todos é que começar a aceitar a responsabilidade da liberdade. E isso é mesmo difícil, não pensem que é só demagogia...

...

Continua a remar José...já falta pouco para chegarmos...

1.2. CORVO

A Ilha do Corvo é a mais pequena e a mais setentrional do arquipélago dos Açores. Localiza-se no Grupo Ocidental, a 6 milhas náuticas a norte da Ilha das Flores. Situa-se a 39° 40' latitude norte e 31° 05' de longitude oeste. Ocupa uma superfície total de 17,12 km², com 6,5 km de comprimento por 4 km de largura. A Vila do Corvo, única povoação da ilha, é sede do município do mesmo nome.

Em 1987, as funções dos órgãos de freguesia foram assumidas pelos correspondentes órgãos municipais. Na ilha teriam sido descobertas cerca de uma centena de hipogeus (estruturas de terra cavadas na rocha primitivamente usadas como sepulturas há dois mil anos), incluindo algumas na cratera e aguarda-se o seu posterior estudo.

A primeira citação desta ilha surge em 1351 no Atlas Médici como Ilha Dos Corvos Marinhos e em 1375 no mapa Catalão surge já distinta das Flores. Diogo de Teive, navegador português, tê-la-á descoberto oficialmente em 1452 ao regressar da Terra Nova.

Quanto ao nome teve vários em diversos mapas: Ilha Dos Corvos Marinhos, Ilhas Floreiras, Ilha do Farol, Ilha Nova das Flores, Ilha de Santa Iria, Ilhéu das Flores, Ilha da Estátua, Ilha do Farol, Ilha Negra, Ilha de São Tomás, Ilha do Marco.

Começou a ser habitada com um grupo de 30 pessoas lideradas por Antão Vaz de Azevedo da Ilha Terceira, e posteriormente um outro grupo da Terceira (família Barcelos) mas ambos abandonaram a Ilha.



ão citar

Em 1548 Gonçalo de Sousa donatário das Flores e do Corvo foi autorizado a mandar escravos de Santo Antão (Cabo Verde) como agricultores e criadores de gado.

A primeira Igreja data de 1570 e a partir de 1580 juntaram-se os colonos das Flores, sendo a sua primeira paróquia estabelecida em 1647 e a sua primeira administração civil data de 1832.

Quando os navegadores portugueses aportaram pela primeira vez à pequena Ilha do Corvo, nos Açores, em meados do século XV, encontraram ali uma intrigante estátua de pedra, representando um cavaleiro com traços característicos do norte de África.⁹ Este episódio, despercebido a gerações de portugueses, iludido pelos manuais escolares, constitui um ponto de partida fulcral para a grande interrogação: quem descobriu pela primeira vez os Açores? Sabendo-se das diferenças qualitativas, não só etimológicas, entre "descobrimto", "descoberta" ou "avistamento", importa conhecer as diferentes etapas que fizeram da gesta das Descobertas Marítimas do Renascimento mais uma consequência do que antecedência gerada no zero dos saberes e da ignorância total sobre rotas oceânicas e capacidades náuticas epocais.

Não existem provas científicas de que os Açores sejam o remanescente do mítico Continente da Atlântida que, outrora, teria sido o berço de uma próspera e culta civilização, entretanto desaparecida nas profundezas do oceano. Curiosamente, no livro de banda desenhada, O Enigma da Atlântida de Blake e Mortimer, a Ilha de S. Miguel é uma das portas de saída da Atlântida. Mesmo que os Atlantes tenham algum dia habitado nos Açores, não foram descobertos, até à data, quaisquer vestígios arqueológicos.

Falta explorar as insondáveis profundezas dos seus mares. Mesmo aí é dúbio que algo possa ser encontrado e que sucessivos milhares de tremores e erupções submarinas não tenham escondido para sempre ou destruído totalmente. Pelos exemplos da violência dos tremores e erupções dos últimos quinhentos anos, dificilmente será crível que um dia se possam deparar com artefactos ou restos civilizacionais da Atlântida perdida que apenas encontrou eco nos escritos de Platão.

Através dos tempos, a Atlântida foi sempre motivo de cogitações e explorações fantásticas. Não faltaram, mais recentemente, escritores, jornalistas ou romancistas e mesmo cineastas, que chegaram a reconstituir, com um esforço de imaginação, a arquitetura, o traçado e os materiais de construção da capital da Atlântida. Confabularam o vestuário, o modo de vida da população; a sua economia, as suas classes sociais, a sua religião, os seus deuses e demónios; os seus imperadores; as suas orgias, a beleza estranha da soberana desse reino submerso. Especulações e nada mais. Platão tem sido submetido a uma das mais ferozes análises críticas, na tentativa de descobrir mais algum pormenor que conduza à localização da misteriosa Atlântida. Quiseram alguns geógrafos e historiadores ver na narrativa do filósofo grego uma alusão poética a um muito antigo conhecimento da America. O facto não é tão extraordinário como pode parecer à primeira vista, se considerarmos o arrojo marinho dos fenícios, e se juntarmos as recentes travessias do Atlântico por navegadores solitários em frágeis embarcações.



PARTIDA DO CAIS DO PORTO DA CASA NO CORVO

ALVORECER NA ILHA DO CORVO

⁹ http://www.rtp.pt/acoress/comunidades/quem-chegou-pela-primeira-vez-aos-acoress-povos-maritimos-da-antiguidade-e-as-navegacoes-no-atlantico-13-joaquim-fernandes_39890

O historiador Pausanias diria mais tarde (150 AC)

"Existia em pleno oceano, longe, e a oeste, um grupo de ilhas habitadas por homens de pele vermelha e cabelos como crinas de cavalo".

Narrativa extraordinária pois. Ou pura imaginação que, coincidentemente, iria encontrar eco na realidade descoberta 1600 anos depois?

Plutarco, entre os anos 40 e 120 DC, escrevia

"Existem a oeste, no oceano, na mesma latitude da Grã-Bretanha, diversas ilhas atrás das quais se estende um vasto continente. Essas ilhas caracterizam-se pelo fato de que o sol aí brilha ininterruptamente durante trinta dias. A noite, o astro recolher-se-ia cerca de uma hora, mas mesmo nessas alturas, a obscuridade não seria total, porque o horizonte, a ocidente, ficava sempre iluminado por um crepúsculo".

Plutarco descrevia, sem dúvida, terras próximas do círculo polar. O continente referido, só poderia ser a América. Juntem-se essas narrativas à hipótese de que, muito antes de Cristo, já os Açores e a Madeira terem sido explorados pelos fenícios, e não acharemos tão improvável o facto de que o Novo Mundo fosse conhecido na antiguidade.

A Atlântida não seria, então, o continente sul-americano? O poderoso reino a que se referia Platão não seria o império dos astecas? Convirá referir que é mais aquilo que desconhecemos do que o que sabemos sobre grandes civilizações da antiguidade. Muitas delas sumidas misteriosamente. Extintas dum momento para o outro, sem qualquer razão aparente, para além de colisões de meteoritos, aquecimentos globais ou outras causas por desvendar. As viagens de Fenícios e Cartagineses tiveram grande importância na Antiguidade para fins comerciais. As que poderiam ter levado a um reconhecimento dos Açores, foram a circum-navegação do continente africano, de Oriente para Ocidente, a mando do faraó Necho em finais do séc. VII a.C. e a viagem do cartaginês Annone, que perto do fim do século V a.C., abriu as velas de Cartago rumo ao Atlântico, ultrapassou as Colunas de Hércules (Gibraltar) e chegou ao Golfo da Guiné.

É curioso que as únicas referências ao conhecimento dos Açores, anteriores à chegada dos Portugueses, sejam fenícias e ambas relativas à Ilha do Corvo. Como eu dizia nos anos 70 num dos seus programas de rádio em Macau "Todas as coincidências têm uma causa matematicamente provável". Neste caso podem existir também causas cientificamente prováveis. Fazendo fé na historiografia antiga, a probabilidade de os fenícios terem chegado aos Açores, é elevada.

Humboldt refere no "Examen Critique" que em 1749, uma tempestade violenta teria abalado as fundações de um edifício parcialmente submerso na ilha do Corvo.

No fim da borrasca descobriu-se, entre as ruínas, um vaso contendo moedas de ouro e cobre que foram levadas para um convento, e das quais nove foram preservadas e enviadas ao padre Enrique Flores, em Madrid, que as cedeu a J. Podolyn da Academia de Ciências de Estocolmo.

Algumas moedas apresentavam a figura de um cavalo por inteiro, outras apresentavam somente a cabeça desse animal.

Alguns peritos afirmaram com suficiente grau de certeza que se tratava de duas moedas fenícias do norte de África (da antiga colónia grega de Cirene ou Cirena [em grego Κυρήνη, Kurene] na atual Líbia, a mais antiga e mais importante das cinco cidades gregas da região). As restantes sete eram moedas cartaginesas.

A primeira publicação de carácter científico referindo aquelas moedas do Corvo deve-se a Johann Frans Podolyn, um numismata sueco que publicou em 1778 uma notícia intitulada Algumas anotações sobre as viagens dos antigos, derivadas de várias moedas cartaginesas e cirenaicas que foram encontradas em 1749 numa das ilhas dos Açores

Naquele artigo, Podolyn afirma que em 1749, depois de vários dias de mar tempestuoso de oeste, que expôs parte da fundação das ruínas de um edifício de pedra numa praia da ilha do Corvo, foi descoberto um vaso de barro negro, quebrado, contendo no seu interior um grande número de moedas desconhecidas que foram levadas para um convento (provavelmente o convento franciscano de S. Boaventura, em Santa Cruz das Flores) a partir do qual foram distribuídas.

Parte das moedas foi enviada para Lisboa e daí para Madrid ao padre Enrique Flórez de Setién y Huidobro (*1701 – †1773), da Ordem de Santo Agostinho, que foi um conhecido historiador e numismata espanhol, à época o mais conhecido numismata ibérico.

Desconhece-se o número de moedas existente no vaso e quantas foram enviadas para Lisboa. O Padre Flórez recebeu nove (9) moedas, depois por ele descritas e estudadas. As moedas recebidas em Madrid eram: duas moedas cartaginesas de ouro, cinco moedas, cartaginesas, de cobre e duas moedas cirenaicas, também de cobre. O padre Flórez cedeu as moedas a Podolyn quando este visitou Madrid em 1761, dizendo-lhe que as moedas "representavam todos os tipos encontrados no Corvo" e que eram as mais bem preservadas da coleção. Na notícia publicada, acompanhada por imagem das moedas, Podolyn afirma que as mesmas, com exceção das de ouro, não são raras, sendo apenas notável o sítio onde foram encontradas, já que não se conhece notícia da presença de cartagineses nos Açores, embora seja possível ligar essa presença à famosa estátua equestre e inscrição que teria sido encontrada no Corvo à época do povoamento.

Faria e Sousa na sua História de Portugal relata esta estátua citando-a como possivelmente de origem chinesa, o que levou mais tarde esse alegado inventor da história, Gavin Menzies, a usar a mesma como "prova" da descoberta chinesa dos Açores antes dos Portugueses. Este Menzies que dizem ser uma fraude, ao contrário desse inventoras que é o loquaz e ótimo comunicador José Hermano Saraiva que se serve de qualquer facto autêntico para criar uma novela com laivos históricos.

É relatado por André Thevet, um francês do século XVI, que um descendente mourisco ou judaico encontrara uma inscrição com caracteres hebraicos numa gruta de S. Miguel, durante os Descobrimientos, mas não foi capaz de a ler, alguns supuseram tratar-se de caracteres fenícios. Em 1976, nesta mesma ilha, haveria de ser desenterrado um amuleto com inscrições de uma escrita fenícia tardia, entre os séculos VII e IX da era cristã. A maior parte dos historiadores continua a negar validade a esta afirmação, o que não a impede, porém, de ser verdadeira. No século XVI, Générbrand referiu-se à existência dum túmulo com inscrição hebraica em S. Miguel, Açores. Trata-se na realidade de caracteres fenícios de Canaã erroneamente qualificados de hebraicos pela semelhança entre o alfabeto dos cananeus e o dos antigos hebreus. O texto decifrado permitiu a Manasseh ben Israel, sábio hebreu do século XVII ler a inscrição como "Mektabel Suai, filho de Matadiel" (de acordo com Pierre Carnac em "A Atlântida de Cristóvão Colombo").

Damião de Góis escreveu na "Crónica do Sereníssimo Príncipe Dom João" que quando os portugueses chegaram à remota ilha encontraram uma estátua equestre no cume noroeste da serra, no centro da ilha, colocada sobre um pedestal quadrado.

No seu cume, que parecia servir de marco aos navegantes, estava o vulto de um homem grande de pedra, montado num cavalo sem sela. Era uma estátua profética, construída, não se sabe por quem, a partir de um único bloco de pedra e representava um homem, de cabeça descoberta, mas tapado por uma espécie de manto. As faces do rosto e outras partes estavam sumidas, cavadas e quase gastas pelo tempo e supõe-se que pela erosão dos elementos. Sobre as crinas do cavalo, o qual tinha uma perna dobrada e outra levantada, estava a mão esquerda do homem, enquanto o braço direito estava estendido e com os dedos da mão encolhidos. Só o indicador continuava aberto e apontava para o poente ou noroeste, para as regiões onde o sol se oculta, a grande terra dos bacalhaus, a América ou o Brasil, terras que ainda não tinham sido descobertas pela civilização ocidental. O rei Dom Manuel I teria mandado a Duarte d'Armas que fizesse um desenho da estátua e ordenado o seu transporte para a corte de Lisboa, mas só viria a receber pedaços do monumento, nomeadamente, a cabeça, e o braço e mão direitos, e parte do cavalo. Estas peças teriam sido guardadas no palácio real, tendo-se perdido o seu rasto a partir daqui. Na base - deixada no Corvo - existiriam algumas letras numa escrita desconhecida que foram copiadas em 1529 por Pedro da Fonseca, mas cujo teor ninguém conseguiu até hoje identificar.

CAVALEIRO DE BASALTO

A respeito do artigo **Quem construiu a estátua da ilha do Corvo?** (Super n.º 128 de dezº 2008), convém ter em atenção o que se segue.

O autor invoca uma série de testemunhas. De nenhuma delas há um testemunho direto, porque só se sabe o que disse Damião de Góis. O Dr. Gaspar Frutuoso, bem como Frei Diogo das Chagas e outros, limitou-se a copiar o que escreveu o cronista, que apenas deve ter ouvido a história, porque se percebe pelo relato que o próprio não chegou a ver os despojos do achado. O basalto é uma pedra muito difícil de esculpir. Seria quase impossível conseguir

por menores que fizessem o cavaleiro parecer-se a um magrebino. O que aliás contrasta com o que diz Frutuoso do que afirmavam os naturais das Flores e Corvo: que a estátua "estava carcomida, com as faces do rosto e outras partes do corpo sumidas e quase gastadas".

Quanto às letras gravadas na rocha, estariam em lugar tão inacessível que teria sido necessário descer por cordas quem lhes tirou o molde. Como teria sido então possível o trabalho de as esculpir? E por que razão, sendo este episódio do tempo de D. Manuel, o conta Damião de Góis na Crónica do Príncipe D. João? Aliás, o célebre humanista não era um historiador, mas um cronista. O seu pouco rigor chegou mesmo a causar-lhe complicações com a justiça real. Que dizer das moedas achadas nas ruínas de uma casa? Que, se existiram, foram para lá levadas depois do povoamento. Das inscrições numa gruta muito grande em S. Miguel, basta dizer que nunca se encontrou a gruta sequer. E, quanto aos caracteres em pedra nas Quatro Ribeiras, quase todas as pessoas que os viram afirmam ser uma formação natural. Quem quer crer nos fenícios diz apenas que "talvez" ... Quanto ao saber marítimo dos fenícios, não consta que tenham sido mais do que bons marinheiros de cabotagem. Os portugueses foram os primeiros a ser capazes de navegar sem terra à vista. Os próprios viquingues chegaram à Gronelândia fazendo escala nas ilhas Faroer e na Islândia, já então habitadas. E, da Islândia à Gronelândia (300 km), com boa visibilidade viaja-se sempre tendo a terra como referência: até meio caminho continua a ver-se a Islândia, daí para diante já se avista a Gronelândia. Daniel de Sá, Maia, S. Miguel, Açores

Diria ainda o céptico Daniel de Sá a este respeito (jornal Público 20 julho 2008):

"...há outra novidade nas livrarias, que versa sobre uma famosa estátua que teria sido encontrada na ilha do Corvo pelos primeiros povoadores. Prova irrefutável de que por ali andaram cartagineses muito antes de Cristo calcorrear a Galleia. Falou dela Damião de Góis, que a descreve em pormenor, mas não a viu. Como convém nestes casos, não ficou nem um pedacinho da escultura, que teria sido levada para a corte no tempo de D. Manuel. Nem qualquer marca na ilha. E também desapareceram as moedas cartaginesas encontradas lá nos finais do século XVIII. Desaparecimentos deste tipo dão sempre jeito para uma história revista e aumentada."

Já o célebre historiador e estudioso de fenómenos esotéricos, Joaquim Fernandes (um brilhante aluno que foi meu antigo colega de liceu, Faculdade de Letras da Universidade do Porto,¹⁰) responderá assim a Daniel de Sá:

"... Pretendera beliscar uma dupla credibilidade: a de Damião de Góis, que descreve com algum detalhe, o episódio da estátua equestre encontrada pelos portugueses na ilha do Corvo, e o historiador no papel de autor do romance O cavaleiro da Ilha do Corvo, que embora em tons de ficção, fá-lo com a segurança e credibilidade que lhe confere uma investigação documental de centenas de referências bibliográficas, de Aristóteles à pesquisa atual, disponível no final do citado livro.

Desde o arquiteto Duarte d'Armas, que el-rei mandou ao Corvo fazer o desenho da estátua, aos pedreiros enviados ao ilhéu com a incumbência de trazerem o monólito para Lisboa, passando pelo donatário Pedro da Fonseca, que em 1529, se deslocou ao Corvo para recuperar uma legenda em caracteres não-latinos descoberta no sopé onde antes existira a estátua do cavaleiro com "traços africanos", seguindo a descrição de Góis.

E o mapa dos irmãos Pizzigani, de 1367, que confirma a tradição árabe das estátuas marco no centro do Atlântico?

Ou seja, o autor da Crónica do Príncipe D. João é digno de crédito para descrever a chegada do primeiro rinoceronte a Lisboa; mas já não serve quando relata a chegada ao Paço dos destroços do monumento, que a imperícia dos pedreiros provocara....

Quatro séculos passados persistem aqueles que minimizando a integridade de Damião de Góis, tentam fazer da História um livro fechado:"

Sei-o, por experiência própria, que sempre que se quer alterar o que ao longo dos séculos vem passando por História, um enorme coro se levanta a defender a versão e o status quo. Faz parte da mente humana recusar aceitar novos factos, provas ou teorias, que contradigam aquilo em que se acredita desde a idade de formação intelectual. O primeiro romance do investigador Joaquim Fernandes, "O cavaleiro da ilha do Corvo", promete criar polémica, ao sugerir que os navegadores da Antiguidade terão conhecido os Açores muitos séculos antes de os portugueses ali terem chegado. (Jornal de Notícias 6/6/2008):

Na base da tese defendida no livro, alicerçada em anos a fio de investigações, encontra-se um dado para muitos desconhecido: quando os navegadores portugueses chegaram à ilha do Corvo, nos Açores, em meados do século XV, encontraram ali uma intrigante estátua de pedra, representando um cavaleiro com traços característicos do norte de África. A existência do referido monumento até poderia ser uma simples lenda não fosse dar-se o caso de o relato da sua descoberta ter sido escrito pelo grande humanista português dos Descobrimentos Damião de Góis, cuja "obra e crédito são dificilmente questionáveis", adianta Joaquim Fernandes. Obra de ficção que, segundo o autor, "não deixa de ser também um ensaio histórico". "O cavaleiro da ilha do Corvo" levanta questões várias ("e se a tal lenda de um tal cavaleiro em pedra que aponta, do mais alto cume da ilha, em direção às Américas fosse apenas uma tentativa de insinuar a descoberta por outros povos do que Colombo definirá de Novo Mundo?", questiona o autor) numa trama conspirativa destinada a relançar o debate em torno dos Descobrimentos. "O livro defende, em suma, a plausibilidade da hipótese da navegação no Atlântico mil anos antes de os portugueses darem início à sua aventura marítima", explica o especialista no estudo do imaginário português. O docente da Universidade Fernando Pessoa, no Porto, tem outros projetos que aguardam publicação. O primeiro, intitulado "Poesia e o Céu", é uma revisão da poesia portuguesa de todos os tempos, inspirada pelos astros. Igualmente ambicioso é o volume "O livro dos portugueses esquecidos": em mais de meio milhar de páginas, Fernandes recorda a vida de 300 figuras nacionais dos séculos XVI a XIX que, devido a perseguições várias, se viram obrigadas a procurar refúgio noutros países, nos quais atingiram relevo em áreas tão distintas. Desde José Carlos de Almeida, o fundador da Sociedade Francesa de Física, ao Padre António de Andrade, o primeiro europeu a chegar ao Tibete, há biografias para todos os gostos. Do seu conjunto extrai-se a ideia de "um país que sempre conviveu mal com a diferença, exibindo sinais de uma intolerância, sobretudo política e religiosa, que se revelou catastrófica para o seu desenvolvimento, ao dispensar um número avultado de talentos". A lista poderia ser ainda mais vasta se incluísse figuras como Damião de Góis ou Pedro Nunes, que abandonaram o país nas mesmas circunstâncias dos restantes biografados, mas o organizador da antologia entendeu privilegiar figuras que, apesar da sua valia, foram esquecidas com o decorrer dos anos. Para investigar esta autêntica 'fuga de cérebros', Joaquim Fernandes recorreu a enciclopédias e dicionários, mas também jornais e publicações científicas, surpreendendo-se com a quantidade de 'estrangeirados' que Portugal foi acumulando ao longo dos anos. "Boa parte dessa elite foi enriquecer sociedades como a alemã ou a holandesa", lamenta o autor. Quando os navegadores portugueses aportaram pela primeira vez à pequena ilha do Corvo, nos Açores, em meados do século XV, encontraram ali uma intrigante estátua de pedra, representando um cavaleiro com traços característicos do norte de África. Este episódio, despercebido a gerações de portugueses, iludido pelos manuais escolares, constitui um ponto de partida fulcral para a grande interrogação: quem descobriu pela primeira vez os Açores? Sabendo-se das diferenças qualitativas, não só etimológicas, entre "descobrimento", "descoberta" ou "avistamento", importa conhecer as diferentes etapas que fizeram da gesta das Descobertas Marítimas do Renascimento mais uma consequência do que antecedência gerada no zero dos saberes e da ignorância total sobre rotas oceânicas e capacidades náuticas epocais.

(in RTP Açores Comunidades de 13/6/2009)

Quem foram os construtores da Estátua da Ilha do Corvo?

Esta surpreendente revelação tem sido regularmente refutada pela historiografia mais conservadora, que a tem crismado de "rumor", "lenda" ou mesmo "fraude". Mas, existe uma fonte autorizada - de entre outras de diversa natureza - por muitos silenciada ou ignorada ao longo dos séculos. Quem a forneceu à posteridade tem obra e crédito dificilmente questionáveis: Damião de Góis (1502-1574), o grande humanista português do Renascimento, que descreve, com algum detalhe, no capítulo IX da sua Crónica do Príncipe D. João, escrita em 1567, as circunstâncias em que o inesperado monumento - "antigualha mui notável", assim lhe chama o cronista - foi achado no noroeste da pequena ilha, a que os mareantes chamam "Ilha do Marco". Quando? "Nos nossos dias", afirma o cronista régio, na mesma crónica, ou seja, no seu tempo de vida, provavelmente entre os finais do século XV e os inícios de XVI, no decurso do reinado de D. Manuel I e durante as primeiras tentativas de colonização da ilha do Corvo. O que era, então, esse insólito e inesperado "monumento"? "Uma estátua de pedra posta sobre uma laje, que era um homem em cima de um cavalo em osso, e o homem vestido de uma capa de bedém, sem barrete, com uma mão na crina do cavalo, e o braço direito estendido, e os dedos da mão encolhidos, salvo o dedo segundo, a que os latinos chamam índice, com que apontava contra o poente. Esta imagem, que toda saía maciça da mesma laje, mandou el-rei D. Manuel tirar pelo natural, por um seu criado debuxador, que se chamava Duarte d'Armas; e depois que viu o debuxo, mandou um homem engenhoso, natural da cidade do Porto, que andara muito em França e Itália, que

¹⁰ cofundador do Centro Transdisciplinar de Estudos da Consciência, (CTEC), da Universidade Fernando Pessoa, doutorou-se em História com uma tese sobre "O Imaginário Extraterrestre na Cultura Portuguesa – do fim da Modernidade até meados do século XIX", apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a primeira da sua temática numa Academia portuguesa e europeia e editada sob o título "Moradas Celestes" (ed. Âncora Editora, 2014). Desde 1997 que tem promovido a realização de vários congressos internacionais subordinados ao título genérico de "Fronteiras da Ciência", na Universidade Fernando Pessoa. Colaborou na organização da conferência "Ciência e Consciência" integrada no programa do "Porto 2001, Capital Europeia da Cultura". Em 2008 publicou o seu primeiro romance histórico, "O Cavaleiro da Ilha do Corvo", a que se seguiram os ensaios "O Grande Livro dos Portugueses Esquecidos", "Mundos, Mitos e medos - O Céu na Poesia Portuguesa". No mesmo ano, apresentou na RTP2 a série temática "Encontros Imediatos", dedicada ao fenómeno OVNI em Portugal. Em 2010 escreveu em coautoria o guião do telefilme "A Noite do Fim do Mundo", que retrata as reações em Portugal à aproximação do Cometa Halley, em 1910, integrado no ciclo dedicado ao Centenário da República Portuguesa programado pela RTP1. Para a RTP2, coordenou a série temática "Encontros Imediatos", dedicada ao fenómeno OVNI em Portugal. Em 2014 publicou o seu segundo romance histórico "As Curandeiras Chinesas. Um motim que abalou a I República" (ed. Gradiva). Publicou em 2015 a obra "História Prodigiosa de Portugal. Mitos & Maravilhas", que prossegue a linha de investigação da obra "História Prodigiosa de Portugal. Mitos & Maravilhas" (Quidnovi, 2012). O seu mais recente título "Portugal Insólito" foi dado à estampa pela editora Manuscrito (2016). Foi autor do guião e da apresentação do documentário "As Faces de Fátima", produzido para o Canal História em 2017 e, no Porto Canal, coordenou a série "Conversas do Centenário" dedicada aos eventos aparicionais de Fátima. Está biografado no "Dicionário das Personalidades Portuenses do século XX" (Porto Editora, 2001).

fosse a esta ilha, para, com aparelhos que levou, tirar aquela antigualha; o qual quando dela tornou, disse a el-rei que a achara desfeita de uma tormenta, que fizera o inverno passado. Mas a verdade foi que a quebraram por mau azo; e trouxeram pedaços dela, a saber: a cabeça do homem e o braço direito com a mão, e uma perna, e a cabeça do cavalo, e uma mão que estava dobrada, e levantada, e um pedaço de uma perna; o que tudo esteve na guarda-roupa de el-rei alguns dias, mas o que depois se fez destas coisas, ou onde puseram, eu não o pude saber". O cronista pormenoriza ainda que, "em 1529, o donatário Pêro da Fonseca, das ilhas das Flores e do Corvo, "soube dos moradores que na rocha, abaixo donde estivera a estátua, estavam entalhadas na mesma pedra da rocha uma letras; e por o lugar ser perigoso para se poder ir onde o letreiro está, fez abaixar alguns homens por cordas bem atadas, **os quais imprimiram as letras, que ainda a antiguidade de todo não finha cegas, em cera que para isso levaram** (sublinhado nosso); contudo as que trouxeram impressas na cera eram já mui gastas, e quase sem forma, assim que por serem tais, ou porventura por na companhia não haver pessoa que tivesse conhecimento mais que de letras latinas, e este imperfeito, nem um dos que ali se achavam presentes soube dar razão, nem do que as letras diziam, nem ainda puderam conhecer que letras fossem".

Rumores lendários ou testemunhos factuais?

Quais as testemunhas documentalmente identificadas, sem equívocos, diretamente envolvidas no episódio histórico em torno da chamada Estátua Equestre da Ilha do Corvo? Num primeiro grupo podemos incluir: **D. Manuel I**, 14º rei de Portugal; **Duarte d'Armas**, arquiteto e desenhador da Corte, autor do debuxo do monumento; um mestre pedreiro, natural do Porto, incumbido pelo rei da missão de desmontar e transportar o monumento para Lisboa; **Damião de Góis**, moço de câmara, cronista régio e guarda-mor da Torre do Tombo; **Frutuoso de Góis**, guarda-roupa do referido soberano e irmão mais velho do anterior; **Pedro da Fonseca**, donatário das ilhas das Flores e do Corvo, em 1529.

Acrescentemos a estes um segundo grupo de outros presumíveis testemunhos, embora não referenciados nos documentos, como **Antão Vaz Teixeira**, colono da primeira vaga de ocupação da ilha (entre 1508 e 1515); os irmãos de apelido **Barcelos**, depois de 1515, na segunda tentativa de povoamento do Corvo, talvez os mesmos que alertaram Pedro da Fonseca, em 1529, e os que acompanharam o capitão da ilha ao local da laje para copiar a legenda da estátua. Finalmente, um terceiro núcleo de individualidades, mais ou menos coevos dos protagonistas da fase da recuperação da legenda, como sejam o **Dr. Gaspar Frutuoso**, o primeiro historiador açoriano, contemporâneo de Damião de Góis, ainda que um pouco mais novo que este; **Fr. Diogo das Chagas**, escritor, que confirma a presença do donatário Pedro da Fonseca, na ilha do Corvo, em 1529; o **Dr. Luís da Guarda**, corregedor dos Açores entre 1548 e 1552, referenciado por Gaspar Frutuoso como tendo sido uma das pessoas ("ou outro seu propinquo antecessor", supõe o historiador) que "pretenderam alcançar o segredo daquela antiguidade", que, segundo os naturais das ilhas das Flores e do Corvo, ainda de acordo com Gaspar Frutuoso, "estava carcomida, com as faces do rosto e outras partes sumidas, cavadas e quase gastadas, do muito tempo que tudo gaste consome". Embora Damião de Góis nos informe, textualmente, "em nossos dias se achou", não aponta uma data. Sugere, quando muito, que a descoberta dessa "antigualha assaz antiga" - como ele a descreve - é contemporânea dele, do seu tempo.

O facto de ter sido D. Manuel I a mandar investigar e a recolher o monumento aumenta essa probabilidade. Mas não é impossível que a informação tenha chegado antes à Corte portuguesa.

É nesse conhecimento anterior a D. Manuel e Damião de Góis que se funda a tese da estátua do Corvo como elemento decisivo e impulsionador das explorações portuguesas de longa distância. Se o monumento existiu, de facto, quem poderia tê-lo construído? Para o cronista régio e arquivista da Torre do Tombo, "esta gente que veio ter a esta ilha e nela deixou esta memória poderia ser da Noruega, Gótica, Suécia ou Islândia", divergindo assim da hipótese fenícia ou cartaginesa defendida pelo seu contemporâneo açoriano Gaspar Frutuoso.

Recorde-se que o jovem Damião entrou ao serviço do Rei Venturoso com apenas nove anos de idade, fazendo companhia ao seu irmão mais velho, Frutuoso, guarda-roupa do soberano no Paço da Ribeira. Damião teve mestres de várias disciplinas, como mandava a refinada educação palaciana da época, começando como pajem da lança, servindo o rei à mesa.

Passou também a estudar música, para satisfação do rei, um refinado melómano, estivesse em despacho ou na sesta. Mais tarde, foi moço de câmara, um lugar de intimidade no protocolo régio, sendo dos poucos que se permitia entrar na régia presença em pelote, que, ao contrário do que se possa pensar, era uma capa forrada de peles.

Rezam as crônicas que segurava o bacio do penteador, enquanto o irmão Frutuoso penteava D. Manuel I... Temos, pois, reunido um séquito de testemunhos diretos, muito próximos, além dos indiretos, cuja concordância confere algum peso qualitativo à presunção da existência **de facto** do dito monumento, porventura perdidos os seus destroços entre as brumas da memória e das ruínas humanas.

...

Recorde-se que o jovem Damião entrou ao serviço do Rei Venturoso com apenas nove anos de idade, fazendo companhia ao seu irmão mais velho, Frutuoso, guarda-roupa do soberano no Paço da Ribeira. Damião teve mestres de várias disciplinas, como mandava a refinada educação palaciana da época, começando como pajem da lança, servindo o rei à mesa. Passou também a estudar música, para satisfação do rei, um refinado melómano, estivesse em despacho ou na sesta.

Mais tarde, foi moço de Câmara, um lugar de intimidade no protocolo régio, sendo dos poucos que se permitia entrar na régia presença em pelote, que, ao contrário do que se possa pensar, era uma capa forrada de peles. Rezam as crônicas, que segurava o bacio do penteador, enquanto o irmão Frutuoso penteava D. Manuel I... Temos, pois, reunido um séquito de testemunhos diretos, muito próximos, além dos indiretos, cuja concordância confere algum peso qualitativo à presunção da existência de facto do dito monumento, porventura perdidos os seus destroços entre as brumas da memória e das ruínas humanas.

Em 1587, o Corvo foi saqueado e as suas casas queimadas pelos corsários ingleses, que haviam atacado as Lajes das Flores. No ano de 1632, a ilha sofreu duas tentativas de desembarque de piratas da Barbária, no atual cais Porto da Casa, que era apenas uma baía.

Duzentos corvinos usaram tudo ao seu dispor para repelir os atacantes que acabaram por desistir com baixas. A imagem de Nossa Senhora do Rosário foi colocada na Canada da Rocha e diz a lenda que ela protegeu a população das balas disparadas.

No séc. XVIII, com a chegada dos barcos baleeiros norte-americanos à Ilha das Flores para recrutar tripulação e arpoadores, uma vez que os corvinos eram apreciados pela sua coragem, iniciou-se uma estreita relação com a América do Norte, que passou desde então a ser o destino de eleição para a emigração corvina e de onde chegaram praticamente todas as novidades à ilha, a qual manteve durante muito tempo uma relação mais estreita com Boston do que com Lisboa.

A emigração clandestina era uma constante da vida da ilha, apesar dos esforços repressivos das autoridades portuguesas, preocupadas com a fuga ao serviço militar obrigatório e com a perda de mão-de-obra.

Os corvinos pagavam um pesadíssimo tributo aos capitães do donatário. Manuel Tomás de Avelar foi o chefe da delegação de corvinos que foi a Angra do Heroísmo fazer a petição, despertando, pela sua sabedoria e maneiras, o espanto da liderança liberal da Regência de Angra. Mouzinho da Silveira, impressionado pela quase escravidão em que vivia o povo do Corvo, obrigado a comer pão de junca para poder pagar o tributo a que se encontrava obrigado, propôs a redução para a metade, do pagamento em trigo e anulou o pagamento em dinheiro, fazendo assim a felicidade dos corvinos.

A impressão foi tal que Mouzinho da Silveira, hoje homenageado como patrono da Escola Básica Integrada do Corvo, anos depois escreveria no seu testamento que gostaria de estar sepultado na ilha, "cercado de gente que na minha vida se atreveu a ser agradecida".



MOUZINHO DA SILVEIRA

O decreto, datado de 14 de maio de 1832, e assinado em Ponta Delgada por D. Pedro IV, reduziu à metade (20 moios) o pagamento em trigo que os corvinos faziam a Pedro José Caupers, então donatário da Coroa, e eliminou o pagamento em dinheiro de 80 000 réis. Em contrapartida, a Coroa assumiu indemnizar o donatário. O tributo apenas foi completamente abolido em 1835.

Pedro IV de Portugal elevou a povoação do Corvo à categoria de vila e sede de concelho (20 de junho de 1832). O decreto determinou que a nova vila se chamasse Vila do Corvo, e não Vila Nova como por vezes aparece grafado.

Antes disso, esteve sob jurisdição de Santa Cruz das Flores, sendo uma das freguesias daquele concelho.

Atualmente o dia 20 de junho é feriado municipal.

Da cama vejo o Corvo, um rochedo em formato de bota medieval, pontos brancos no sopé, no tacão, ilha inviável na teimosia dos habitantes.

Da varanda vejo uma baleia decepada no átrio do Museu da Fábrica da Baleia (que ainda não abriu na antiga fábrica de retalhar cetáceos).

Santa Cruz das Flores tem cerca de 2 mil almas, uma vida pachorrenta neste bulício de verão.

Nem imagino como será a longa invernada de mares alterosos, onde hoje há um espelho de água que me lembra a Baía de Díli, em frente a Lecidere, nos anos 70 do século passado....

Em volta só há mar até às Américas, que isto de Europa já nada tem.

Se Galileu não o tivesse dito, a Terra podia ser plana, tão vasto e reto é o horizonte que se confunde com o oceano.

Parado no carro, à espera da minha cara-metade e dos seus remédios, à porta da Farmácia de Santa Cruz, vejo aproximar-se e parar, um simpático agente da autoridade numa viatura da Polícia Marítima, o qual, cortês, me chama à atenção, de que estou contra a mão.

O mesmo me acontecera em S Jorge.

Estou sempre contra qualquer coisa. Já é mania.

Analisadas as instalações e de darmos umas voltas pela urbe fomos almoçar ao Boston Super Hambúrguer, bom e barato 6.00€ PAX. Ao jantar fomos ao Restaurante Rosa (logo a seguir à Igreja) com comida aceitável por 11.00€.

Depois de uma ida à piscina e ao ginásio fomos repousar cedo. O sol pôs-se por detrás de nós, detrás dos montes, vieram as estrelas e os cagarros, o marulhar calmo das ondas, contrastando com os gritinhos quase infantis e divertidos destas aves, sobre a piscina iluminada.

Ao longe há cento e tal casas alumiadas no Corvo, e mais meia dúzia a meia encosta. Vi os faróis de um carro rumo à caldeira. Parece estar aqui tão perto, essa terra de lendas e povos antigos.

A Ursa Maior apontava o caminho enquanto a Ursa Menor me atraía e me confundia entre as constelações Pégaso e Oríon, esquecido que estou de olhar os céus, nomes perdidos na memória de anos idos.

Este silêncio, esta paz, a gentileza das gentes.

Ao jantar, no apinhado restaurante Rosa, os funcionários estavam preocupados pelo atraso em servirem-nos, por entre a confusão de terem de atender também duas mesas de 25 excursionistas doutra ilha.

Uma terra com a dimensão pouco maior do que a Maia em São Miguel virada para o mar por todos os lados (e a atestá-lo a numerosa flotilha de barcos e barquinhos a toda a hora cruzando o canal para o Corvo), ilha esquecida pelos governos centrais e regionais (exceto agora em tempo de eleições e de alcatifar estradas e caminhos municipais).

Apetece fugir para aqui, apesar de não haver gelados em parte alguma, porque de acordo com o que me foi gentilmente explicado "esta terra é assim".

Apetece fugir para aqui das guerras, da fome, dos governos que nos desgovernam e passar despercebido do mundo. Terra ideal para escrever como Roberto Mesquita e Pedro da Silveira fizeram, enquanto iam ao mar buscar laranjas.

Amanhã vou ao Corvo...ver grutas e sonhar com golfinhos e baleias.

Da varanda continuo a ouvir a dança louca dos cagarros, cada um com seu cântico de guerra distinto....

Ao olhar o Corvo na lonjura parecia um botim, ou mais romanticamente, um navio à medida da Jangada de Pedra do Saramago à deriva no Atlântico Norte.

Se ao menos tivesse asas como os cagarros deixava-me ir mesmo sem lhes conhecer o alfabeto nem o sotaque dos seus constantes ralhos.



A FÁBRICA DA BALEIA, ORA MUSEU EM SANTA CRUZ DAS FLORES

NASCER DO SOL NAS FLORES

Amanheceu mesmo em frente à janela da suíte e talvez pela primeira vez (desde que me lembro) vi o sol nascer sobre o mar, momento inolvidável de beleza e magia que iria marcar o resto do dia dedicado à viagem ao Corvo.

Sáímos com outras 12 pessoas num Zodiac, barco semirrígido, para uma viagem de pouco menos de 40 minutos (15 milhas) ao custo de 30 Euros por pessoa, com direito a ver grutas.

O guia navegador, há 20 anos metido nisto, apoia a Universidade dos Açores e seus biólogos, e deu explicações detalhadas sobre cagarros, a pesca do atum e aspetos da vida marinha.



CALDEIRÃO DO CORVO



O CALDEIRÃO



AERODROMO DO CORVO

A viagem correu bem sem sobressaltos, mas se vislumbrarem os prometidos golfinhos nem baleias (cachalotes).

Muito calor à chegada ao pequeno cais, o Porto da Casa, onde 3 carinhas de 9 lugares nos esperavam para levarem os visitantes ao Caldeirão e suas lagoas, ponto obrigatório de visita dos turistas, a um custo de 5 euros por pessoa, creio eu. Ainda não chegara a névoa e via-se tudo bem.

Muitas pessoas desligaram-se do grupo e foram caminhar pelos trilhos, monte acima, ou monte abaixo, descendo depois os 8 km a pé até à capital da ilha e única povoação.

Perguntei ao motorista como era a vida no Corvo, face às noções que fui acumulando ao longo dos anos, sobre as suas privações, a sua pouca população (menos de 400 pessoas), as longas noites de invernias, mares de vagas de doze metros, semanas sem comunicação com o mundo exterior de barco ou avião (a fibra ótica está quase a chegar).

O motorista disse que agora já não era tão mau como o fora até há alguns anos, pois as pessoas tinham meios para se abastecerem e fazerem face aos cortes de suprimentos causados pela falta de comunicações marítimas. O ilhéu que parece uma bota, onde as suas gentes se confinaram à outrora chamada Vila Nova do Corvo (hoje Vila do Corvo) sem ocupação efetiva da terra como local de moradia nas terras mais altas.

A altitude do Caldeirão do Monte Gordo é de 300 metros, a sua crista fica a 600 metros, mas o Morro dos Homens atinge 718 m. Tem um diâmetro de 2 mil metros com pequenos lagos, dois ilhéus compridos e cinco ilhéus arredondados tendo-se formado há cerca de 1,5 milhões de anos. Na estrada de ascensão à Caldeira havia muito movimento para uma ilha tão pequena e despovoada: carrinhas de vaqueiros, pequenos tratores, moto-quadro conduzidas por idosos, jovens e até por uma mulher (a igualdade de género já chegou ao Corvo).

Na vila vimos vários camiões e equipamento pesado de construção a indicar um surto de edificação bem necessário. A ilha aparenta muita pobreza, sujidade, falta de cuidado na manutenção e pintura dos velhos edifícios, nalguns dos quais se via o carabelho, fechadura típica que só recordo ter visto no distrito de Bragança (mais propriamente em Rio de Onor).

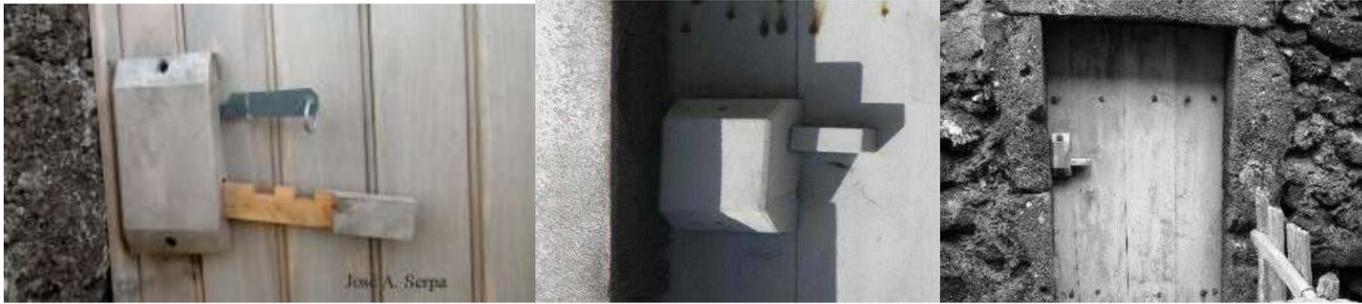
Alguns edifícios mereciam ser recuperados, e mantidos nas suas estreitas canadas que lembram aldeias medievais, como aliás é a origem do Corvo, de casas quase encostadas umas às outras (mas com pequenas ou minúsculas passagens entre elas).

A degradação do parque urbano habitacional, se bem que parcialmente explicado pela desertificação humana e emigração, carece de uma política mais proativa para a sua recuperação, pois no estado atual é um mau cartão de visitas da ilha.

Vi muito (mas mesmo muito) lixo atirado para as ruas e para as canadas, por entre os prédios seculares, muito mais do que se esperava ver numa terra que ostenta modernos ecopontos com contentores ecológicos de separação de conteúdos. É necessário fazer campanhas de sensibilização de lixo. Outro mau cartaz para o turismo.

Ao lado da assustadoramente pequena pista do aeródromo, estavam, três moinhos a serem reconstruídos, dois caídos e outro mantido com a pedra original à vista. Qual não é o meu espanto ao ouvir chamar o meu nome (ó professor! Ó professor!) e deparar com o mestre carpinteiro José Moniz, da Lomba da Maia, e o mestre José Alberto, da Lombinha da

Maia, os quais costumam fazer todos os trabalhos de manutenção da minha casa. O mundo é assaz pequeno. Fiquei satisfeito por encontrar conterrâneos¹¹, ali, tão longe de casa e observar o importante trabalho para que foram chamados por serem especialistas no restauro deste tipo de moinho de vela triangular, muito rara nos Açores. Uma excelente recuperação do património histórico. O resto da estadia no Corvo foi passado em curtos passeios a pé na pequena vila, entrecortado por um almoço na Traineira, único bar e restaurante em funcionamento na ilha naquela data, depois de outro mais moderno mesmo sobre a pista de aviação ter falido. A ementa com 4 alternativas e sobremesa foi económica, 8,50€ PAX. Muito calor preencheu esta estadia. Havendo ainda tempo antes de reembarcarmos para observar a manobra de carga de gado num navio que chegara de manhã com mantimentos. Curioso ver a vaca a ser transbordada. Dantes era bem pior e mais desconfortável para os animais...



CARABELHO



DEGRADAÇÃO DO PARQUE HABITACIONAL DO CORVO



MOINHOS DO CORVO, UM EX-LÍBRIS



PORTO DA CASA TRANSPORTE DE GADO ATUALMENTE E DANTES

A viagem de regresso foi mais agitada, contra o vento, e ondulação mais forte com o semirrigido a bater bem na mareação. O momento alto surgiria na visita a pequenas enseadas, ilhotas e quedas de água espantosas em grutas. Senti-me verdadeiramente transportado para o cenário de Os Salteadores da Arca Perdida...



GRUTAS E ROCHAS NA COSTA DAS FLORES

GRUTA NAS FLORES

¹¹ Apesar de não ser nativo dos Açores, senti-me irmanado de um açorianismo que me levava a considerar conterrâneo daqueles dois vizinhos. Era quase como ver familiares num país distante.

[interromperam-me os cagarros com os seus cânticos de velhas rezingonas, parece que falam ou ralham entre si, e depois surge sempre outro com um cântico diferente, antes de todos se calarem por instantes, e recomeçarem a agitada conversação...] Misturar uma queda de água sobre a entrada de uma gruta é de uma suprema beleza. Noutro caso, uma gruta aberta dos dois lados (quase que dava para o barco passar em ambas as entradas) a montanha descendo até ao nível do mar, interrompendo o maciço rochoso para se observar a água do mar de um azul-turquesa mais próprio dos Orientes exóticos e do Mar pacífico, criando uma enorme mancha turquesa à superfície e prolongando-se sob o mar. Havia formações rochosas com formato e feições de animais sempre com o pano de fundo do Corvo em forma de bota de um lado, e do outro a pipoca das Flores. Nessa tarde repetimos o jantar no restaurante Rosa, mas o preço já foi de 14.00€ PAX. As imagens falam melhor do que as palavras que perdi quando vi o segundo amanhecer no dia 28.

134.3.3. FLORES TURISMO EM 28 agosto 2013

O sol ainda mais belo, num céu quase desprovido de nuvens para mais um glorioso dia de férias nas Flores, dia em que finalmente nos faremos à estrada para conhecer os seus mil e um recantos encantadores.

Saindo de Santa Cruz fomos ao Monte e visitamos o parque florestal de recreio Paulo Camacho, antiga Reserva Florestal de Recreio da Fazenda de Santa Cruz. Ali vimos gamos, faisões de oito subespécies diferentes, galinholas, codornizes, pavões, melros, patos, gansos, coelhos e várias árvores nativas e algumas invasoras, devidamente assinaladas. Havia também um viveiro de truta arco-íris. Um local extremamente bem tratado, com amplas facilidades para piquenique e para crianças, apenas a uns minutos de Santa Cruz.



PARQUE FLORESTAL DE RECREIO PAULO CAMACHO, ANTIGA RESERVA FLORESTAL DE RECREIO DA FAZENDA DE SANTA CRUZ - FAROL (DA PONTA) DE ALBERNAZ



RESTAURANTE POR DO SOL NA FAJAZINHA - FAJAZINHA (SÓ TINHA VISTO ALGO SIMILAR EM PALHOÇA, FLORIANÓPOLIS, ESTADO DE SANTA CATARINA) -

Descemos à Ponta Ruiva, numa estrada nova, curiosamente marcada a tinta branca no pavimento, com dizeres alusivos aos abusos do Presidente da Junta. Esta manifestação pictográfica prolongava-se por centenas de metros listando todos esses alegados abusos. Uma forma deveras original de fazer campanha eleitoral.

Subimos então aos Cedros (mais um nome que se repete de ilha para ilha, numa total falta de originalidade toponímica) sem nada a assinalar exceto o facto de podermos ver bem como era delgada a Ponta Delgada das Flores, numa fajã que se estendia até ao Farol (da Ponta) de Albernaz construído em 1925, aparentando muitas semelhanças com o derrocado Farol da Ribeirinha no Faial, atingido pelo sismo de 1998, embora este tivesse apenas um piso e uma bela espraçada vista sob a costa oeste.

Uma criança bem pequena deliciava-se numa minipiscina transparente, enquanto o resto do pessoal em serviço, se mantinha circunspeto impedindo que os abeirássemos e lhes pedíssemos autorização para uma visita a um dos faróis mais ocidentais. Dali se avistava o ilhéu de Maria Vaz, antes de se começar a subir uma estrada de terra batida rumo ao Pico da Burrinha.

A estrada marginava a caldeirinha, uma pequena lagoa perto da Vigia da Rocha Negra...descemos depois pela Estrada dos Morros rumo às Fajãs. Dado ser hora de almoço rumou-se à Fajazinha, onde há 18 meses ocorreram trágicos desabamentos de terras e inundações, causadas pela Ribeira Grande, sendo bem visíveis as derrocadas ocorridas do miradouro Craveiro Lopes, por cima de cinco ou seis quedas de água magistrais que alimentam a Ribeira do Ferreiro e Ribeira Grande.

Na Fajazinha fomos até junto ao mar para experimentar o afamado Restaurante Pôr do Sol, com uma decoração típica, recheada de instrumentos e artefactos da primeira metade do século passado, desde telefones a ferros de brunir, lamparinas, rádios, etc. Excelente e saborosa comida com vista que promete inolvidáveis momentos a observar o pôr do sol. O preço de 14.00€ PAX foi apropriado ao ambiente e comida.

Após o almoço, vista a minipraia rochosa, regressamos à estrada e desviamos para a recuperada Aldeia da Cuada, maior do que se imaginava, um lugar à medida do isolamento da Ilha das Flores. Abandonada nos anos 60 quando os seus habitantes emigraram para a América, a Aldeia foi recuperada por Teotónia e Carlos Silva que sabiamente ali se estabeleceram fazendo a ligação entre passado e presente, recuperando a traça rural das casas de pedra e adaptando-as às atuais necessidades de modernismos como eletricidade e casas de banho.

Está rodeada de loureiros com o perfume adocicado da cana roca. Existem mais de dezena e meia de casas recuperadas espaçadas por entre calçada e caminhos de terra. Aldeia ecológica, privada, com a proibição de fumar dentro dela. Por isso, não me pude demorar muito...



ALDEIA DA CUADA ([HTTP://WWW.WONDERFULLAND.COM/WONDER2006/SLEEP/CUADA/INDEXHOUSE.HTM](http://www.wonderfulland.com/wonder2006/sleep/cuada/indexhouse.htm)) FAJÃ GRANDE



ROCHA DOS BORDÕES

CALDEIRAS FUNDA E COMPRIDA NÃO SÃO OS BORDÕES, MAS SÃO BONITOS (MORRO DOS FRADES)

Dali partimos para a Fajã Grande que impressionou por ser bem maior, bem pintada e tratada, muitas casas em bom estado de conservação, mansões modernas e uma avenida à beira-mar, rodeando uma enorme extensão de lava negra como a do Pico (junto ao Cachorro e Lagido), cobertas de pequenos pontos verdes de plantas que teimaram em crescer no seio da própria rocha. Também de rocha era a praia sem areia.

De seguida, rumo a Mosteiro com casas cheia de arcos e pouco mais de realce, para logo após sermos confrontados com o impacto da magistral Rocha dos Bordões, uma formação geológica, caracterizada por enormes colunas de basalto, localizado no sítio denominado por Cabo Baixo das Casas. Trata-se de um imponente acidente geológico único do seu género nos Açores, que se caracteriza pela solidificação da rocha basáltica em altas colunas prismáticas verticais de forma alongada.

Por estas rochas basálticas descem vários cursos de água que à medida que vão descendo a formação geológica se juntam para dar forma a uma queda de água.

Junto do sopé desta formação existe outra singularidade geológica a que foi dado simplesmente o nome de Águas Quentes, que são na sua essência caldeiras ferventes de água sulfurosa de pequena dimensão. Estávamos em pleno coração da ilha, com a Caldeira Funda e a Caldeira Comprida, seguidas da Caldeira Seca e da Caldeira Branca.

O Vale do Pico dos Sete Pés impressiona.

Aliás, esta ilha cuja altitude máxima é de 915 no Morro Alto, deixa a sensação de ter a maior parte das suas belezas lá nas alturas, por vezes, assustadoras com estradas estreitas orlando descidas a pique para o mar... Passámos pela Testa da Igreja, um acidente geológico a 812 metros de altitude perto do Pico da Sé, Morro Alto, Pico da Burrinha e Pico dos Sete Pés. Ali nasce a Ribeira de Badanela.

As Flores são uma ilha bem ativa, maior do que parece pelas suas dimensões, majestosa nos seus vales e sobranceira nas suas elevações. Descemos de novo aos Cedros quase sem se perder de vista o Corvo.

Enquanto escrevia chegava o barco que ontem nos levou ao Corvo e apetecia perguntar-lhes, "viram algum golfinho ou cetáceo?" ... decerto que não, publicidade enganosa... Vinha também uma pequena traineira lançar as redes numa enseada em frente ao Hotel para de manhã voltar, recolher o peixe pequeno que servirá de isco para o atum.

Antes de nos deitarmos, bandos de cagarros cantavam a sua melopeia estranha e nós resolvemos fazer uma experiência e colocamos o som de uma gravação dos cagarros de Santa Maria na varanda, mas os resultados foram o oposto do desejado. Amedrontados, os cagarros desapareceram todos silenciosamente desta ameaça gravada. Seria isto sintoma de que não entendem a fala dos de Santa Maria? Seria por temerem outros bandos que não reconheciam? A dúvida fica para um ornitólogo resolver. Ao jantar, repetimos o Boston Hambúrguer onde pagamos 5,65€ PAX.

134.3.4. FLORES TURISMO EM 29 agosto 2013

Na manhã de dia 29 houve um novo nascer do sol, diferente dos anteriores pois havia uma estreita, mas longa camada de nuvens pairando no horizonte. Começou por mostrar-se por entre as nuvens, ora se descobrindo, ora se escondendo. O mar continuava no calmo marulhar de plácidas águas e os pombos e pardais debicavam restos ou migalhas no jardim do Hotel em frente ao salão de jantar.

Se ontem já víamos centenas de melros por todas as estradas onde passamos e uma boa dezena de coelhos bravos de pequeno porte, esta manhã apenas se ouviam pardais. Até agora não se viu um único milhafre ou aves semelhantes predadoras que são visão frequente nas ilhas orientais. Investiguei e consta que não existem aqui aves de rapina [apenas no Corvo e Flores não existe esta espécie].

Este bucolismo de acordar a apenas dez metros do mar em frente a um rochedo com outrotanto de altura, coberto de urze é uma imagem que decerto vai perdurar.

Na varanda virada a oriente existem outros rochedos, mas quase desprovidos de verduras e com reentrâncias onde a água faz poças constantemente renovadas, com pequenas ondas que se entrechocam com pequenos leixões ou farilhões entre os dois rochedos. Apesar da maior parte destes ilhéus florentinos terem nomes, estes dois são demasiado pequenos para terem sido batizados. O de maior vegetação podia ser o Ilhéu dos Cagarros (pois nele existem vários ninhos) e o das Poças por ter sido ele que me fez salientar o facto de eu já não conseguir recordar em detalhe o princípio dos vasos comunicantes da Física que ali estava em plena demonstração ao vivo e em direto.

Em frente, o Corvo desperta, leve e lentamente, já banhado pelo sol nascente, e assim permanecerá até ao ocaso. A depressão de terreno junto ao mar é - de facto - o único local suficientemente recortado para ter sol todo o dia no verão. Também é o menos inóspito de toda a pequena ilha e quem sabe se não foi essa exposição ao sol o que motivou que os habitantes aportados a esta ilha inicialmente se fixassem aqui?

Podia ficar aqui neste belo ponto do mapa a desfrutar desta paisagem e aguardar a chegada do inverno com as suas ondas de 8 a 10 metros que devem banhar a piscina e o jardim aqui por baixo da varanda da suíte.



NAScer DO SOL NO INATEL DAS FLORES

CORVO AO NASCER DO SOL



FAJAZINHA



FAJÁ DO CONDE-

Santa Cruz das Flores, um dos locais mais ocidentais de toda a Europa, está conseqüentemente mais perto do Canadá e dos EUA do que qualquer outro para uma pessoa como eu se perder na alvura das páginas e debitar lirismo. Desde Timor (1974-1975) que não vivia tão perto do mar (em Macau a distância do delta era um pouco maior, uma avenida e um passeio).

Em Timor havia bem perto de casa o crocodilo sagrado que criou a ilha, aqui poderíamos criar a lenda dos cagarros como progenitores desta ilha florida. Acabemos com a divagação pois o pequeno-almoço chama. Sonhar ainda continua a ser gratuito e o governo ainda não instituiu nenhuma taxa.

Todo este Hotel das Flores (INATEL) de 4 estrelas é decorado com fotos a preto e branco, de tamanho variável, relativas a vida subaquática da autoria de Nuno Sá, fotógrafo consagrado internacionalmente pela sua atividade fotográfica submarina. Parabéns pela bela decoração.

Saindo de Santa Cruz na direção sul tivemos a sorte de ver um avião Q 400 Bombardier da SATA a aterrar no horário habitual das dez horas da manhã. Seguimos depois para o impressionante miradouro da Fajã do Conde, bem pequenina lá em baixo do outro lado do Morro de Santa Cruz e cujo acesso nem quero imaginar embora parecesse haver uma estrada de acesso...lá no fundo, bem em baixo...

Aqui seguimos pela estrada que corta a ilha ao meio, passando pelo Pico da Casinha e seu miradouro, bem como inúmeros outros miradouros até chegarmos à Caldeira da Lomba, já visivelmente eutrofizada. Depois, entre a Lomba da Vaca e o Pico do Touro passamos pelo Morro dos Frades, tornando a ver, agora de outro ângulo, as Lagoas Funda e Comprida., seguidas da Funda e Rasa antes de descer à Costa do Lajedo (Ponta das Cantarinhas, Águas Quentes, e Ponta Negra).

O pior foi no caminho da Costa do Lajedo para o Lajedo. Todo o monte era alvo de enorme intervenção (provavelmente efeito de derrocada) e a estrada em terra para o Lajedo estava em obras, ali mal passava um carro entre o abismo e os montes de brita deitados na parte protegida da estrada. O carro resvalava e fizemos a 5 km/h aqueles metros, sem hipótese de retroceder. O carro a deslizar para o lado sem o poder controlar e o declive ali mesmo ao lado a meros centímetros das rodas...foi assustador..., mas não havia já alternativa, para trás nem pensar e para a frente eram aqueles 20 ou 30 metros com menos de dois metros de largura de brita solta...



LAJEDO



CASA DO REI, RESTAURANTE NAS LAJES



MUSEU ETNOGRÁFICO

LAJES

MANTEIGARIA DO MUSEU ETNOGRÁFICO



QUEDAS DE ÁGUA DA RIBEIRA GRANDE

Depois disto nada se encontrou de relevante sobre o Lajedo, muito quente e pequeno, de ruas e vielas bem estreitas, casas inclinadas pela subsucção das placas onde está assente, caminhando lentamente para o fundo. Foi dos sítios onde mais se notava o deslizamento do solo, e os telhados inclinados face ao nível da rua, sinal de que as fundações estavam a abater.

Ficamos felizes por poder sair dali por outra via, asfaltada, desistindo de ir à Rocha Alta e à Costa, apesar de termos entrado uns quilómetros por essas estradas adentro, com montes abruptos e sempre muito íngremes, em que tão depressa se está ao nível do mar como se roda a 600 metros de altitude.

Após o Pico Negro seguimos pela maior reta da ilha rumo às Lajes, e à sua minúscula praia da Calheta. Esta mania de duplicar os nomes de outras ilhas e até da mesma: Fazenda (de Santa Cruz das Flores) e Fazenda (das Lajes das Flores), Monte de Santa Cruz e Monte das Lajes...duas Lagoas ou Caldeiras Fundas, uma ao lado da Comprida e a outra ao lado da Rasa.

Confusos? Também nós. Passou-se pela Fazenda das Lajes sem descer à Ponta do Capitão, na Lomba sem se ir às Portas da Fajã, nem à Furna dos Incharéus, à Furna Jorge ou à Ponta da Caveira e rapidamente estávamos em Santa Cruz, sãos e salvos.

Constatou-se que a GALP há dias que tem as bombas fora de serviço (avariadas? Ou sem combustível?) e tivemos de ir ao outro lado do aeroporto, à Azoria reabastecer (meio depósito para mais de 300 km). Não sei haveria mais postos, mas raros vimos pelos caminhos todos que percorremos. Os bares, snack-bar e restaurantes que vimos nas Lajes não me agradaram, vá-se lá saber por que razão, e levaram-nos a escolher a Casa do Rei, restaurante de uma alemã (suíça, luxemburguesa?) mesmo na entrada da vila das Lajes, com vegetais biológicos ou orgânicos. Apesar de só abrir ao público pelas 18 horas condescendeu em servir-nos.

Pouco depois entrava mais um casal (reconhecemos que estavam hospedados no nosso Hotel) e depois ainda mais um outro. A comida esmerada e saborosa foi rapidamente servida logo acabada de confeccionar. A casa de teto antigo e parede de tabique estava bem decorada, música dos anos 60 (Simon & Garfunkel, Joan Baez, etc.) num total de seis a

oitro mesas e capacidade para cerca de 30 pessoas. Apesar do preço 14.00€ PAX valeu a pena. A tarde avança no Hotel e a mãe e filho deliciam-se, tal como ontem, sob o sol na piscina do Hotel. Hoje, as temperaturas rondaram outra vez os 30 °C nas Lajes, mas aqui rondam agora os 24 °C.

Mais uma vez constatei ao chegar ao quarto que as mulheres da limpeza não tinham esvaziado nem lavado o cinzeiro cheio de água. Pergunto-me se o sindicato do pessoal técnico de higiene da indústria hoteleira (ou lá como se chamam) será antitabagista e as proíbe de limpar cinzeiros ou se é mera incúria das senhoras. Pequenos detalhes que nunca me escapam para depois os reportar ao *Trip Advisor*.

Antes de sairmos das Lajes andamos em busca de Artesanato sem grande sorte pois o único local tinha apenas mantas, e bordados (tipo Doyles) e acabamos ainda por descobrir o Museu Etnográfico numa casa tradicional, mas bem restaurada, cheia de utensílios e mobílias de tempos idos, numa bela coleção etnográfica.

No rés-do-chão havia uma oficina de carpintaria e outros mesteres com equipamentos de várias eras e apetrechos agrícolas de antanho. Mais abaixo, a Câmara Municipal recuperara outra casa onde outrora funcionara uma Manteigaria e Queijaria onde se podia observar como antigamente se fazia manteiga e queijo em moldes quase artesanais, num belo exemplo de preservação da memória e da cultura do povo.

A nossa guia oficial era micaelense como pudemos logo constatar ao ouvir “papeles” e aquela difícil conjugação verbal que troca am por em (levarem em vez de levaram, comprarem em vez de compraram) ... A miúda, aqui deslocada nas Flores há dois anos, era tão solícita e prestável que nem tivemos coragem para a corrigir, orgulhosa que estava da sua herança micaelense.

E assim estão a terminar os cinco dias de descanso anual, e destas curtas férias no Grupo Ocidental, com o pesar habitual de terem sido tão curtas, embora com a satisfação de terem servido de recompensa para um ano difícil de trabalho, com tempo invernal inclemente e a continuação do ataque governamental aos assalariados e pensionistas.

O regresso à dura realidade chegará de manhã, mas levamos na retina imagens de uma ilha diferente de todas que já conhecemos. Recordaremos as milhentas subidas íngremes e descidas ainda mais assustadoras, muitas vezes sem “safety rails” (rails de proteção), nem renques de hortênsias a separarem-nos dos abismos, a pique sobre fajãs, e outros lugarejos perdidos da ilha pontilhada, aqui e ali, por casas habitadas e gentes ciosas da sua ilha e das suas origens.

Como atrás disse, o único artesanato, e está em vias de extinção, era o de mantas de retalhos e bordados sem grande imaginação e menor variedade, como nos explicou uma setuagenária nas Lajes na única loja de artesanato visível e anunciada. É pena que a arte e a tradição do artesanato se estejam a perder sem haver quem siga as suas pisadas.

Uma ilha cheia de flores e muita água a cair dos seus inúmeros picos. Terra de contrastes, pejada de subidas e descidas com montes e mais montes que pareciam bem altos, vales profundos, fajãs, pequenos bosques, montes sem vegetação, estranhas formações vulcânicas como a majestosa Rocha dos Bordões e outras aparentemente semelhantes mas geologicamente distintas, o impressionante miradouro Craveiro Lopes rodeando cascatas, quebradas e derrocadas, o vale costeiro ou fajã sob o miradouro suspenso da Fajã do Conde, tudo lembrava a resiliência das gentes, a sua fragilidade perante os onnipotentes elementos, mas há uma coisa que parece faltar nesta ilha.

Apesar das muitas estradas e caminhos municipais razoavelmente asfaltados, para tão pouca gente, pela omnipresente Tecnovia, apesar de algumas construções modernas como o futuro centro Cultural das Lajes (em fase de acabamento), parece faltar massa crítica capaz de promover um maior desenvolvimento económico que liberte esta ilha da estagnação e da sangria que a constante saída dos mais jovens impõe. É imperioso criar condições para que não sejam obrigados a partir, a emigrar para outras ilhas maiores e com maiores oportunidades. É preciso reinventar formas de os fixar aqui sem ser apenas nos meses mais buliçosos de verão e turismo (junho a setembro). A continuar assim e à medida que a população envelhece sem que os jovens aqui se fixem, arriscamo-nos a assistir ao lento despovoamento e à inviabilidade económica destas ilhas mais pequenas, tanto mais que o governo central (e agora também o Governo Regional) insiste em fechar serviços e valências desde correios a tribunais, finanças e centros de saúde.

Por outro lado, esta ilha e a do Corvo são sempre as sacrificadas quando há avarias de barcos no verão, e no inverno são as dificuldades próprias destes mares que os obrigam a ficarem, por vezes semanas, sem receberem mantimentos e ligações ao exterior.

Custa-me imaginar que todos os esforços e abnegação deste esforçado povo ao longo de cinco séculos se venha a perder e se possa caminhar para o fim da civilização florentina açoriana. É uma pena imaginar que um dia - num futuro não tão distante como parece - estas ilhas sejam como as casas da Aldeia da Cuada, à espera de uns alemães, holandeses, portugueses ou outros que venham cá para as comprarem e tornarem rentáveis.

Não tenho poder, nem financiamento, nem outros - nem mesmo ideias - capazes de alterar este rumo, mas as ilhas menores do arquipélago rumam lentamente para a sua eventual extinção. É uma pena que locais paradisíacos como estes que tantos escritores de valor produziram não possam gerar uma espécie humana que os viabilize economicamente sem se tornarem em cidades-casino como Macau ou cidades perfeitas como Singapura e Hong Kong, mas sem alma.

Serei eu o último moicano ou o último abencerragem da geração romântica? Espero bem que não e que estas duas ilhas do grupo ocidental possam progredir e viver numa economia plena, responsável e sustentável, bem como as restantes ilhas do arquipélago. Enquanto me preocupo com o futuro das ilhas, de casa em São Miguel dizem que cadela Leoa está bem, e vem a notícia prevalecente do dia, da semana, do mês, do ano, a da ida ontem à noite do cantor popularucho, o celebrado e afamado cantante pimba Quim Barreiros, à Lomba da Maia, provocando engarrafamentos e uma avalanche de gente como nem os idosos conseguem recordar. Jamais no passado se registou um evento desta magnitude. Isto ilustra bem o povo que temos, as diferentes noções de cultura.

Quem me ler pode bem chamar-me elitista, pois desde o Coliseu de Roma que o povo sempre preferiu este tipo de “cultura”. Não sei quem patrocinou a vinda do “cantante”¹² que deve ter custado uns bons milhares de Euros, mas em véspera de eleições pode ser voto certo. Um investimento de excelente retorno, dirão os profissionais da política. Infelizmente, neste mundo Quim Barreiros, Tony Carreira e outros mexem apenas com a pequena economia - a dos pobres - sem trazerem valor acrescentado à macroeconomia local ou regional. Se bem que o valor da sua atração se possa medir em votos, nada irá acrescentar para o futuro e sobrevivência das ilhas e dos enormes desafios da pobreza, do desemprego, do alcoolismo, droga e criminalidade crescentes que, lentamente, vão corroendo o tecido social que manteve o arquipélago imutável ao longo dos séculos.

Infelizmente, estes “circos” populares ou popularuchos servem apenas para opiar ainda mais o povo iletrado, inculto e ignorante que continua a votar naqueles que melhor o exploram.

Um novo tipo de feudalismo e de escravatura que visa perpetuar o fosso entre os que “têm” e os que não conseguem a alforria. A massificação da cultura “dita popular” versus a redução abrupta dos orçamentos culturais (das artes em geral,

¹² Vim posteriormente a saber que tinha sido a atual junta de freguesia liderada ainda pelo meu senhorio, em fim de mandato, e que foram despendidos 17 mil euros...nem comentário... e mesmo assim o candidato a presidente da junta iria perder as eleições por dois votos!

ao teatro, à literatura, etc.) quer perpetuar o mínimo denominador comum de iliteracia. Um povo iletrado não pode ser livre nem preservar a sua autonomia, antes permanece subjugado e submisso a todos os que o espezinham.

Eu aqui, na Ilha das Flores, preocupado com o futuro que ameaça tornar-se uma repetição do passado: os senhores nos seus castelos e os servos da gleba esmifrando as migalhas que lhes atiram das ameias, eternamente gratos, de chapéu na mão a agradecer tanta benesse e caridade. Claro que assim, nem o país, nem as ilhas progredirão, pois, a manutenção do "status quo" preserva a ordem estabelecida, e pessoas como eu nem chegam a ser convidadas para bobos da Corte.

A crítica mordaz da alienação não agrada àqueles que são objeto da sátira e da jocosidade de quem vê o mundo numa moldura maior do que as mentes tacanhas dos que detêm o poder. Até nisto a História se repete e poucos foram os que do olvido e da lei da morte se libertaram, numa paráfrase livre desse épico que foi Camões. Resta-me lavrar aqui o meu desacordo e continuar a sonhar com a utopia (por isso, nunca conseguida) de um mundo melhor, mais justo, mais equitativo que é exatamente o oposto daquilo a que vimos assistindo nestas últimas décadas.

Possa eu continuar a contar livremente esses sonhos, essas utopias, sinal de que os senhores do mundo ainda não calam todas as vozes. Aqui não é o Haiti (como dizia o Caetano Veloso) nem a Coreia do Norte e ainda vou tendo liberdade de pensar e de me exprimir.

O meu voto continua sem estar à venda mesmo que o seu valor seja meramente estatístico e não garanta nenhuma representatividade eleitoral. Controlado, vigiado, escutado, analisado e dissecado vou resistir enquanto puder (i.e., enquanto viver) a ser um mero píxel nos ecrãs dos controladores globais que nos programam a seu bel-prazer e não será pelo medo que estragarão os momentos livres e felizes que passei aqui no grupo ocidental dos Açores.

134.3.5. FLORES TURISMO EM 30 agosto 2013

Acordei como habitualmente pelas 07:15 e aguardei o aparecimento do astro-rei. Este Hotel subestima o nascer do sol e devia fazer dele um cartão-de-visita. Tal como nos outros dias, sou o único hóspede a pé a estas horas e a ver o sol nascer. Este sentimento de partilhar com ele um novo dia com esta vista do Atlântico Norte sobre a Ilha do Corvo cria um estado de espírito revigorado, dando alento para enfrentar as agruras quotidianas, sendo para mim a maior, esta noção de imponderabilidade terrena balanceada com a certeza de ter de deixar a ilha ainda hoje.

Como costume dizer, sou infiel ao arquipélago. De cada vez que conheço outra ilha apetece-me deixar ficar tudo e viver nela. Admito que o rochedo do Corvo é demasiado pequeno e inóspito para ali ficar a viver, mas...nas Flores (um pouco maiores do que Santa Maria) não sinto a claustrofobia das ilhas pequenas. O acidentado terreno, a variedade geomórfica e o sentimento de inspiração criativa fazem dela uma ilha onde poderia viver tal como vivo na Lomba da Maia.

Há uma atração telúrica aliada à companhia permanente do Corvo nesta metade oriental da ilha. A outra metade virada ao continente norte-americano já não tem a mesma atração. Sei que vou deixar estas duas ilhas, mas farei como todos os açorianos: levarei um pouco delas comigo, farão parte da minha bagagem como Santa Maria em 2006, Faial e Pico a partir de 2007, S Jorge após 2008. Em todas me revejo um pouco, em todas me sinto em casa o que explica as 25 páginas manuscritas em apenas 4 dias.

Sou, de facto, um ilhéu e apesar de a pátria estar distante em Sidney e da mátria ser em Bragança de montes e neves, sei que - desde há muito - a minha vida é indissociável destas 7 ilhas (falta-me agora apenas a Graciosa e a Terceira) que conheço e adotei como se fossem minhas desde a memória inicial dos tempos. Afinal não é preciso nascer-se nos Açores para se ser açoriano. São Miguel começa a ter os mesmos problemas do Continente português, enquanto as ilhas mais pequenas, embora com menos serviços públicos, menos gente e menos valias culturais, continuam a ser pequenos paraísos por descobrir, onde, por vezes, se sente que o tempo parou, mas onde ainda é possível coexistir com os nativos e partilhar as suas belezas. Aqui, ainda se tem a sensação de estar tão longe do mundo e dos seus problemas que a vida em paz parece ainda possível, e nesta idade, viver em paz é um bem demasiado precioso para se desperdiçar.

No fundo, em São Miguel, na Lomba da Maia, vivo recluso no meu "castelo" mantendo uma política de boa vizinhança com os que me rodeiam, sem que interfiram na minha vida ou eu na deles... esse equilíbrio seria possível nestas ilhas ou noutras (à exceção do Corvo com os seus quase 400 habitantes. A Lomba tem 1200 votantes). Sinto, por vezes, a falta da família e amigos, dos quais gostava de receber mais visitas e mais frequentes, em vez de ser eu a arcar com as despesas todas dos reencontros. Há a necessidade de falar, trocar ideias e impressões com outros seres vivos que partilham de alguma da minha inquietude perante o mundo, mas a tranquilidade modorrenta desta minha vida de expatriado australiano vale bem a pena, enquanto puder ser compensada duas vezes ao ano com os Colóquios da Lusofonia, que sonho trazer às Ilhas do Triângulo e às Flores. Terei de inventar meios de sair das ilhas mais vezes, sem nunca as deixar para trás. Afinal, para mim, elas são Ilhas-Filhas, que trago a reboque, colar multifacetado de vivências que constituem já a essência do meu ser.

Espero que esta vinda às Flores e Corvo sirva de retemperadora inspiração para mais um inverno cinzento e molhado que deprime e anquilosa a mente e o corpo e, por isso, irei fazer com que esta experiência enriquecedora perdure, dando-me forças e alento para um novo ano. Não me queixo, pois, a vida tem-me proporcionado vivências inolvidáveis e variadas em todos os cantos do mundo, ao contrário de muitos que nascem e morrem confinados à pequenez das suas mentes e dos locais onde vivem. Tal como este mar rico em abundante peixe, espero que a vida me continue a proporcionar a facilidade de pescar novas experiências em mares para mim desconhecidos. O oceano pontilhado de pequenos pontos, barcos de lazer, de turismo e de pesca, e de repente, ainda sem ruído avisto a sombra, curvando-se nos céus entre o Corvo e as Flores, do pequeno avião que nos há de transportar mais logo. Entrou pelo norte da ilha permitindo mais uma sessão fotográfica diferente.

Sei que a ilha tem condições adversas no inverno, mas esta semana de verão foi divina, com um mar chão que mais se assemelhava a um lago imenso, tornando estas ilhas ainda mais apetecíveis. Este silêncio quase absoluto entrecortado pelo sussurrar do mar sem ondas é revigorante. As borboletas, os zangãos, as pequenas aves saltitando entre os rochedos são uma noção de equilíbrio que parece ancestral, mal se notando a presença humana das 3800 almas que aqui vivem espalhadas pelas duas vilas, aldeias e fajãs onde a pesca e a agricultura continuam a ser o quotidiano das pessoas, como sempre foram desde que há cinco séculos aqui arribaram.

As Lajes (das Flores) têm 70 km² e 1502 habitantes divididos por sete freguesias, enquanto Santa Cruz tem 72 km² e 2493 pessoas em 4 freguesias. Distam 283 km de São Miguel, 336 de Santa Maria, 192 km da Terceira, 150 km da Graciosa, 144 km de S. Jorge, 135 km do Pico e 13 do Corvo.

Deve ser uma santa vida ser controlador de voo nas Flores e no Corvo, sem o stresse de outros locais e idêntico vencimento. É o trabalho do lá vem um...avião. Ser da PSP ou da GNR aqui também deve ser uma profissão pacata sem se terem de preocupar com a caça à multa, assaltos, roubos e demais crimes. Não avistamos um só agente nestes dias, e estivemos sentados mais de meia hora num café na praça em frente ao quartel. Houve só a aparição daquele Polícia

Marítimo a chamar-me a atenção por estar parado à porta da Farmácia em contramão. Mas o que gostava era mesmo ser controlador de voo.

Se não fosse a bandeira azul com estrelas que se vê no aeroporto e o uso do Euro como moeda ninguém pensaria que estamos na Europa e não é pelos dois mil quilómetros que nos separam da terra firme, mas pela diferença de paradigmas de vida, pelo seu ritmo cadenciado, pelas suas ondas e marés e não pelos ditames da burocracia. A identidade insular é bem distinta da portuguesa e da europeia e para se cumprir falta apenas a vivência de uma autonomia plena que cortasse as amarras ao velho continente. Pertence o arquipélago à Europa por mera e fortuita coincidência geopolítica, mas a alma destas ilhas está equidistante de Américas e Europa. Ainda vou acabar por me naturalizar açoriano!

Por outro lado, os jovens terão de emigrar para terem futuro, como era o caso do jovem especializado em Agronomia com mestrado completo, que nos atendeu no aluguer de carros, e nos disse da sua paixão pela Austrália (e que incentivei, pois lá terá muitos mais hipóteses do que cá). Mais um caso de subemprego ou desemprego camuflado dos jovens deste país. Quem sabe se um dia não estarei a traduzir o seu processo de emigração? Como atrás disse, se não forem criadas condições de fixação de jovens a única saída que lhes resta é a emigração.... Foi ele que nos disse que as rachas na estrada da Fajãzinha não se deviam a qualquer sismo, mas ao mero aluimento de terras, uma constante que ameaça lançar a freguesia no mar. Depois das inundações e derrocadas de fevereiro de 2012, todas as estradas foram reconstruídas, mas estão todas a ceder. O mesmo acontece no Lajedo, pelo que a longo prazo estão ambas condenadas a desaparecer levadas pelo mar.

Agora entendo o que na altura me deixou surpreso, que era ver algumas casas com o telhado inclinado em relação ao nível da rua. Pensei que fosse defeito de fabrico, mas afinal era um mero aluimento progressivo (e constante) dos solos. Aliás, embora a Igreja e várias casas tivessem sido recuperadas depois das inundações (que deixaram a Fajãzinha isolada vários dias e obrigaram à evacuação de larga parte da sua população) havia ainda muitas casas que apresentavam rachas e fissuras proveniente do lento deslizamento dos solos. As brechas nas estradas, algumas bem largas, prenunciam mais sofrimento e dor para as gentes da Fajãzinha, e a acreditar no jovem agrónomo, idêntico fenómeno ocorre no Lajedo, o tal local de difícil acesso onde tivemos a emocionante aventura de descer a estrada em terra, em obras, cheia de montes de bagacina, sem margem para erro de condução a menos que quiséssemos deslizar encosta abaixo. No último dia houve várias estradas que deixamos de percorrer pois a margem de tolerância para tanto abismo era já reduzida, algumas dessas estradas eram demasiado estreitas e nada as separava das falésias, nem a mera ilusão de um renque de hortênsias a fingir de proteção das falésias alcantiladas, a pique sobre o mar, centenas de metros abaixo.... e, francamente, gosto de descer mais suavemente até às fajãs. Outras que fizemos, como a subida do Farol de Albernaz para o Morro da Burra, guiamos bem mais afastados do precipício, mais encostados ao morro, praticamente na contramão, dado ser muito assustador ir pelo lado direito da estrada ou da berma sobre as falésias. Cá em baixo havia o ilhéu de Maria Vaz, a Quebrada Nova e a Ponta dos Fanais. Tudo a pique num bosque sem árvores, apenas um declive em linha reta e direta para as pequenas ondas. Houve outras estradas semelhantes e a noção que perdura é a de que a Ilha das Flores é feita de montes muito altos e de muitas pequenas fajãs lá em baixo e todos sabemos como nascem as fajãs.... Sobem-se 300 metros em poucos quilómetros de estradas íngremes.

Não há muitas casas isoladas, agrupam-se em aldeamentos não havendo tanta dispersão como noutras ilhas. Talvez pela inclemência dos elementos tivessem necessidade de permanecer agrupados.

Outra nota curiosa desta estadia foi constatar a falta generalizada de crianças e de jovens por todos os locais por onde passamos, pois, a maioria das pessoas que se viam eram já de uma certa idade. Começa também a ser visível nas ilhas o envelhecimento populacional. Ainda hoje o secretário da educação, Luiz Fagundes Duarte referia haver menos 853 alunos este ano, tendência redutora que se vem verificando nesta última década. Começam a desaparecer as famílias numerosas de seis a dez filhos que ainda eram normais na geração anterior.... Menos alunos significa menos professores, menos escolas, menos serviços, menor economia, menos contribuições fiscais e menos riqueza na região. O envelhecimento geracional em paralelo com outros fatores pode conduzir à extinção das espécies, neste caso à extinção do povo açorianos que nem atinge 250 mil pessoas nas ilhas embora com seus descendentes sejam uns milhões expatriados. No entanto, é um facto comprovado que em alturas de crise os nascimentos disparam, pelo que resta esperar que esta enorme crise traga um acréscimo de natalidade.

Depois da leitura não perca as fotos das miniférias nas Flores e Corvo

https://www.youtube.com/watch?v=FrF_9UrcZc ou em <https://www.lusofonias.net/c%C3%A7oes/flores/1874-00-diaporama-flores-e-corvo-chrys-2013.html>

CRÓNICA 135, CRISES, 18-24 NOVEMBRO 2013

135.1. CIRURGIA ADIADA

Acordei cedo e em jejum como recomendado pela anestesista. Tivera três dias para me mentalizar que a operação a uma catarata era um ato cirúrgico, tão normal quase como lavar os dentes. Estava calmo, mas sequioso pois disseram para nada comer nem beber (nem água) depois da meia-noite. O dia ia nascer cinzento, mas de teto alto que não é tão deprimente. A viagem para a cidade, capital da ilha, fez-se ainda sem movimento que por aquela hora já os vaqueiros tinham saído para as pastagens para mungir as vacas.

No hospital (HDES) ainda não era chegado o bulício e encontrei lugar para estacionar mesmo em frente à porta do hospital de dia. Cumprida a formalidade do autocolante para a minha acompanhante e fumados dois ou três cigarros (que a manhã prometia ser longa) entramos para a cirurgia de ambulatório de oftalmologia. Passado pouco tempo, uma enfermeira veio deitar umas gotas no olho a operar, depois veio outro enfermeiro dizer que chegáramos cedo demais, pois eram 08.00 horas e a cirurgia estava marcada para as 11.00...seria o último de seis a serem operados nesta manhã.

Assim, fomos fazer o que havia para fazer depois da operação, tal como comprar mantimentos, quando o telefone toca. Era do hospital. Admirei-me, ainda não eram dez horas e já me estavam a chamar? Ledo engano, o microscópio eletrónico havia avariado logo após a primeira cirurgia e a minha fora adiada sine dia.... Tanto esforço para nada.

A lista de espera ronda os dois anos, mas como pedi ao meu oftalmologista e cirurgião compreensão para a cegueira galopante do olho esquerdo (menos de 10% de visão) ele conseguiu antecipar para hoje a minha vez...

O pior é que os hospitais dos Açores devem 60 milhões de Euros aos fornecedores e se o aparelho não for reparado localmente...terão de começar a pagar contas antes de o fornecedor o substituir ou arranjar. Coisa demorada. Na clínica do Bom Jesus há um igual ou parecido, mas como é privada e cobram bem (creio que dois mil ou 2500.00€ por cada olho) ...disseram-me que quando avariava, o técnico do raio-X o ia reparar. Esperemos que seja este o caso. Sei que milhares de pessoas recorreram a esta cirurgia banal, mas não deixo de me lembrar de seis doentes que no hospital de Santa Maria em Lisboa ficaram cegos por um mau medicamento que lhes foi ministrado...claro que 99,9% dos outros ficaram bons..., mas aqueles ficaram cegos. Conformado, terei de aguardar nova vez. Este problema da redução substancial da visão tem tido um efeito pernicioso na minha psique e inspiração e limita as minhas atividades diárias com a visão limitada a metade do ângulo de visão...por isso passaram-se meses desde a última crónica que celebrava uns dias de férias...

Logo que chegamos das Flores a minha mulher resolveu inovar e partiu o pulso em dois locais, ao subir as escadas para a falsa! A descer muita gente parte ossos, mas a subir, é obra. Meteram-lhe gesso que durou mês e meio e anda agora a recuperar lentamente o uso da mão esquerda ainda sem a força que tinha dantes.

135.2. VISITANTES DA AUSTRÁLIA

Passados poucos dias das férias e tal como previsto chegaram o Frank (Xi Zé) e a Ana Lúcia, vindos de Sydney, amigos de há décadas, que iríamos rever depois de um hiato de mais de dez anos.

Mal desembarcaram iniciou-se a correria louca para lhes mostrar o máximo possível da ilha - tiveram sorte com o tempo pois (acabados de chegar) deu para ver as Sete Cidades e a Lagoa do Fogo sem nevoeiro nem nuvens baixas. Ao longo de cinco dias mataram-se saudades, deu-se a conhecer a ilha que tanto os encantou que até começaram a ver preços

de casas para virem viver para cá quando se reformarem. As Furnas foi um dos locais eleitos para viverem, bem como o Nordeste... Com os meus primos em PDL recordaram locais comuns da Angola natal, reviveram tempos comuns e contactaram com pessoas que a distância da Austrália tinha afastado. As fotos da estadia deles (e só acabaram por ver uns 3/5 da ilha) estão em linha a provar como os Açores, e esta ilha em particular, têm uma magia especial sobre visitantes insuspeitos. <https://plus.google.com/photos/115656870521853573882/albums/5923618551614259009>

135.3. 20º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

Pouco depois da partida deles e com a rotina das aulas de novo instalada cá em casa, era a época da fase final de preparação do 20º Colóquio da Lusofonia, desta vez em Seia onde fomos recebidos pela Escola Superior de Turismo e Hotelaria do Instituto Politécnico da Guarda.

Agradecimentos

Em meu nome pessoal, no da AICL, e no de todos os participantes que tiveram o privilégio de partilhar connosco momentos inolvidáveis, resta-me congratular, em especial, a professora Doutora Anabela Sardo e toda a sua equipa (Dr Humberto Pinho, Zaida Pinto, Elisa Branquinho, Isa Severino, e todos os estudantes do secretariado e das diversas funções hospitalares que cuidaram de nós) pela calorosa receção que nos fizeram ao longo de quatro dias, pelo cuidado posto nos "pequenos mimos" com que nos agraciaram nos almoços, nos intervalos e durante as sessões, fazendo deste um Colóquio que certamente gostaríamos de repetir e que dificilmente esqueceremos. A nossa gratidão é extensiva a todos os membros do corpo docente que connosco estiveram e aos que aprovaram a nossa deslocação a Seia que esperamos possa ser repetida no próximo triénio. Raramente tive, nas minhas funções organizativas, um Colóquio tão descansado e despreocupado, dada a eficaz gestão dos coorganizadores locais. Sentimo-nos em casa, e reiteramos aqui publicamente os nossos agradecimentos que devem ser transmitidos não só a todo o pessoal envolvido como às entidades que connosco colaboraram (Câmara Municipal de Seia, Ass. de Artesãos da Serra da Estrela, Biblioteca Municipal de Gouveia). Bem hajam por nos terem acolhido. Até breve. Dentre os pontos altos do Colóquio havia a visita cultural à pequena, mas acolhedora aldeia de Melo, terra de Vergílio Ferreira, onde foi nossa guia a Dra. Catarina dos Santos, da Biblioteca de Gouveia a quem reitero aqui publicamente em nome da AICL (Colóquios da Lusofonia) o nosso agradecimento coletivo pela sua gentileza, amabilidade, cortesia e simpatia transbordante de amor pelo autor. Das nossas conclusões consta a iniciativa de criação do Centro de Estudos Vergilianos. Melo é uma aldeia bem bonita nas faldas da Serra da Estrela perto de Gouveia, a maioria das suas casas (muitas desertas) apresenta-se em bom estado de conservação e muitas foram recuperadas (nem sempre com o gosto exigido, abundam as caixilharias de alumínio...). Naquilo que seria a praça principal uma enorme homenagem a Vergílio Ferreira no chão onde se assinalam as datas marcantes da sua carreira e os nomes com datas dos seus livros, ao fundo a casa Josephine assim chamada em honra de sua mãe quando se naturalizou norte-americana. Uma antiga taberna serve de Museu improvisado, muitas das casas de Melo estão descritas e amalgamadas na sua obra conforme se lia num panfleto ilustrado com frases suas a propósito de locais e casas. Um verdadeiro roteiro cultural que nos foi proporcionado sempre com explicações e detalhes sobre a vida do autor. Foi exatamente isto que os Colóquios propuseram em 2003 e agora começa a tomar forma em vários pontos do país.

Transcreve-se o que então se escreveu:



A língua portuguesa e a UE alargada, J. Chrys Chrystello, 2003-06-02 [Página principal | Página de publicações | Revista ELO | Índice]



Dizem as estatísticas que Portugal não está preocupado com a expansão da UE, e os poucos que se pronunciam queixam-se da perda de subsídios que daí pode advir. Ainda ninguém perguntou que vantagem haverá para a língua e cultura portuguesas, provavelmente, fruto da falta duma política nacional da língua. A capacidade que temos em adicionar aritmeticamente os habitantes dos PALOP's não se traduz numa política de edição de traduções de consagradores autores para os leitores ávidos dos novos estados membros da UE, talvez por desconhecermos a cultura e hábitos de leitura desses povos. Para preservarmos a nossa versão da língua portuguesa é preciso mantê-la viva, e esta é uma oportunidade ímpar de atrair leitores para as nossas obras. Mais tarde viriam os que prefeririam ler as obras na sua língua original, bem fácil aliás de aprender para todos os falantes de línguas eslavas...

[... Se bem que seja importante, o contributo dado por entidades oficiais e para-governamentais tem de haver iniciativas dos setores privados para criar a necessidade da língua portuguesa. Existe uma potencialidade enorme nesses novos mercados de produtos portugueses, que terão de ser traduzidos pelo que prevejo o aparecimento de novas necessidades nos campos de tradução, incapazes de serem satisfeitos por meros aparelhos mecânicos de tradução consabidas as suas limitações.]

Como catapultar a língua e os livros portugueses da sua semiobscuridade para um cenário de ribalta? Quem se lembrou já de incluir roteiros turísticos literários a locais celebrizados pelos monstros sagrados da literatura dos séculos XIX e XX? Alguns constam já dos vulgares roteiros paisagísticos, havia apenas que organizar a leitura de livros desses autores, e a divulgação de novos escritores nesses locais, [um pouco como foi feito em abril 2003 com a atribuição do prémio Camilo Castelo Branco a Mega Ferreira]. Disponibilizavam-se traduções já existentes ou faziam-se reedições (económicas e sem grandes luxos) para os milhares de turistas desses novos países que quererão vir a Portugal. Lucravam o país, os editores, os operadores turísticos e a língua. Podíamos começar com o José Saramago e um roteiro às suas terras de origem acompanhado de leitura de obras suas, disponibilizadas em línguas dos novos países aderentes UE, passando por locais evocados em "A Cidade e as Serras" e tantas outras paisagens dos Açores de Nemésio, à Brasileira de Pessoa ou à Monsanto de Fernando Namora.

Convidavam-se professores jubilados que amam a Língua Portuguesa para falarem das mil e uma nuances de cada autor, pedia-se a cada um dos autores ainda vivos que disponibilizasse um dia do calendário para falar da sua obra ou lê-la num cenário apropriado. Estou certo de que a organização de tais eventos custaria menos do que muitas das funções oficiais já agendadas. A Europa alargada aí está, iremos continuar de costas voltadas com a nossa desculpa atlântica ou vamos descobrir novos mundos? Não

precisamos de subsídios, tão só de vontade para esta revolução que continua por fazer, não precisamos de comissários, mas apenas de pessoas que amem a língua e cultura e que a achem sua.

Tivemos ainda tempo de ir depor uma coroa de flores no túmulo do autor em nome da AICL e da ESTH.

Outro ponto de destaque foi o anúncio da vencedora do Prémio Literário AICL AÇORIANIDADE EM HOMENAGEM A JUDITE JORGE, Maria Saraiva de Menezes: com o CONTO intitulado Chapéu-de-chuva Transparente (crónica de um amor sem limites) que deverá ser editado pela Calendário de Letras nos próximos doze meses.

Uma curiosidade interessante surgiu do local onde ficamos instalados, a Quinta de Crestelo (curiosa semelhança do nome) e do seu dono que era nem mais menos do que o ex-Alferes Alberto Trindade Martinho (atual professor universitário na UBI) a quem em Timor eu passara a pasta de Editor-Chefe do jornal local A Voz de Timor, há uns 39 anos atrás. Jamais nos víamos ou contactáramos neste hiato de décadas e ele acabou por ser nosso anfitrião.

De serviço personalizado aprimorado, a Quinta tem várias valências desde os desportos radicais, às várias piscinas, à observação de aves e de espécies botânicas. Uma estadia que ninguém esquecerá.

Em meu nome pessoal, no da AICL, e no de todos os participantes que tiveram o privilégio de ali ficar hospedados, resta-me congratular, em especial, o dono da Quinta do Crestelo, Dr Alberto Trindade Martinho (amigo e colega de lides jornalísticas em Timor-Leste, que não via há 39 anos), a Sandra Nunes, o António e todo o demais pessoal da Quinta pelo seu afeto, cordialidade, gentileza, disponibilidade total, deferência, eficiência, zelo, atendimento personalizado, etc., que fizeram desta uma estadia que jamais olvidaremos. Agradecia que este agradecimento fosse tornado público a todos os funcionários da Quinta que conosco privaram ao longo de cinco inesquecíveis dias.

Bem hajam, voltaremos decerto, pois este local personifica o que entendemos por turismo de habitação em ambiente rural com todas as suas valências (que não tivemos tempo de explorar, à exceção do João Chrystello e do Henrique Andrade Constância). <https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1484-20%C2%BA-2013-seia-1-slideshow-total.html>

135.4. CRISES

O resto destes meses foi passado a contemplar o abismo que se avizinha com a falta de clientes e de traduções capazes de garantir a sobrevivência económica... Não é só o país a precisar de milagres...haja saúde e boa disposição que o demais virá...como nada tenho de meu, os bancos nada me podem tirar. Dizem que ando a preparar uma depressão, mas não sei se é cavada ou mais parecida com um anticiclone como costuma acontecer por estes lados. Com o nevoeiro que está hoje nunca se sabe, ontem sábado estive um dia primaveril ou outonal conforme preferiram.

Em Portugal grassa o frio e chegou a neve a alguns locais, na vizinha Sanábria está tudo branco e em Toronto também, que já andei a visitar as fotos dos amigos e amigas espalhados pela aldeia global.

A situação é drástica, mas ainda não totalmente desesperada...e há sempre uma esperança infinda...não é só este governo ditatorial e corruptamente néscio que me incomoda, é a nível global, custa ver que é igual em todo o lado e não se vislumbra ainda a saída para este dilema de vida que nos asfixia, adocece e mata. Um governo que é mero pau-mandado do grande capital sempre a fazer o que lhe mandam e de quando em vez, lança umas atoardas para cá fora a ver se pegam, ou a testar o ambiente... A última é hilariante "querem cadastrar os pais fumadores" ...nem comento... eu cá não cadastrava os fumadores mas a eles que o propuseram castrava-os e já.... Enoja tanto a política e andam todos tão saturados que eles, governantes, vão vomitando as suas leis e roubos e o pessoal já nem reage. Depois há uns energúmenos de direita que dizem que o governo foi legitimamente eleito (alto lá! Era legítimo se não tivesse introduzido exatamente o oposto do que se propôs fazer antes de ser eleito!) e eu lembro-me (vá-se lá saber porquê), do Adolfo Hitler a ser eleito democraticamente....

Um governo que à força quer acabar com a Constituição para poder fazer de forma livre e arbitrária tudo o que lhe mandam não chega a assustar, mas é premonição do que virá a seguir se deixarmos, e o povo é calmo e manso e deixa.... Já deixou antes, em nome do fim da anarquia da primeira República e depois ficou 48 anos a comer da mesma malga... O povo quer tranquilidade, paz e sossego e vai comer ar e vento em nome dessa paz complementada pelo fado, futebol e Fátima do século XXI...ou me engano ou ainda vou voltar a viver em ditadura...só que em 1972 era jovem e havia esperança, hoje estou velho e desesperançado. Termino citando este artigo de Luís Naves datado de 23/11/2013...

"Portugal é um protetorado? por Luís Naves, em 23.11.13

O texto que se segue foi publicado esta semana no site alemão Geolítico, onde chegou a estar em destaque:

A crise política portuguesa tem um curioso paradoxo: há um descontentamento universal e, no entanto, nada acontece.

Na última semana, um político de esquerda tentou lançar um novo partido, mas apenas 150 pessoas apareceram no evento. Se os portugueses não gostam da atual classe política, seria lógico que aparecessem novos grupos e novas caras. Se existe descontentamento geral, então as ruas deviam estar repletas de protestos sociais e de indignação. E, no entanto, nada acontece.

Os media estão contra o Governo, mas os dois partidos no poder continuam de forma teimosa a aparecer nas sondagens com um terço do voto potencial.

A maior formação da oposição, o Partido Socialista, parece estagnar nos 36%, com um líder que provavelmente perderia uma eleição primária no seu próprio partido, se houvesse uma. Os comunistas continuam a crescer e são a força mais coesa no espetro político, mas à custa do BE, o outro partido da esquerda. São ambos contra o memorando com a troica e têm 20% dos votos potenciais.

O vice-primeiro-ministro, Paulo Portas, usou por diversas vezes a expressão "protetorado financeiro" para descrever a situação do país.

Na minha opinião, ele poderia ter usado simplesmente a expressão "protetorado", pois esta paralisia não diz respeito apenas a dinheiro.

Na realidade, o futuro político de Portugal não está a ser discutido em público. Todos os dias, a oposição e os sindicatos apelam a eleições, mas sabendo que elas não são possíveis agora.

O governo podia ser totalmente diferente e ninguém daria por nada, porque teria de realizar as mesmas tarefas. Os ministros raramente aparecem em público e os que nunca aparecem são os mais populares.

No início do programa de austeridade, imposto pelo resgate em 2011, algumas pessoas disseram que o ajustamento era impossível no plano político.

O memorando da troica era inconstitucional, mas isso foi ignorado pelas mesmas pessoas que agora esperam que o Tribunal Constitucional consiga torpedear e afundar o programa de austeridade. Não houve alterações constitucionais, nem sequer foram discutidas, e acabar agora com o programa seria loucura, pois estamos a sete meses do seu fim e com os ALGUNS APARENTES sinais de recuperação económica.

Fogo lento. Como membro da zona Euro, Portugal teve crescimento lento durante uma década.

Ninguém teve a coragem política para fazer as necessárias reformas: pelo contrário, todos os governos deitaram dinheiro para a fogueira lenta.

Em 2010-11, Portugal estava brutalmente endividado, por isso os mercados financeiros deixaram de nos emprestar dinheiro.

Os bancos franceses e alemães eram os nossos credores, estavam cheios de obrigações do tesouro portuguesas que, em caso de bancarrota, valeriam zero.

Temendo um segundo colapso ao estilo da Lehman Brothers, os governos europeus garantiram o resgate, o que os Tratados europeus proibiam expressamente.

Vamos simplificar mais um pouco: os contribuintes alemães emprestaram dinheiro à República Portuguesa, evitando a bancarrota.

Isto permitiu aos bancos alemães a venda atempada da dívida portuguesa na sua posse e que perdera todo o valor. Esta passou para os bancos portugueses, pois estes tinham dívidas a bancos alemães.

O crédito europeu está a ser pago pelos contribuintes portugueses, com lucro para os credores.

As obrigações recuperaram algum valor e Portugal deve ser capaz de regressar aos mercados dentro de alguns meses, mas uma coisa é certa: graças aos contribuintes alemães, os bancos alemães estão seguros.

Os portugueses queixam-se muito, tinham uma dívida e o resgate salvou-os da bancarrota.

Os alemães também se queixam muito, pois salvaram os seus próprios bancos e o custo foi o de agora terem um pequeno protetorado nas costas atlânticas.

Ter um protetorado não é simples questão de posse. É preciso lidar com ele. Não é algo que se possa abandonar.

Esperar até junho

Portugal não é inteiramente soberano e o seu futuro dependerá em grande parte da Europa.

Este país não poderá ir para eleições antes de junho e não pode mudar de governo neste momento. Terá de encontrar uma forma de convencer os mercados de que pode pagar as suas dívidas. Os yields das obrigações a dez anos estão em 5,8%, mais de dois pontos acima das irlandesas.

Nos próximos seis meses deveriam baixar esses dois pontos percentuais e, se isso não acontecer, continuaremos um protetorado europeu. Até lá, não pode ocorrer nada de verdadeiramente importante.

O governo continuará a ser muito impopular, a oposição falará imenso, o país tentará tornar-se mais credível no exterior, o povo sofrerá mais cortes e mais impostos, a economia vai arrastar-se como um caracol e toda a gente será mais pobre, estará mais cansada e mais próxima do desespero.

O texto referia a situação política antes da cena das escadarias e da aula magna (policías vs manifestantes). Mantenho a análise. Julgo que estas tentativas de incendiar a situação não passam de retórica forte, embora com risco sério de cumprirem a sua própria profecia. O país tem três opções neste momento: programa cautelar, segundo resgate e saída do Euro.

Os leitores alemães continuam a escrever, nos comentários aos meus textos, que Portugal só tem uma alternativa viável, a saída do Euro. Isto corresponde provavelmente ao que pensa a opinião pública alemã e esse aspeto não é muito conhecido em Portugal.

CRÓNICA 136 OH! WHAT TO DO? 3 DEZEMBRO 2013

Dizia-me pessoa amiga, há dias, vais ver que quando menos se espera entra um maluco pelo parlamento adentro e com uma AK47 - dessas que se vendem em qualquer esquina - desata aos tiros e depois suicida-se ou vai viver à nossa custa o resto da vida numa cadeia.... Ingenuamente inquiri, só uma pessoa? Pensei que era metade da população portuguesa. Mas devem andar todos anestesiados e passivos com o excesso de flúor na água potável e se não se precaverem vai acontecer como na Eslováquia, Hungria, França em que a extrema-direita nazi começa a tomar conta do poder com a sua xenofobia, excesso de medidas de segurança, fecho de fronteiras, intolerância.

Em Espanha preparam-se para multar quem se manifeste e já fecharam uma estação de televisão com a polícia de choque.

Nos EUA há um Estado que vai vigiar os seus cidadãos através de drones telecomandados e o exército português pediu autorização para a ciberguerra.

A ficção não consegue acompanhar a realidade enquanto um ministro japonês e a senhora que chefia o FMI clamarem que os velhos não podem durar tantos anos.... Podem começar eles a darem o exemplo e desaparecerem da face da terra...

Por toda a parte se ouvem clamores contra o Tribunal Constitucional que passa a vida a vetar decisões inconstitucionais deste governo...bem queria este governo viver sem a Constituição que jurou defender, mas ainda não conseguiram.

Se fosse no tempo da Ditadura (1926-1933) era mais fácil e foi assim que o Oliveira Salazar veio a governar sem inibições. Ditadura Nacional foi a denominação do regime português saído da eleição por sufrágio universal do Presidente da República, marechal Óscar Carmona em 1928. Durou até 1933, ao ser referendada uma nova Constituição, que deu origem ao Estado Novo. Foi antecedida pela Ditadura Militar (1926-1928). O regime saído do golpe de Estado de 28 de maio de 1926 tornou-se uma Ditadura Militar ao suspender a Constituição de 1911. Na perspetiva dos militares, porém, uma Ditadura Militar não era um Regime, sendo necessário instituir um novo regime republicano com uma nova Constituição. Na eleição direta do Presidente da República, encontraram a "legitimidade nacional" para elaborar a nova Constituição que foi submetida a referendo em 1933 - a Constituição do Estado Novo que durou até ao 25 de abril.

A caridadezinha que ora impera em Portugal leva a campanhas do Banco Alimentar que servem para enriquecer os dois grandes grupos económicos dos supermercados Pingo Doce e Continente, mas os jornais relatam que alguns dos beneficiados (na Ribeira Grande em São Miguel, Açores) deitam ao lixo o que receberam...

De acordo com estatísticas publicadas na Revista "Time", o que os americanos desperdiçam num dia, em comida, daria para alimentar todos os pobres do Planeta durante um ano.

Entretanto as medidas transitórias, excepcionais, temporárias que vieram para ficar são publicadas diariamente no Diário da República, coartando direitos adquiridos e inalienáveis, pervertendo contratos firmados há décadas e substituindo-os por uma mão cheia de nada. Assim se roubaram as pensões aos idosos que para elas descontaram e com base nisso fizeram os planos de velhice, enquanto o Estado fazia tábua rasa desses contratos e as considera uma benesse do governo.

Depois, insatisfeito com isso aumenta impostos, deduções e taxas, além de as reduzir de forma arbitrária. Por outro lado, não se cansa de exortar os jovens a emigrarem pois assim se reduz o desemprego jovem no país.

O outro desemprego não parando de crescer, vê os seus apoios e subsídios cortados até que as pessoas os percam e possam ir para a miséria total, e se transformem todos em sem-abrigo que é a isso que o governo nos destina.

Enquanto isso, o governo continua a fechar serviços no interior, a dilapidar o serviço nacional de saúde, a ver se os velhos morrem todos e reduzem a pressão no pagamento de pensões, mas é uma chatice que estes velhos são durões e não há meio de morrerem. Mesmo sem tratamentos, nem medicamentos nem hospitais eles continuam a respirar...enquanto as penhoras não cessam de crescer, automaticamente as pessoas perdem casas, vencimentos, contas bancárias e os velhos que ajudavam os mais novos veem-se assim impossibilitados de manter viva a cadeia solidária das famílias.

Há dias houve uma manifestação das policías portuguesas que subiram as escadarias do parlamento, quinze dias depois o ministro vem anunciar promoções na carreira (estão congeladas em toda a função pública vai para três anos). Claro que é apenas um osso que permita a essas mesmas policías carregar sobre qualquer manifestante que tente subir as escadarias do parlamento.

Nas televisões e jornais de há uns anos a esta parte a técnica de desinformação e lavagem cerebral é a do medo constante, o anúncio de coisas horripilantes para entreter, enquanto se introduzem medidas que acabam com todo o Estado Social, com as réstias de democracia que teimam em perdurar...e o medo alia-se aos despedimentos e as pessoas comem com medo, dormem com medo, sonham com medo e acordam com medo. Incapazes de reagir, incapazes de fazer algo mais que não seja queixarem-se publicamente no Facebook e outras redes sociais.

O idoso Mário Soares e outros militares do 25 de abril proclamam a necessidade de se fazer pela força o que as manifestações pacíficas não conseguem..., a democracia é assim, e nunca se esqueçam de que foi assim que Adolf Hitler foi eleito. A mentira, a manipulação permanente, os negócios e negociatas com amigos e conhecidos que nem constam dos livros de corrupção, os desfalques e golpes para o erário público pagarem, a impunidade, o conluio entre os tribunais e os poderosos leva a que um jovem acusado de roubar (não pagar) 31 Euros de pizza tenha direito a julgamento com 3 juízes e a ameaça de uma pena de 8 anos, enquanto outros crimes maiores ou prescrevem, ou levam com uma penas suspensas, ou pura e simplesmente nem são julgados. Tudo é legítimo desde que seja roubar em proveito próprio, da banca que os alimenta e dos interesses que os manipulam como títeres.

Civilizações caíram por menos do que isto, mas esta está a demorar o seu tempo e quando cair não será apenas Portugal, nem a Europa nem os EUA, mas todo o mundo ocidental como o conhecemos.

Novas formas de barbárie e de escravatura vão sendo reveladas por entre notícias de xenofobia, discriminação e outras aberrações.

Tudo isto me lembra (PARA PIOR) histórias contadas na minha juventude pelo meu pai referindo-se ao período que antecedeu a segunda guerra mundial.

Este capitalismo selvagem não só ameaça destruir a raça humana como o resto do planeta. Não foi há muito tempo que esse símbolo capitalista que é o executivo chefe do conglomerado Nestlé, como podia ter sido o da Coca-Cola ou outro, dizia ser necessário privatizar a água de todo o mundo...claro que eles tomavam conta dela e o povo comprava.

Sabe-se que a água é o bem mais essencial do século XXI com milhões de pessoas sem acesso ou com acesso limitado a esse bem...

Em Espanha já perseguem os cidadãos que criam as suas redes domésticas de energia seja solar ou não, como uma grave infração ao monopólio - oligopólio do fornecimento de energia elétrica.

Num Estado qualquer dos EUA um casal viu destruída a sua horta que mantinha gloriosamente há 17 anos no jardim da casa por ser contrário à política municipal...

Os ricos e poderosos compram tudo e todos a começar pelos políticos, só nos EUA há 400 bilionários que valem 32 triliões de dólares ou seja tanto como 150 milhões de americanos juntos.

Nunca se viu tanta desigualdade em mais de um século e toda fruto da corrupção. Mais tarde ou mais cedo em Portugal e na Europa, será eleito um governo que tenha a coragem de um ato soberano democrático, recusando a chantagem de austeridade e desobedecendo às regras europeias que bloqueiam tudo menos o neoliberalismo.

Hoje há pessoas pagas pelos partidos, não duvido, para colocarem comentários críticos nos jornais on-line e nas redes sociais para quem critica os partidos, os governos e as suas políticas. É a prova que estão em total descrédito e que receiam uma opinião séria e responsável. É Portugal que está em causa, o nosso futuro como povo independente e soberano, não podemos ficar em silêncio quando os partidos, as sociedades secretas e não tão secretas que os sustentam se limitam a liquidar o país, em saldo, até que nada mais reste.

Noutra onda, surgem relatos de "chemtrails", ou seja, aquelas nuvens esquisitas que duram uma eternidade e lembram rastros de aviões a jato que despejam nanopartículas de alumínio que pode ser responsável pelo surgimento de doenças neurodegenerativas como Alzheimer, Parkinson, Lou Gehrig (ALS). Esta forma de geoengenharia destinada a mudar o clima, a criar chuva e coisas semelhantes existe há muitos anos, mas não estava então na esfera da CIA, NSA e outras agências norte-americanas de segurança nacional... Se estas técnicas reduzem o aquecimento da atmosfera e aprisionam gases quentes a atmosfera, será bom recordar que o fazem com óxidos de metais de elevada emissão e baixa refletividade como o óxido de alumínio. (pode ler mais aqui <http://www.collective-evolution.com/2013/11/01/neurosurgeon-voices-health-concerns-over-geoengineering-and-chemtrails/>)

E há uma pergunta que gostaria de deixar a todos enquanto os poderosos tentam eternizar a crise para se manterem no poder e retardar a revolução....

Mas fica para outra vez.



TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA,
LER UMA BOA POESIA,
VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL,
DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS.
GOETHE

Badana 1

Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, cavaleiros da Távola Redonda e uma busca do Santo Graal. Aqui não há nem Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moínhos de vento, contra os quais espadanar.

Há apenas um aprendiz de escriba, cavaleiro da poesia e utopia, temeroso e aventureiro, sequioso na sua aprendizagem constante de outras línguas, hábitos e culturas.

De Trás-os-Montes, sua mátria desconhecida, partiu à conquista do "lulic" em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevivendo a um "Anno Horribilis" no Verão Quente (1975, Portugal), atravessando as Portas do Cerco (na China de Macau), percorrendo os Estados da Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com breves passagens pelas Índias, pelo Oriente do Meio e seus emirados, metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil, Portugal e outros países

Por fim, iria aterrar como um milhafre, Buteo buteo rothschildi, na ilha de S. Miguel (Açores) donde partiu em conquista fugaz de Santa Maria, Faial, Pico, Graciosa, S. Jorge, Terceira, Flores e Corvo.

Se na pátria Austrália descobriu uma tribo aborígine a falar crioulo português há mais de 450 anos, na propecta Bragança descobriu a sua mátria e nos Açores descobriu o que o mundo desconhecia, uma literatura distinta.

Esta viagem leva o leitor num périplo pelo mundo enquanto o autor vai cronicando, como Marco Polo, ou Fernão Mendes Pinto a sua vida, as terras, as gentes e os costumes e tradições. Da análise política, social e pessoal parte à descoberta de culturas. Recupera as origens, retorna ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, até se radicar nesta "Atlântida" onde irá desvendar, divulgar e dilatar desveladamente uma fértil açorianidade literária, fundíbulo de autonomias e independências por cumprir.



chrys@lusofonias.net -

J. Chrys Chrystello (n. 1949-) cidadão australiano que não só acredita em multiculturalismo, como é disso um exemplo. Nasceu numa família mesclada de Galego-Português, Brasileiro (carioca), Alemão, do lado paterno, Português e marrano transmontano do materno.

Publicou em 1972 o seu primeiro livro **"Crónicas do Quotidiano Inútil, vol. 1"** (poesia).

O exército colonial português levou-o a viver em Timor (setº 1973- jun 1975) onde foi Editor-chefe do jornal local (A Voz de Timor, Díli) antes de ir à Austrália em 1975 decidir adotá-la como pátria.

Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor. Durante mais de duas décadas escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1967 até hoje dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa).

De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Companhia de Electricidade de Macau. Em Macau foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a ERM/ Rádio 7/ Rádio Macau / TDM e RTP Macau e jornalista para a TVB - Hong Kong.

Viveu em Perth, radicou-se em Sydney (e migrou para Melbourne). Durante os anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país.

Foi Jornalista no Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no Ministério Federal da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários.

Divulgou desde 1985 a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos).

Durante mais de vinte anos (1984-2004) foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Tradutor e Intérprete (Ministério Estadual da Imigração, Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul).

Foi Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters).

Lecionou Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes em Sidney na UTS (Universidade de Tecnologia de Sidney).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS (1999-2005).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido (2000-2012)

Foi Revisor (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia (2005-2012).

Foi Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores. (2008 a 2012)

Em 1999, publicou a sua tese **"Timor Leste: o dossiê secreto 1973-1975"** (ensaio político), esgotado ao fim de três dias.

Em 2000 publicou a 1ª edição da monografia **"Crónicas Austrais 1976-1996"**.

Em 2005 publicou o **"Cancioneiro Transmontano 2005"**

Nesse ano publicou (e-book DVD) outro volume da trilogia **"Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter"**.

Entre 2006 e 2010, traduziu, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês: Daniel de Sá (Sta. Maria ilha-mãe; O Pastor das Casas Mortas; S. Miguel: A Ilha esculpida; e Ilha Terceira, Terra de Bravos), de Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), Victor Rui Dores (Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel).

Em 2011 traduziu a **Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos** para inglês

Em 2012 traduziu de Caetano Valadão Serpa **"Uma pessoa só é pouca gente, o sexo e o divino."**

Desde 2005 traduziu vários excertos de obras de dezenas de escritores açorianos integrados em projetos dos Colóquios da Lusofonia (Antologias).

Em 2009 publicou o volume 1 da trilogia **"CrónicaAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores"**, (esgotado) cronicando as suas viagens pelo mundo.

Em 2011 publicou o volume 2 da trilogia **"CrónicaAçores: uma Circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores"** (ed. Calendário das Letras).

Em outubro de 2012 lançou a sua obra completa de poesia **"Crónica do Quotidiano Inútil (vol. 1 a 5)"**, a assinalar os 40 anos de vida literária.

Em 2015 lançou a 4ª edição de **"Crónicas Austrais 1978-1998"**.

Também em 2015 editou a obra completa dos 3 volumes da **"Trilogia da História de Timor"**

Em 2015 fez a revisão e compilação da obra de Dom Carlos Ximenes Belo, **"Padre Carlos da Rocha Pereira. Missionário açoriano em Timor"**, vol. 1 da série Missionários Açorianos em Timor, ed. AICL e Moinho Terrace Café

Em 2017 lançou o seu opus magister **"Bibliografia Geral da Açorianidade"** em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e teve vários trabalhos (ensaio e poesia) publicados em antologias.

Em 2017, reviu, adaptou e traduziu para inglês o livro **"O Mundo Perdido de Timor-Leste"** de José Ramos-Horta e Patricia Vickers-Rich

Lançou em 2018 **"Fotoemas"**, foto e-book, com fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores, de Chrys Chrystello edição e-livro <http://www.blurb.com/books/8752953-fotoemas>

Em 2018, fez a revisão e compilação de **"Missionários açorianos em Timor"** vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas

Em 2018 finalizou o volume 3 de **"CrónicaAçores uma circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores"** cronicando as suas viagens pelo mundo

Completo a **Crónica do Quotidiano Inútil vol. 6 (Obras completas de poesia)**

Considera marcantes a Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras (29.3.2010) com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, e ser admitido (5.10.2012) como Académico Correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa).

É Editor dos **Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL**, publicação online,

2019 Nomeado Vice-presidente de PPdM - Oceania - Vice-Presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo

2019 Nomeado membro do Pen International (Açores)

Preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (30 edições, 2 ao ano).

<https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html> www.lusofonias.com

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOL. 3 ANO 2013- SEM CORTES (CRÓNICAS 124 A 136 - 2013)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE

O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS. (HECTOR BERLIOZ